



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**



**ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA**

**A INFLUÊNCIA DO AMOR NA VIOLÊNCIA NO NAMORO EM
ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR**

Ana Marta Silveira Monteiro dos Santos

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

2019



**POLITÉCNICO
DE LISBOA**



**ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA**

**A INFLUÊNCIA DO AMOR NA VIOLÊNCIA NO NAMORO EM
ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR**

Ana Marta Silveira Monteiro dos Santos

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária
Orientadora: Prof. Doutora Ana Veríssimo Ferreira
Coorientadora: Prof. Doutora Catarina Tomás

2019

AGRADECIMENTOS

Porque a realização de uma dissertação representa um processo longo, conturbado e exaustivo que, apesar de ser muitas vezes solitário, só é possível de concretizar se tivermos o apoio e dedicação de quem nos rodeia, quero expressar aqui o meu profundo agradecimento:

À minha mãe, pelo amor incondicional sempre demonstrado, por me ter dado a liberdade para traçar o meu próprio caminho, pela inestimável paciência, pelas palavras de conforto, por saber sempre o que dizer, por me fazer acreditar que é possível e porque sem ela eu não seria quem sou.

À minha avó, pela preocupação, afeto e pelas palavras de carinho.

Ao César, pelo carinho, por todos os conselhos, pela disponibilidade demonstrada para me ajudar a superar alguns obstáculos e etapas, pela (im)paciência e por ter insistido para que não me esquecesse de outros aspetos importantes da minha vida.

À Maria, pelas conversas longas, pelas reflexões sobre a vida e por todo o apoio nos dias mais difíceis e à Filipa, por ouvir os meus desabafos, por toda a ajuda e pela disponibilidade constante.

À minha irmã, por me transmitir a motivação que às vezes faltava, pelo carinho e amor e por me compreender mesmo no silêncio.

A todos os membros da minha família de sangue e de coração, que de forma direta ou indireta participaram neste processo, porque a família é tudo.

À minha orientadora Professora Doutora Ana Veríssimo Ferreira e coorientadora Professora Doutora Catarina Tomás, por me ajudarem nas infinitas dúvidas que surgiam, pelo entusiasmo sobre o tema e por todo o apoio, incentivo e colaboração determinantes na execução deste trabalho.

A todos/as os/as professores/as que a dado momento tiveram a oportunidade de conhecer um pouco a presente investigação, por todas as sugestões relevantes realizadas, em especial a Professora Doutora Ana Gama, Professora Doutora M^a João Hortas e Professora Doutora Joana Campos.

À Professora Doutora Adriana Cardoso, por me transmitir os seus conhecimentos e conselhos sobre escrita académica e por toda a ajuda prestada.

À Doutora Rosa Saavedra, pela disponibilidade sempre demonstrada, pelo apoio e por todas as dúvidas esclarecidas ao longo deste processo.

A todos/as os/as professores/as que cederam o seu tempo e aceitaram colaborar com o presente estudo, oferecendo apoio no processo de recolha de dados.

A todos/as os/as estudantes que tiveram a gentileza de se disponibilizar para participar de forma voluntária neste estudo. Sem a sua colaboração este trabalho não poderia ter sido realizado.

À Patrícia Pereira, pela bibliografia cedida e por todo o apoio e amizade demonstrados.

Aos/às meus/minhas colegas, pela simpatia e camaradagem, pelas reflexões partilhadas e pelo encorajamento constante.

Aos/às amigos/as, pelos momentos de descontração partilhados e por perceberem as minhas ausências.

Finalmente, agradeço a todos/as aqueles/as que direta ou indiretamente ajudaram na concretização deste trabalho e que, apesar de não terem sido mencionados/as, estiveram, de uma forma ou outra, presentes.

A todos vós: um enorme obrigado!

RESUMO

A violência no namoro entre estudantes do ensino superior surge como o tema central da presente dissertação, sendo o seu objetivo principal averiguar a possível existência de uma relação entre as atitudes relativamente ao amor e as atitudes acerca da violência no namoro e explorar, também, a existência de possíveis diferenças nessas atitudes em função de variáveis sociodemográficas e contextuais, em estudantes que frequentem maioritariamente o 1º ano de todas as licenciaturas ministradas numa das instituições de ensino superior da área de Lisboa. O estudo empírico assume uma natureza quantitativa, recorrendo à aplicação de um questionário de dados sociodemográficos e contextuais e de duas escalas, nomeadamente, a “Escala de atitudes em relação ao amor” (Neto, 1992) e a “Escala de atitudes acerca da violência no namoro” (Saavedra, Machado & Martins, 2017), numa amostra constituída por 210 estudantes. Os resultados obtidos sugerem que a maioria dos/as participantes se identificam mais com os estilos de amor companheiro (*Storge*), apaixonado (*Eros*) e altruísta (*Ágape*), revelando, também, uma baixa concordância com a violência no namoro, sendo que os rapazes manifestam mais atitudes legitimadoras da mesma, comparativamente às raparigas. Ainda assim, observa-se a presença de alguma tolerância, no geral, face à violência psicológica e física feminina e à violência psicológica masculina. Verifica-se, também, que as variáveis sexo, curso frequentado, prática religiosa e pessoa na qual se está a pensar aquando o preenchimento do questionário influenciam as atitudes dos/as participantes acerca da violência no namoro e que as variáveis sexo, orientação sexual, estado civil, experiência em relações amorosas, pessoa na qual se está a pensar aquando o preenchimento do questionário e duração da relação influenciam as atitudes dos/as mesmos/as em relação ao amor. Por último, os resultados sugerem a existência de uma relação de influência entre as distintas subescalas referentes à legitimação da violência no namoro, bem como entre determinadas atitudes de legitimação da mesma e alguns estilos/atitudes relativamente ao amor, à exceção do estilo de amor companheiro (*Storge*) que se manifesta neutro neste aspeto.

Palavras-chave: Violência no namoro, Estilos de amor, Estudantes do ensino superior, Relações amorosas.

ABSTRACT

Dating violence among higher education students emerges as the theme of the present dissertation. Its main objective is to identify the possible existence of a correlation between attitudes related to love and attitudes towards dating violence, as well as study possible differences in those attitudes depending on the influence of sociodemographic/contextual variables, in students attending mainly the 1st year of all the courses held in one higher education institution in Lisbon. This empirical study adopts a quantitative methodology, using a questionnaire that included sociodemographic/contextual measures and two scales, specifically the “Escala de atitudes em relação ao amor” (Love Attitudes Scale) (Neto, 1992) and the “Escala de atitudes acerca da violência no namoro” (Attitudes Towards Dating Violence Scale) (Saavedra, Machado & Martins, 2017), in a sample of 210 students. The results obtained in this study suggest that most of the participants identify themselves more with the friendship (*Storge*), passionate (*Eros*) and altruistic (*Ágape*) love styles and show a low level of acceptance regarding dating violence, being that male students are more accepting than female students. Nevertheless, it is possible to identify some acceptance of female psychological and physical violence along with male psychological violence. It is also possible to perceive that the variables sex, type of course, religiosity and person who one is thinking about whilst answering the questionnaire, influence the attitudes of the participants towards dating violence. In addition the variables sex, sexual orientation, marital status, experience in love relationships, person who one is thinking about whilst completing the questionnaire and duration of the relationship, influence their attitudes towards love. Lastly, the results suggested that the distinct subscales regarding the Attitudes Towards Dating Violence Scale are intercorrelated, as well as the existence of a relationship between certain dating violence supportive attitudes and some attitudes towards love, with the exception of friendship love style (*Storge*) which manifests itself as neutral in this specific aspect.

Keywords: Dating violence, Love styles, Higher education students, Love relationships.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL.....	4
CAPÍTULO 1 - O AMOR	4
1.1. O conceito de amor.....	4
1.2. Teorias sobre o Amor	7
1.3. As relações amorosas entre os/as jovens.....	16
CAPÍTULO 2 – VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS.....	23
2.1. Violência entre parceiros íntimos: Do conceito à investigação do fenómeno. 23	
2.2. Violência no namoro: Expressões e prevalência	31
2.3. Atitudes e crenças acerca da violência no namoro	37
CAPÍTULO 3 – O AMOR E A VIOLÊNCIA	45
3.1. Relação entre o conceito de amor e a violência entre parceiros íntimos	45
PARTE II – CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	52
4.1. Problemática, objetivos e hipóteses	52
4.2. Metodologia	54
4.3. Amostra	58
4.4. Instrumentos de recolha de dados	62
4.4.1. Questionário de dados sociodemográficos e contextuais	62
4.4.2. Escala de Atitudes em relação ao Amor	63
4.4.3. Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro.....	65
4.5. Procedimentos.....	68
4.5.1. Procedimentos gerais.....	68
4.5.2. Procedimentos estatísticos.....	72
PARTE III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	73
5.1. Resultados da investigação	73
5.1.1. Análise das características psicométricas das escalas em estudo	73
5.1.2. Escala de atitudes em relação ao amor.....	74
5.1.3. Escala de atitudes acerca da violência no namoro	75
5.1.4. Análise da influência das variáveis sociodemográficas e contextuais.....	76
5.1.5. Correlações entre as subescalas pertencentes à EAA e à EAVN.....	82
5.2. Discussão dos resultados	84

CONCLUSÕES.....	97
REFERÊNCIAS	107
ANEXOS.....	123

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da amostra (N=210).....	59
Tabela 2. Caracterização da amostra face às suas relações amorosas (N=210).....	62
Tabela 3. Dados referentes à Consistência Interna e à Validade da EAA e da EAVN.	74
Tabela 4. Média, desvio padrão, mínimos e máximos obtidos nas subescalas da EAA...	75
Tabela 5. Média, desvio padrão, mínimos e máximos obtidos nas subescalas da EAVN	76
Tabela 6. Influência da variável sexo no que diz respeito à EAA e à EAVN.....	77
Tabela 7. Influência da variável curso frequentado no que diz respeito à EAVN.....	78
Tabela 8. Influência da variável orientação sexual no que diz respeito à EAA.....	78
Tabela 9. Influência da variável estado civil no que diz respeito à EAA.....	79
Tabela 10. Influência da variável prática religiosa no que diz respeito à EAVN.....	79
Tabela 11. Influência da existência ou não de experiência em relações amorosas no que diz respeito à EAA.....	80
Tabela 12. Influência da pessoa na qual se está a pensar aquando o preenchimento do questionário no que diz respeito à EAA e à EAVN.....	81
Tabela 13. Influência da duração da relação no que diz respeito à EAA.....	82
Tabela 14. Correlações entre as subescalas que integram a EAVN.....	83
Tabela 15. Correlações entre as subescalas que integram a EAA e a EAVN.....	84
Tabela A1. Diferenças entre o sexo feminino e masculino nas atitudes em relação ao amor segundo a literatura.....	124
Tabela B1. Diferenças entre o sexo feminino e masculino no que diz respeito à perpetração e vitimação de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura ...	125
Tabela C1. Prevalência dos distintos tipos de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura.....	126
Tabela D1. Prevalência de atitudes legitimadoras dos distintos tipos de violência no namoro segundo a literatura.....	127
Tabela E1. Diferenças entre o sexo feminino e masculino nas atitudes legitimadoras de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura.....	128
Tabela F1. Variáveis associadas à maior ou menor presença de atitudes legitimadoras face à violência entre parceiros íntimos segundo a literatura.....	129

LISTA DE ABREVIATURAS

APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
ATDVS	Attitudes Toward Dating Violence Scale
CIG	Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
EAA	Escala de Atitudes em relação ao Amor
EAVN	Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro
ES	Educação Social
LAS	Love Attitudes Scale
LASC	Licenciatura em Animação Sociocultural
LAVT	Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias
LEB	Licenciatura em Educação Básica
LMAC	Licenciatura em Mediação Artística e Cultural
LMC	Licenciatura em Música na Comunidade
OMS	Organização Mundial da Saúde
UMAR	União de Mulheres Alternativa e Resposta
VFF	Atitudes acerca da violência física feminina
VFM	Atitudes acerca da violência física masculina
VPF	Atitudes acerca da violência psicológica feminina
VPM	Atitudes acerca da violência psicológica masculina
VSF	Atitudes acerca da violência sexual feminina
VSM	Atitudes acerca da violência sexual masculina

INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no âmbito do mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Neste sentido, salienta-se, antes de mais, a perspetiva veiculada no Código Deontológico do Técnico Superior de Educação Social¹, ao referir que a Educação Social (ES) assenta num conjunto de conhecimentos e competências, viabilizando resultados pedagógicos no desenvolvimento, transformação e progresso de sujeitos e comunidades, inseridos numa multiplicidade de contextos socioeducativos, através de práticas profissionais inscritas numa relação educativa. Dessa forma, atendendo ao contributo do referido documento, sublinha-se a importância de produzir conhecimentos teóricos, metodológicos e técnicos, a partir dos contributos de disciplinas como a Psicologia e a Sociologia, que sejam orientadores da ação socioeducativa. Por outras palavras, apesar de a investigação não ser um elemento necessariamente inscrito no perfil do Educador Social, esta representa a base das suas práticas.

A perspetiva acima exposta serviu, de certa forma, de fio condutor de todo o trabalho desenvolvido na presente investigação, tendo esta como objeto de estudo as atitudes acerca da violência no namoro, entre estudantes do ensino superior, à luz da influência de algumas variáveis sociodemográficas e contextuais e das atitudes e conceptualizações dos/as mesmos/as em relação ao amor.

A violência no namoro tem sido alvo de preocupação, pelo seu efeito devastador no que diz respeito às vítimas (Fernandes, 2013; González, 2007; Monteiro, 2013; Santos, 2013; Teixeira, 2015) e por se apresentar atualmente como um fenómeno presente (Monteiro, 2013; Teixeira, 2015), principalmente entre estudantes do ensino superior (cf. Karakurt, Keiley & Posada, 2013), destacando-se as atitudes dos sujeitos face a dito fenómeno como um fator de influência preponderante relativamente à prevalência de comportamentos abusivos entre parceiro íntimos (Félix, 2012; Lopes, 2014; Saavedra, 2010).

Por outro lado, apesar da multiplicidade de fatores promotores de violência entre parceiros íntimos sugerida na literatura (cf. Lewis & Fremouw, 2001), o conceito

¹ Consultado a 11 de Abril de 2018 em <https://tinyurl.com/kq3loxy>

de amor e a sua possível relação com dito fenômeno raramente surge abordado (cf. Dias & Machado, 2011). São também várias as abordagens realizadas no âmbito do(s) conceito(s) de amor (Dias, 2012) e das relações amorosas, negligenciando-se, no entanto, muitas vezes a questão da existência ou persistência de violência nessas mesmas relações.

Contudo, alguns autores referem a possibilidade de o(s) conceito(s) de amor influenciar tanto o surgimento ou manutenção da violência entre parceiros íntimos, como o seu reconhecimento/legitimação (Félix, 2012; Nascimento, 2009; Pérez, Fiol, Guzmán, Palmer & Buades, 2008; Ruitiña, 2012), ou, inclusive, a existência de uma forte associação entre as atitudes em relação ao amor patentes nos sujeitos e a forma de gerir os conflitos que emergem nas respetivas relações íntimas (cf. Varas, 2016). No entanto, são poucas as investigações que abordam e analisam a referida relação, principalmente no que diz respeito à população jovem (cf. González, 2007), o que dificulta a intervenção sobre o fenômeno.

Muitos autores sublinham, ainda, a importância de desenvolver programas eficientes de prevenção no âmbito da violência no namoro, focados na alteração tanto dos comportamentos abusivos, como das atitudes legitimadoras de violência nas relações íntimas e das normas sociais que promovem o seu uso (Machado, Caridade & Martins, 2010; Moyeda, Velasco & Ojeda, 2013; Rey-Anacona, 2015; Schwartz, Griffin, Russell & Frontaura-Duck, 2006). No entanto, a observação de alguns dos projetos elaborados e efetivados nesse sentido, revela, também, uma inexistente ou escassa abordagem ao(s) conceito(s) de amor como fator de risco (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2005; Gómez & Anacona, 2014; Hays, Michel, Bayne, Colburn & Myers, 2015; Saavedra, Martins & Machado, 2013; Schwartz et al., 2006).

Como tal, a presente dissertação pretende, não só contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos no âmbito do(s) conceito(s) de amor e do fenômeno da violência no namoro, no que diz respeito aos/às estudantes do ensino superior e para a análise da influência do(s) conceito(s) de amor como fator de risco na legitimação de violência no namoro, como também promover uma reflexão sobre o papel do(s) referido(s) conceito(s) na prevenção deste fenômeno, sustentando-se, para esse efeito, em três programas: - teórico, epistemológico e educacional.

O primeiro designa-se como programa teórico e assenta na assunção, neste trabalho, de um diálogo multidisciplinar estabelecido entre a Psicologia, a Sociologia e

a ES. Partindo do extenso legado da Psicologia acerca da temática do amor, a presente dissertação defende a necessidade de se articular esse conhecimento com outros. Por conseguinte, convocou-se a Sociologia e a ES, esta última a área do mestrado, como campos essenciais, no sentido de se ampliarem as dimensões sociais, culturais e educativa dos fenómenos em análise. Por outro lado, como já referido, a revisão bibliográfica no âmbito da ES revela uma ausência na abordagem ao conceito de amor, especialmente como uma variável importante face à violência no namoro. O segundo designa-se como programa político e exprime-se na constatação de que, apesar de o fenómeno da violência no namoro apresentar, na atualidade, alguma visibilidade social, jurídica e mediática, se sublinha, ainda, a inegável necessidade de realizar mais investigações sobre o fenómeno que permitam não só compreendê-lo melhor, mas também que sustente o desenvolvimento tanto de políticas sociais (cf. Hespanha, 2008), como de projetos de intervenção mais eficazes e articulados. Por último, o programa educacional que parte do pressuposto de que é imprescindível desenvolver projetos sociais no campo da violência no namoro eficazes e suportados por diagnósticos completos e por conhecimentos assentes numa matriz multidisciplinar e em dados provenientes da investigação.

Assim, a presente investigação encontra-se organizada em quatro partes essenciais. A primeira parte centrar-se-á no enquadramento teórico-conceitual, onde se pretende analisar conceitos, teorias e investigações relevantes para as temáticas em estudo e é constituída por três capítulos: O primeiro aborda o fenómeno do amor e as relações amorosas entre os/as jovens. O segundo capítulo centra-se na discussão sobre a violência entre parceiros íntimos, mais especificamente sobre a violência no namoro e as atitudes e crenças acerca da mesma. O terceiro capítulo aborda a relação entre o conceito de amor e a violência entre parceiros íntimos.

A segunda parte da dissertação é dedicada à conceptualização da investigação, onde são apresentados a problemática, os objetivos, as hipóteses do estudo, as questões metodológicas, a caracterização da amostra, a descrição dos instrumentos de recolha de dados utilizados e os procedimentos levados a cabo. A terceira parte debruça-se sobre a apresentação e discussão dos resultados obtidos a partir do estudo empírico, procurando responder aos objetivos e hipóteses tratados. Por último a quarta parte foca-se nas principais conclusões do estudo, bem como na reflexão sobre as limitações da investigação, sendo, também, indicadas algumas pistas para futuras investigações.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

CAPÍTULO 1 - O AMOR

1.1. O conceito de amor

Como refere Barreto (2014), o afeto que sentimos pelo outro nasce com o ser humano e acompanha-o no seu percurso de vida, sendo fundamental ao mesmo. Dessa forma, a autora expõe que ao considerar-se esses mesmos afetos como a expressão de uma relação existente entre pessoas, que procuram não só a proximidade física como também a segurança emocional, a exclusão do conceito amor torna-se impossível.

Ao longo do tempo as relações de intimidade têm sido o centro de diversas abordagens no âmbito tanto da Psicologia como da Sociologia, principalmente no que diz respeito às relações de intimidade entre parceiros românticos (Djikic & Oatley, 2004; Guedes, 2011). Nesse sentido, foi no campo da Psicologia, a partir do seu âmbito clínico, que surgiram as primeiras teorias sobre o amor (cf. Martins-Silva, Trindade & Júnior, 2013). Segundo Martins-Silva et al. (2013) essas mesmas teorias emergiram como um relevante contributo para o estudo do referido fenómeno e serviram de base, pelo menos em parte, à materialização de novas teorias sobre o mesmo.

Foi precisamente no campo da Psicologia Social e da Sociologia, com especial destaque para os trabalhos de Francesco Alberoni e Julia Carter que surgiram os primeiros estudos científicos relativamente ao amor, entre as décadas de 60 e 70 do século XX, embora sem grande continuidade, exceto a partir da década de 80, onde se observa o reavivar do interesse científico sobre a temática (Júlio, 2011; Neto, 1992). No entanto, tendo em conta a multidimensionalidade e complexidade do referido fenómeno, esses mesmos estudos têm apresentado resultados pouco consistentes (Dias, 2012; Pinto, 2009) e dissemelhanças teóricas e metodológicas (cf. Martins-Silva et al., 2013).

Por outro lado, como referem Avinash, Kalra, Subramanyam, Shah e Kamath (2015), tentar estabelecer uma definição de amor é uma tarefa complexa, tendo em

conta a polissemia e os distintos significados da palavra amor. Assim, esclarece-se que a presente dissertação pretende centrar a sua análise no amor interpessoal associado às relações amorosas, românticas ou de casal.

Efetivamente são diversas as definições atribuídas por distintos/as autores/as ao conceito de amor, algumas quase exclusivamente lógicas e outras emocionais, o que representa uma enorme dificuldade em chegar a uma definição única e/ou consensual. Contudo, como refere Júlio (2011), tendo em consideração que se trata de um construto, cada definição que emerge se torna relevante ao acrescentar algo ao já conhecido.

Alguns autores definem o amor como uma atitude ou como uma emoção (Morais, 2015), ou, por outras palavras, como um estado emocional e motivacional (Marzec & Lukasik, 2017) que pode ser experienciado ocasionalmente ou durante um período de tempo longo e manifestar-se de distintas formas e com intensidades diferentes (Morais, 2015). Neto (1992) refere o amor como uma emoção prototípica e importante, conferindo-lhe dois sentidos, nomeadamente, um estado emocional curto e uma contínua disposição para disfrutar dessas mesmas emoções relativamente ao outro. Por esse motivo, o mesmo autor expõe, assim, o conceito de emoção como um construto organizado e envolto em determinados padrões (de avaliações, interesses e propensões para a ação), todos eles complexos.

No caso dos autores Beall e Sternberg (citado por Júlio, 2011), estes expõem o amor como “uma construção social que pode ser traduzida como uma experiência emocional não universal que é definida de forma diferenciada em função das culturas onde tem lugar” (p. 46). Já Narváez, Parra, Alonso & Madera (2017) definem o amor como um sentimento associado ao apego e ao afeto, como uma forte atração emocional sentida pelo outro e como uma união incondicional entre dois elementos, que se protegem e cuidam na busca de bem-estar mútuo e de expressões de afeto físico. Segundo os mesmos, este sentimento poderá desenvolver-se de forma positiva ou negativa, dependendo de fatores situacionais.

Para além destas definições, existem ainda autores que definem o amor como um veículo para a criação de apego, unindo os parceiros para a mútua realização benéfica do objetivo reprodutivo e evolutivo (cf. Marzec & Lukasik, 2017) ou como uma troca que envolve custos e benefícios, incluindo elementos de troca como o sexo, o apoio social e a comida (Djikic & Oatley, 2004). Segundo Djikic e Oatley (2004), estas abordagens oferecem um contributo perspicaz e importante ao estudo psicológico das

relações humanas. No entanto os autores referem que, tendo como base ditas perspectivas, torna-se difícil perceber o porquê de a nossa imaginação cultural invocar e estimar tanto a ideia de amor, observando-se, por exemplo, uma insistência por parte da cultura ocidental em fantasiar o amor como algo único, místico, elusivo e duradouro.

Já na perspectiva neurobiológica a dopamina e a norepinefrina, referidas como estimulantes naturais do órgão cerebral e como responsáveis pela excitação sexual e pela motivação para determinado objetivo, surgem sublinhadas pela sua função essencial no desenvolvimento do amor, nomeadamente do amor romântico, tendo em conta que o sujeito centra intensivamente a sua atenção na pessoa que ama (Morais, 2015). Moraes (2015) explica, por exemplo, que quando a presença de norepinefrina é excessiva, o sujeito relembra tanto os momentos partilhados com o/a seu/sua parceiro/a, como os pormenores acerca deste/a.

Assim, parece ser que o amor surge como um conceito subjetivo e complexo, que sofre alterações segundo a temporalidade, a época ou a cultura na qual se insere, apesar do seu caráter intemporal, estando os seus diversos significados dependentes destes mesmos fatores (Dias, 2012; Júlio 2011; Torres, 1987). Conceito esse que se torna relevante ao determinar em parte o que o sujeito sente e a forma como atua nos seus relacionamentos mais íntimos (Santos, 2009).

Vários autores sugerem, ainda, que o amor apresenta três fases no âmbito de um relacionamento continuado, sendo a primeira fase constituída pelo amor passional, fortemente baseado na sexualidade e no desejo intenso de união com o outro (Narváez et al., 2017; Santos, 2009), implicando a ativação intensa do sujeito; seguida da fase do amor romântico que, apesar de se confundir com o amor passional por ser igualmente intenso, se distingue por uma maior focalização do sujeito (quase exclusivamente) na experiência de amor, na pessoa amada e na idealização desta, sobre a qual ainda pouco conhece verdadeiramente, do que no contacto sexual com a mesma; e, por fim, a fase do amor conjugal ou companheiro onde se destaca um maior envolvimento com o/a parceiro/a, sendo uma forma de amor menos intensa que emerge depois de os sujeitos se conhecerem bem (Santos, 2009). Ainda assim, importa referir que as relações de longa duração não evoluem necessariamente para este último tipo de amor (Smith & Klases, 2016).

O amor é, assim, considerado como o motor da existência humana e encontra-se patente em todas as culturas e espaços (e.g. na música, na arte, na literatura)

(Serrão, 2015). Tido como um dos aspetos mais essenciais para o ser humano (Neto, 2007) e como um elemento fundamental numa relação amorosa, este fenómeno encontra-se indubitavelmente presente em todos os indivíduos e durante toda a sua vida, sendo promotor de diversos sentimentos (Morais, 2015) e emergindo de interações sociais formadas com outros indivíduos relevantes para os mesmos (Oliveira, 2013).

Assim, cada sujeito ao longo da vida vivencia incontáveis histórias de amor, sendo o desenvolvimento e a intensidade dessas vivências afetivas essenciais para o desenvolvimento e concretização pessoal do próprio, bem como para o fortalecimento da sua consciência individual e para a construção das identidades coletivas e individuais (Guedes, 2011; Monteiro, 2013; Torres, 1987). Nesse sentido, sublinha-se a importância de definir a existência de padrões dominantes, que segundo Torres (1987) passa indispensavelmente por uma análise que inclua os atores sociais, com todas as suas práticas e dimensões simbólicas.

1.2. Teorias sobre o Amor

Como refere Tolstoy (2004, p.134) “*There are as many loves as there are hearts*”. Corroborando esta frase, Neto (1992) menciona o facto de algumas investigações denotarem uma divergência entre indivíduos no que diz respeito às experiências concretas de amor, o que, segundo o mesmo, parece apontar para a existência de distintos tipos de amor. Assim, apesar de a capacidade de amar ser aparentemente universal, a forma de expressar e vivenciar esse amor difere de indivíduo para indivíduo (Waller & Shaver, 1994), estando as crenças associadas a dito conceito dependentes da demografia, dos recursos sociais, do estatuto dos sujeitos e principalmente das hierarquias relacionadas com o poder e o género (Rodríguez-Santero, Muñoz & Galvéz, 2017).

Nesse sentido, várias teorias e tipologias têm emergido no que diz respeito a este fenómeno (Neto, 2007) e o trabalho desenvolvido mais recentemente nesta área demonstra uma tendência para abordá-lo desde uma perspetiva complexa e multidimensional de amor (Neto, 2007; Waller & Shaver, 1994).

Berscheid (2006), por exemplo, sugere quatro tipos de amor, nomeadamente, o amor vincutivo, o amor compassivo, o amor companheiro e o amor romântico e Fehr

(2006) refere a existência de distintos protótipos de amor. Sternberg (2006), por outro lado, propõe a “Teoria triangular do amor”, defendendo que o amor implica a presença de três elementos, sendo estes a intimidade (emocional), a paixão (motivacional) e a decisão/compromisso (cognitivo). Segundo esta teoria, cada elemento apresentado representa metaforicamente o vértice de um triângulo e o equilíbrio entre ditos elementos formaria assim um triângulo equilátero, sendo que quanto maior for o amor, maior será a área do mesmo.

Além do referido, dita teoria pressupõe, também, o possível surgimento de oito tipos de estado ou padrões no que diz respeito ao amor, resultantes da associação entre os três elementos apontados, sendo estes: 1) *Non-love* (ausência de amor) – nenhum elemento presente; 2) *Liking* (gostar) – apenas está presente o elemento intimidade; 3) *Infatuated love* (amor apaixonado) – o único elemento presente é a paixão; 4) *Empty love* (amor vazio) – apenas está presente o elemento compromisso/decisão; 5) *Romantic love* (amor romântico) – estão presentes apenas os elementos paixão e intimidade 6) *Companionate love* (amor companheiro) – estão presentes todos os elementos exceto a paixão; 7) *Fatuous love* (amor ilusório) – não presença do elemento intimidade, sendo o compromisso/decisão “alimentado” apenas pelo elemento paixão; 8) e *Consummate love* (amor pleno) – presença dos três elementos (Sternberg, 2006).

Paralelamente, Sternberg (2006), acrescentando a perspectiva do construtivismo social, apresenta ainda a teoria “O amor como história”, defendendo que as noções sobre o amor e a forma que este adota num momento específico são influenciadas pelas “histórias” que cada indivíduo culturalmente constrói e assimila ao longo do tempo, tendo estas como base tanto as narrativas culturais às quais o indivíduo está exposto, como as suas próprias vivências pessoais, sociais e históricas (Dias, 2012). A “Dupla Teoria do Amor” de Sternberg surge assim da união entre as duas “subteorias” referidas (Dias, 2012).

Outra abordagem, que surge como uma das mais destacadas e que tem vindo a ser cada vez mais utilizada em investigações neste âmbito, tem como título “As cores do amor” e foi apresentada por Lee na década de 70 do século XX (González, 2007; Pérez et al., 2008; Pinto, 2009). Esta é considerada por Neto (1992) como a mais sofisticada das teorias sobre dito fenómeno e traz a vantagem, tanto de abarcar a maioria das propostas unifatoriais e bifatoriais nos estilos de amor que apresenta, o que a torna teoricamente mais eficiente comparativamente às mesmas (Hahn & Blass,

1997), como de sugerir uma potente abordagem multidimensional para a medição deste fenômeno, permitindo uma descrição mais compreensiva das diferentes atitudes presentes nas relações amorosas (cf. Neto, 1992).

Nela, o autor cria uma analogia entre as cores e os estilos de amor, sendo que tal como existem cores primárias que combinadas originam cores secundárias, também existem estilos de amor primários que combinados dão origem a estilos de amor secundários (Guedes, 2011; Neto, 2007), representando cada estilo uma variável contínua (Serrão, 2015). Por outras palavras, tendo como base uma vasta revisão da literatura e a análise qualitativa de dados de entrevistas realizadas a indivíduos de várias idades e provenientes de diversos contextos, o autor expõe os estilos *Eros*, *Ludus* e *Storge* como tipos de amor primários, cuja combinação originaria três estilos secundários com características próprias, nomeadamente, o estilo *Mania* (união de *Eros* com *Ludus*), o estilo *Ágape* (união de *Eros* com *Storge*) e o estilo *Pragma* (união de *Ludus* com *Storge*) (Neto, 1992, 2001; Pinto, 2009). Cada estilo representa, assim, a atitude que descreve como cada sujeito conceptualiza o amor no contexto da sua relação amorosa (Vedes et al., 2016).

Neto (1992) e Pinto (2009) definem estes seis principais estilos de amor como:

a) o estilo *Eros*, representante do amor romântico e da paixão. Este estilo é marcado por uma forte atração física, por uma focalização do sujeito nesta última, assim como na beleza e por um envolvimento a vários níveis o que leva a que o amor se desenvolva de forma mútua. Isto poderá implicar intimidade sexual, comunicação contínua e uma abertura completa. As principais características apresentadas por este estilo são a crença no “amor à primeira vista”, uma forte suscetibilidade aos defeitos físicos do/a parceiro/a, a autoconfiança e uma elevada autoestima que possibilitam que o sujeito se foque de forma intensa e exclusiva no/a parceiro/a sem a existência de sentimentos de possessão ou de ciúme.

b) o estilo *Ludus*, que representa os jogos de amor ou o amor como um jogo. Este estilo surge associado ao amor sem a existência de compromisso. O indivíduo não vê o amor como algo muito sério, tem gosto em ter várias atividades, prazeres e parceiros/as, não havendo uma preferência por nenhum/a. Neste estilo de amor, os sujeitos evitam esclarecer o grau de compromisso em que se encontram, despreendendo-se rápida e facilmente dos/as seus/suas parceiros/as e terminando, inclusive, a própria relação se esta deixar de ser divertida para os mesmos. O seu objetivo é a diversão sem a presença de um envolvimento forte.

c) o estilo *Storge*, referente ao amor baseado na amizade e na afeição. A amizade, com base em sentimentos de confiança, de aceitação, de segurança e de companheirismo, surge como suporte a este tipo de amor. Trata-se de um afeto amoroso de desenvolvimento gradual que em muito se assemelha ao amor que existe entre irmãos/ãs, entre amigos/as de infância ou entre amizades íntimas. O indivíduo procura uma relação de compromisso e duradoura com um/a parceiro/a com o qual partilhe as mesmas atitudes, interesses, atividades e valores, podendo também suportar separações de longa duração sem o sentimento de que estas possam ameaçar a relação.

d) o estilo *Pragma*, relativamente ao amor prático e racional. Trata-se de um tipo de amor caracterizado pela procura de um/a parceiro/a compatível, adaptado/a, com o qual o indivíduo possa construir uma vida em comum que seja satisfatória e compensadora. Existe uma definição clara sobre quais as qualidades desejáveis num/a parceiro/a e sobre aquilo que se pretende numa relação. Neste estilo de amor, o indivíduo tem também em conta, tanto as origens do/a seu/sua parceiro/a, como outras características, como por exemplo, a afiliação religiosa e política do/a mesmo/a, os seus hábitos de ócio e as suas atitudes.

e) o estilo *Mania*, representando o amor inseguro, ansioso, possessivo e dependente. Neste tipo de amor o indivíduo vive uma preocupação obsessiva pelo/a parceiro/a, demonstra atitudes de ciúme intenso e de possessividade e tem a necessidade de se assegurar da existência de amor por parte do/a parceiro/a. É um estilo marcado por um desejo de estimulação física e um envolvimento emocional intensos, onde o sujeito coage o compromisso, ao invés de permitir que este evolua naturalmente. O indivíduo pode inclusive adoecer quando existe uma perturbação na relação ou acreditar que o facto de estar doente lhe possibilita recuperar a atenção que sente haver perdido por parte do/a parceiro/a, podendo, também, haver uma tentativa de recuperar esta última através da exibição de comportamentos mais inconsequentes.

f) o estilo *Ágape*, que diz respeito ao amor altruísta e desinteressado. Nele, o indivíduo sobrepõe o compromisso às suas próprias emoções e vontade, predispondo-se a renunciar a tudo para trazer felicidade ao/à seu/sua parceiro/a. O amor é visto como um dever sem que haja expectativas de receber, sendo este suportado pelo autossacrifício, pela paciência e pela crença no/a parceiro/a.

Torna-se importante referir que, embora interrelacionados de forma lógica, se trata de estilos de amor com propriedades independentes entre eles (Neto, 1992) e que têm a sua base em preferências (Pinto, 2009).

Nesse sentido, considerando o amor como um processo em desenvolvimento (Narváez et al., 2017), estes estilos de amor variam ao longo da vida segundo fatores externos e internos ao próprio sujeito (Rodríguez-Santero et al., 2017), por exemplo, o mesmo pode apresentar mais do que um estilo ou preferência consoante a relação ou segundo a assimilação de determinados valores e ideais (Neto, 2007; Pinto, 2009; Smith & Klases, 2016). Ainda assim, cada indivíduo pode, em alguns casos, manter as características subjacentes aos mesmos ao longo do tempo (Narváez et al., 2017). Hetsroni (2012), considerando os estilos de amor como tendências, refere, ainda, que raramente um indivíduo apresenta apenas um dos estilos propostos.

Foram vários os autores que tentaram testar esta teoria recorrendo a escalas de atitude que permitissem medir os seis estilos propostos (Martins-Silva et al., 2013) e foram, também, vários os estudos realizados, no sentido de examinar a relação entre estes e outras variáveis, como aqueles que surgem abaixo expostos. Ditas investigações utilizaram como instrumento de medida a *Love Attitudes Scale* (LAS), uma escala que permite a análise de características individuais (emocionais e traços da personalidade), relacionais (sociais, culturais e familiares) e outras relacionadas com o sistema de atitudes, crenças, valores e expectativas de cada indivíduo (Rodríguez-Santero et al., 2017; Sarwer, Kalichman, Johnson, Early & Ali, 1993).

Assim, por exemplo, o estudo de Smith e Klases (2016), cujos/as participantes pertencem à população urbana de Londres e Hong Kong, revela a existência de uma relação entre os estilos de apego *ansioso* e *evitante* e os estilos de amor *Ágape* e *Ludus* respetivamente e o estudo de Worobey (2001), realizado junto de estudantes do ensino superior nos Estados Unidos, demonstra a existência de uma associação entre algumas dimensões do temperamento humano e os estilos de amor, sugerindo uma relação entre a *Angústia* e os estilos de amor *Mania* e *Ágape*, o *Receio* e o estilo *Mania*, a *Raiva* e o estilo *Ludus* e a *Actividade* e o estilo *Pragma*.

Por outro lado, a investigação de Vedes et al. (2016), revela que os estilos de amor *Eros* e *Ágape* influenciam positivamente a gestão do *stress* por parte do casal e a sua satisfação com a relação, enquanto o estilo *Ludus* apresenta o efeito contrário. Também o estudo de Sprague e Kinney (1997), realizado junto de estudantes de

ensino superior, demonstra uma associação positiva entre a satisfação com a relação e o estilo *Eros* e uma associação negativa entre esta e o estilo *Ludus*.

Relativamente à influência das diferenças culturais, Neto (2007) e Rodríguez-Santero et al. (2017) referem que as diversas culturas julgam positivamente ou negativamente determinados comportamentos no que diz respeito ao amor, dependendo do momento e local em que se produzem e do sexo de quem os produz, influenciando, assim, a forma como os sujeitos vivenciam dito fenómeno. Por outras palavras, o amor é considerado por alguns autores e investigadores como um fenómeno cultural que é aprendido, ou seja, como uma resposta comportamental ou afetiva que tem a sua base nas próprias experiências e na cultura e sociedade na qual o indivíduo se insere (Neto, 2007).

O estudo de Waller e Shaver (1994) demonstra inclusive que as diferenças manifestadas pelos indivíduos, no que respeita aos estilos de amor, se devem quase exclusivamente ao ambiente que os envolve, o que sugere que, ao contrário de outras emoções ou disposições emocionais como a agressão e de outras dimensões atitudinais e traços da personalidade como o controlo, os aspetos genéticos e hereditários não são um fator relevante nas atitudes dos mesmos em relação ao amor. No seu estudo, apenas o estilo de amor *Mania* surge como fortemente influenciado por aspetos hereditários. Os autores expõem, assim, que os estilos de amor são inerentemente relacionais e que podem ser aprendidos desde cedo a partir das interações familiares ou extra familiares.

Seguindo essa linha de pensamento, algumas investigações se têm debruçado sobre a influência que as diferenças culturais, nomeadamente a dicotomia entre culturas individualistas e coletivistas, exercem sobre o conceito de amor, demonstrando que existe efetivamente uma diferença entre essas duas culturas nos estilos de amor apresentados. Especificamente, os estilos *Pragma* e *Mania* surgem mais frequentemente associados aos indivíduos inseridos em culturas coletivistas, comparativamente aos sujeitos inseridos em culturas individualistas que apresentam uma maior associação com o estilo *Ludus* quando comparados com os primeiros (Avinash et al., 2015; Neto, 2007; Smith & Klases, 2016; Sprecher & Toro-Morn, 2002). Sprecher e Toro-Morn (2002) expõem, inclusive, que a cultura origina mais diferenças no que diz respeito aos estilos de amor experienciados pelos indivíduos do que o sexo em si, o que sugere que as condições sociais que exercem esse efeito diferem, provavelmente, mais no caso de dois membros de duas culturas bastante diferentes,

do que no caso de um homem e de uma mulher inseridos numa mesma cultura. Contudo, convém salientar que os resultados apresentados poderão, também, dever-se ao facto de os estudos realizados neste âmbito usarem apenas escalas criadas e validadas no ocidente (Smith & Klases, 2016).

Ainda assim, apesar da influência descrita, as investigações que se dedicaram à análise dos seis estilos de amor acima expostos revelam que, de uma forma geral, as pessoas têm tendência a identificar-se mais com os estilos *Eros*, *Storge* e *Ágape* e menos com os estilos *Ludus*, *Mania* e *Pragma* (e.g. Moyeda et al., 2013; Neto, 2001, 2007; Rodríguez-Santero et al., 2017; Ruitiña, 2012). Por outro lado, o estudo de Hahn e Blass (1997), realizado junto de estudantes do ensino superior, demonstra que os estilos de amor mais desejados num/a parceiro/a, no que diz respeito tanto aos homens como às mulheres, são o *Storge* e o *Ágape*, enquanto o menos desejado é o *Ludus* e que, no geral, estes/as preferem ter como parceiro alguém similar a eles/as próprios/as no que respeita aos estilos de amor, o que vai ao encontro da ideia de homogamia.

Outra variável que surge como uma das mais investigadas no que diz respeito às relações íntimas é o sexo (Smith & Klases, 2016). Neto (1992) refere que, no que diz respeito às diferenças sexuais, a literatura apresenta dados que podem ser agrupados considerando por um lado o conceito de amor como um aglomerado de emoções e atitudes com respeito a uma ou várias pessoas e por outro as noções gerais tidas e disseminadas numa dada sociedade sobre dito fenómeno. Assim, muitos foram os estudos que procuraram analisar as diferenças entre o sexo feminino e masculino no que diz respeito aos estilos de amor propostos, no entanto, os seus resultados não são consensuais em relação às mesmas. Ainda assim, uma análise mais aprofundada desses estudos permite a realização de algumas inferências.

A nível internacional, as pesquisas aplicadas à população em geral indicam uma prevalência do estilo de amor *Ágape* associado ao sexo masculino e do estilo *Pragma* associado ao sexo feminino, embora com menos notoriedade (García, Zarate & Sánchez, 2016; Jonason & Kavanagh, 2010; Pérez et al., 2008; Smith & Klases, 2016) (cf. Tabela A1). Já no que diz respeito à investigação realizada com estudantes do ensino superior, alguns estudos apontam para uma maior relação entre o sexo masculino e os estilos de amor *Ludus* e *Ágape* e entre o sexo feminino e os estilos de amor *Eros*, *Pragma* e *Ágape* (Hetsroni, 2012; Marzec & Lukasik, 2017; Narváez et al.,

2017; Rodríguez-Santero et al., 2017; Sprecher & Toro-Morn, 2002; Worobey, 2001) (cf. Tabela A1).

Assim, uma observação geral das referidas investigações sugere que, o sexo masculino se identifica mais com os estilos de amor *Ludus* e *Ágape* e o sexo feminino com os estilos de amor *Eros*, *Pragma* e *Ágape*, embora com menos notoriedade, sendo que a associação do sexo masculino com os estilos de amor *Pragma* e *Mania* e do sexo feminino com o estilo de amor *Ludus* não é apresentada por nenhum dos estudos acima expostos.

Já no que diz respeito ao contexto português, o número de investigações recentes que exploram os estilos de amor propostos e as diferenças sexuais entre os mesmos é mais reduzido. Uma delas é apresentada por Neto (1992), pioneiro na referida abordagem. Dito estudo, realizado com estudantes do ensino superior, demonstra uma relação entre os estilos *Ludus* e *Ágape* e o sexo masculino. Mais tarde, o autor apresenta outro estudo realizado no mesmo contexto (Neto, 2007), que revela apenas uma maior relação entre o estilo de amor *Ludus* e o sexo masculino.

Na pesquisa desenvolvida por Guedes (2011), cuja amostra é composta por sujeitos entre os 20 e os 30 anos de idade, o sexo masculino revela valores ligeiramente mais significativos nos estilos *Ludus* e *Ágape* do que o sexo feminino, coincidindo, assim, com os resultados acima referidos, obtidos por Neto (1992).

Serrão (2015) apresenta igualmente uma investigação, cujos/as participantes têm idades compreendidas entre os 20 e os 61 anos, no qual a autora aborda também este aspeto, entre outros, revelando assim que o sexo masculino se identifica menos com o estilo *Pragma*, ao contrário do sexo feminino que se identifica menos com o estilo *Ágape*.

Júlio (2011), debruçando-se especificamente sobre a etnia cigana, realizou uma pesquisa envolvendo participantes com uma faixa etária entre os 18 e os 54 anos de idade, onde não se verificam diferenças significativas no que diz respeito ao sexo feminino e masculino em relação aos seis estilos de amor, coincidindo com os resultados obtidos por Morais (2015) num estudo realizado com participantes cujas idades variavam entre os 18 e os 47 anos de idade.

Assim, conclui-se que os estudos realizados em contexto português também não apresentam um consenso quanto às diferenças entre o sexo feminino e masculino relativamente aos seis estilos de amor. No entanto, uma análise global sugere uma maior associação entre os estilos de amor *Ludus* e *Ágape* e o sexo masculino, não

existindo nenhuma associação predominante relativamente ao sexo feminino e os seis estilos propostos (cf. Tabela A1).

Dessa forma, a maioria dos estudos parecem indicar a existência de diferenças no que diz respeito às atitudes em relação ao amor entre sexos, embora estas variem segundo as amostras, não podendo ser, portanto, generalizáveis a diferentes populações de um mesmo país, como por exemplo os/as estudantes do ensino superior (cf. Neto, 1992). Convém ainda salientar, como refere Jonason e Kavanagh (2010), que provavelmente o sexo feminino e masculino não diferem propriamente nos estilos de amor, mas sim nos seus sistemas psicológicos.

Já no que diz respeito à associação entre a duração da relação e os estilos de amor, alguns estudos referem que quanto mais longa é a relação maior é a identificação dos/as participantes com o estilo de amor *Ágape* e menor é dita identificação com os estilos de amor *Eros*, *Mania*, *Storge* (Smith & Klases, 2016) e *Ludus* (Serrão, 2015). Pérez et al. (2008) referem, também, que a associação dos indivíduos com estilos de amor como *Pragma* ou *Ágape* tende a aumentar com a idade, ao contrário do estilo *Ludus* que apresenta uma tendência a diminuir.

Por último, sublinha-se o contributo de Dias (2012), que expõe cinco noções de amor, designadamente, o amor romântico, o amor apaixonado, o amor companheiro, o amor pragmático e o amor *game-playing*. Segundo os contributos de Félix (2012) e Dias (2012), cada uma dessas noções de amor pode ser explicitada da seguinte forma:

a) Noção de amor romântico. Em que há uma idealização da imagem do/a parceiro/a e da relação, suportada pela ideia de que existe uma pessoa certa e de que a relação amorosa é a única possibilidade de atingir a felicidade. Esta noção está também relacionada com a crença do amor como algo perfeito, verdadeiro, eterno e até imprescindível, sendo os diversos obstáculos superados através de um sacrifício motivado pelo “amor”.

b) Noção de amor apaixonado. Nesta noção de amor é atribuída relevância à ativação física e sexual e prevalece a ideia de emoção intensa em detrimento da razão, sendo esta usada como justificação para comportamentos menos adequados, ou inclusive obsessivos como, por exemplo, o ciúme.

c) Noção de amor companheiro. Associada à ideia de amizade e de companheirismo, esta noção sustenta-se numa base de comunicação, de ajuda, de cumplicidade, de conhecimento mútuo, de compreensão, de sinceridade, de fidelidade, de respeito e de

confiança. É dada uma grande importância à partilha desses valores, assim como de experiências e de emoções.

d) Noção de amor pragmático. Esta noção de amor é apresentada como sendo a mais racional, adaptativa, flexível e prática. O/a amante pragmático/a tem em consideração tanto as vantagens e desvantagens que as características do/a parceiro/a e que a própria relação lhe possa trazer, como as reflexões e aprendizagens resultantes das suas experiências relacionais.

e) Noção de amor *game-playing*. Segundo Dias (2012) esta noção de amor surge com menor frequência. A sua base são as relações ocasionais suportadas pela ideia de relação como jogo, onde o compromisso e o investimento emocional são escassos.

Assim, parece haver uma equivalência entre as noções de amor acima expostas e alguns dos estilos de amor propostos na teoria “As cores do amor” (Lee, citado por Neto, 1992), nomeadamente, entre *Storge* e a noção de amor companheiro, entre *Pragma* e a noção de amor pragmático, entre *Ludus* e a noção de amor *game-playing* e entre *Eros* e a noção de amor apaixonado, exceto no que diz respeito à presença de sentimentos e atos de ciúme, ainda que este último estilo seja, também, considerado frequentemente como análogo ao amor romântico (Djikic & Oatley, 2004; González, 2007; Hetsroni, 2012; Ruitiña, 2012). Pelo contrário, os estilos *Mania* e *Ágape* não parecem ter nenhuma equivalência entre ditas abordagens.

Tendo em conta o referido até agora, sublinha-se a ideia de que o amor, dentro das variadas formas que pode assumir e da multiplicidade de noções passíveis de o constituir, pode ser considerado como um fator intrínseco a todas as formas de relacionamento entre parceiro/as íntimos/as.

1.3. As relações amorosas entre os/as jovens

O desejo e a satisfação sexual surgem como propulsores fundamentais do desenvolvimento de uma relação sexual com um par, enquanto a sensação intensa de paixão e o amor romântico permitem que a energia e a atenção sejam centralizadas no relacionamento com um par em específico (Morais, 2015), isto é, na relação amorosa. Este último tipo de relação ocupa hoje em dia uma posição central no que diz respeito à vida social no ocidente, baseando-se a sua essência fundamentalmente nos elementos amor, intimidade e compromisso (Oliveira, 2013).

Quanto à sua definição, as relações amorosas surgem referidas por Oleiro (2011) como “interações diádicas, voluntárias reconhecidas por ambos os parceiros e pontuadas por expressões de afecto e a antecipação ou actual comportamento sexual” (p. 7). Este tipo de relação é, assim, constituída por interações voluntárias e recíprocas, tal como acontece nas relações de amizade (Morais, 2015), sendo também definida como um constructo estabelecido socialmente e, como tal, influenciado pela sociedade em que se insere (Freitas, 2015), podendo apresentar um carácter saudável, não saudável ou até mesmo abusivo (Oliveira, 2013).

Por outro lado, são notórias as diversas alterações que as relações amorosas têm sofrido ao longo do tempo em contexto português, alterações essas condicionadas e configuradas pela própria evolução histórica, política e social da sociedade portuguesa (Castro, 2015; Manuel, 2014; Torres, 1987; Wall, Cunha & Atalaia, 2013). Como refere Carvalho (2010) paralelamente ao próprio processo de emancipação da mulher e à aproximação dos padrões socialmente construídos, associados ao sexo masculino e feminino, surge a solidificação de um modelo de amor mais democrático e igualitário, implicando, ao mesmo tempo, um maior envolvimento afetivo e emocional e por outro lado, observa-se a generalização de estilos “pós-modernos” de relação sexual e amorosa, como as amizades sexuais (cf. Oliveira, 2013), as relações afetivas ocasionais (cf. de Antunes & Machado, 2012) ou as relações *online* (cf. Manuel, 2014), todos eles referidos como sendo cada vez mais comuns na atualidade (Antunes & Machado, 2012; Manuel, 2014; Oliveira, 2013).

Por outras palavras, constata-se uma pluralidade nas formas de relação amorosa e um afastamento das normas sociais antigamente vigentes no que respeita a essas mesmas formas de relacionamento, derivado de um maior sentimento de liberdade individual (cf. Wall et al., 2013). Como tal, tendo em conta a relevância das relações amorosas no desenvolvimento psicossocial, torna-se importante investir na análise das mesmas no contexto das novas gerações (Barreto, 2014).

A adolescência surge apontada como o princípio da busca por alguém para a partilha de uma relação mais íntima, uma busca intrinsecamente relacionada com a forma como cada pessoa experiencia o amor, isto é, com os estilos de amor patentes em cada sujeito (Serrão, 2015), sendo o final deste período marcado por uma fase de relevantes e intensas mudanças na vida dos/as jovens, principalmente no que concerne ao nível de formação (Mirrado, 2014).

Desta forma, o final deste período natural de desenvolvimento e maturação, nomeadamente, a adolescência, marca o início da fase do “jovem adulto” (Oliveira, 2013), à qual o autor Arnett dá o nome de “adulter emergente” referindo-se à faixa etária entre os 18 e os 29 anos, com especial foco no período entre os 18 e os 25 anos de idade aproximadamente (Arnett, 2006; Jensen & Arnett, 2012). O referido autor sublinha a sua preferência pelo termo “adulto emergente”, considerando esta fase como o longo período entre a aquisição da maturidade biológica e o compromisso com as responsabilidades e consecução dos papéis mais estáveis atribuídos à adulter (Arnett, 2006). Segundo o mesmo, trata-se de um fenómeno sem precedentes, originado pelas mudanças demográficas consistentes, que tiveram início na última metade do século passado nos países industrializados, nomeadamente, o adiamento do casamento e da maternidade/paternidade, o decréscimo das taxas de natalidade e a generalização de práticas sexuais pré-matrimónio e da participação em instituições de ensino superior, sendo a presença das mulheres neste âmbito superior à dos homens.

Por outro lado, uma das características desta fase é a abertura face a novas crenças e comportamentos, o que coloca os “adultos emergentes” na linha da frente do processo de globalização vigente no mundo atual, que, por sua vez, complexifica o desenvolvimento de uma identidade cultural nesta fase (Jensen & Arnett, 2012).

Assim, Arnett estabeleceu cinco características patentes nesta fase de desenvolvimento, nomeadamente, 1) a exploração da identidade – Existe o objetivo de encontrar um emprego que seja uma expressão da identidade própria e que seja bem remunerado, gratificante e prazeroso e um/a parceiro/a que seja compatível de forma a ser possível uma relação ao longo da vida (duas realidades difíceis de alcançar), como tal, os “adultos emergentes” experimentam vários futuros possíveis, tornando-se essas escolhas gradualmente mais estáveis; 2) a instabilidade – mudanças frequentes no que diz respeito aos percursos educativos, ao emprego, aos/às parceiros/as íntimos/as e à residência; 3) o sentimento de estar “in-between” – dá-se uma aquisição gradual de autonomia, nomeadamente em relação aos pais, rejeitando-se ainda a responsabilidade do adulto (Botelho, 2012), como tal, os indivíduos nesta fase não se consideram nem adolescentes nem adultos; 4) a “auto-centração” – experimentação de uma maior liberdade e de um menor controlo social comparativamente à fase da adolescência ou adulter, que permite que o indivíduo se foque no seu próprio desenvolvimento; 5) e as múltiplas possibilidades – os indivíduos nesta fase são

altamente otimistas em relação à sua vida futura e têm mais oportunidades de mudança (Arnett, 2006, 2007).

Ditas características não existem apenas nesta fase, no entanto, são mais pronunciadas nos “adultos emergentes” comparativamente a outras fases de desenvolvimento (Arnett, 2007). Ainda assim, o autor refere que as circunstâncias de vida neste período são extremamente diversas, tanto no que diz respeito aos indivíduos dentro de um mesmo país como naqueles que habitam em distintos países, sublinhando, assim, uma outra característica desta fase que considera como a mais importante de todas, sendo esta a heterogeneidade (Arnett, 2006). Assim, o conceito de “adulto emergente” pode diferir segundo o contexto cultural, encontrando-se apenas em contextos onde a prolongação desta fase de exploração relativamente à sua postura e função como parte da sociedade é possibilitada e apoiada, como acontece, por exemplo, na Europa (Arnett, 2006; Botelho, 2012; Mirrado, 2014). E, ainda assim, como refere Mirrado (2014), esta possibilidade nem sempre existe, mesmo quando se trata de jovens inseridos/as em sociedades industrializadas.

Nos seus vários estudos Arnett (2006, 2007) encontrou, ainda, quatro critérios atribuídos pelos/as “adultos/as emergentes”, provenientes de diversos contextos, ao significado de ser adulto, nomeadamente, responsabilizar-se pelos seus próprios atos, tomar decisões de forma independente, ser mais atencioso/a para com os outros e tornar-se financeiramente independente, sendo três deles notoriamente de carácter individualista.

Por outro lado, Mendes, Duarte, Araújo e Lopes (2013) referem que a própria entrada numa instituição de ensino superior, que implica muitas vezes o afastamento da zona original de residência e da família, favorece o desenvolvimento de autonomia, de liberdade e paralelamente de um maior grau de responsabilidade, assim como possibilita ao/às jovens adulto/as a prática de algumas funções associadas à etapa adulta, fomentando o desenvolvimento de determinadas habilidades e conhecimentos necessários às fases posteriores de vida (cf. Mirrado, 2014). Como menciona Oliveira (2013), o desenvolvimento das competências cognitivas e do sentido de autonomia, tanto emocional como social, nos/as jovens estudantes, é um ponto crucial, pois estes elementos serão a base para a consolidação da identidade e para um melhor autoconhecimento.

Ainda assim, Mendes et al. (2013) mencionam, também, que o sentimento de liberdade resultante do afastamento do seu meio familiar, leva muitas vezes esses/as

mesmos/as jovens a apresentar atitudes de experimentação mais drásticas e comportamentos de risco, principalmente no que se refere às mulheres provenientes de meios rurais mais conservadores, estando estas atitudes relacionadas com um excesso de controlo familiar tido numa fase anterior à entrada no ensino superior, sendo este posteriormente substituído por uma ausência e falta de acompanhamento por parte dessa mesma família.

Considera-se, assim, a entrada e passagem por uma instituição de ensino superior, como uma etapa transitiva de importantes mudanças, de novas formas de relacionamento social, de experimentação e de construção e redefinição de identidade, na qual ambos os sexos desvendam e estabelecem os seus limites pessoais, tanto a nível físico como emocional, sendo estes influenciados pelo social e coletivo (Mendes et al., 2013). Dessa forma, durante a sua passagem pelo ensino superior torna-se necessário que os/as jovens adulto/as aprendam a gerir uma grande intensidade emocional e, como tal, que consigam identificar, aceitar, gerir e expressar melhor as suas emoções, bem como integrá-las na sua personalidade (Oliveira, 2013).

Por outro lado, M. Coutinho (2011) expõe que é possivelmente durante esta fase que as alterações mais relevantes, no que diz respeito à transição para a conjugalidade, decorrem. Neste sentido, a autora menciona, inclusive, que algumas variáveis avaliadas nos casais, antes do casamento, possibilitam uma previsão relativamente à qualidade e satisfação conjugal no futuro e à adaptação a essa fase de passagem à conjugalidade, como é o exemplo dos processos de vitimação de violência na relação (cf. Patrício, 2014). Assim, a formação das relações interpessoais e por conseguinte, o desenvolvimento emocional e íntimo, estabelece-se como uma das missões evolutivas dos/as jovens adultos/as (Oliveira, 2013), surgindo o amor como um elemento intrínseco a esse desenvolvimento entre os/as jovens estudantes do ensino superior (Narváez et al., 2017).

Segundo Oliveira (2013), fazem parte desta etapa a resolução da dicotomia entre a intimidade e a solidão e o desenvolvimento tanto a nível genital como a nível da construção de relações de confiança e intimidade com um/a parceiro/a. A mesma autora refere que o próprio fortalecimento e definição da identidade contribuem para que o/a jovem possa aliar a mesma à identidade do/a parceiro/a sem a presença de receios.

A autora menciona, também, que as relações amorosas nos/as jovens adultos/as implicam uma maior profundidade no que diz respeito tanto à intimidade

como à identidade, sendo que, nesta etapa, podem envolver a relação sexual e a coabitação. Assim, dito investimento e evolução funcionam nesta fase como fomentadores de uma maior segurança emocional, tendo em conta o afastamento relacional relativamente aos pais e também de uma maior estabilidade, exclusividade e compromisso quanto à manutenção de um/a parceiro/a íntimo/a, existindo uma maior atenção e preocupação no estabelecimento de vínculos mais profundos e personalizados (Fernandes, 2013; Oliveira, 2013). Dessa forma, as relações amorosas inseridas nesta fase, nomeadamente, a sua função de provedoras de apoio e cuidados em contexto íntimo, passam a ter um papel de relevo, sendo o/a parceiro/a íntimo/a percebido/a como inigualável e insubstituível (Oliveira, 2013).

Por outro lado, Smeha e Oliveira (2013) expõem que os/as jovens definem a individualidade, a igualdade de género, as decisões impulsivas, o prazer, a liberdade, a superficialidade e a procura de romantismo como a base das relações amorosas atuais, sendo as mesmas caracterizadas por uma menor duração, bem como pela existência de menos paciência e de uma menor condescendência relativamente aos conflitos, associada a um maior imediatismo.

Já no que diz respeito especificamente ao namoro, este representa um papel relevante, tendo em conta que possibilita aos/às jovens a exploração de si próprios/as, a experimentação sexual, a vivência de companheirismo e de funções outorgadas normalmente aos adultos, bem como a resolução de conflitos (Félix, 2012).

As definições de namoro existentes são similares, ainda assim, não se deve negligenciar o facto de este tipo de relação nem sempre ser percebido e vivenciado da mesma forma, sofrendo a influência das diferenças individuais e grupais e do contexto histórico e cultural (Oliveira, 2011). O namoro é, assim, definido por Rodríguez-Santero et al. (2017) como uma estrutura constituída entre dois sujeitos que partilham emoções, satisfação sexual e apoio psicoafectivo e que pode diferir relativamente à duração e à intensidade, ou por Murray e Kardatzke (2007) como uma relação na qual uma ligação emocional, romântica e/ou sexual é partilhada entre dois indivíduos, além dos limites da amizade, não estando estes numa situação de conjugalidade, noivado ou numa condição análoga às mesmas ou, ainda, por Oliveira (2013) como uma relação social afetivo-sexual que pode ser duradoura ou sofrer uma rutura por incompatibilidade de características.

Este tipo de relação surge, hoje em dia, à medida que o indivíduo adquire uma maior maturidade psicológica e física, tornando-se progressivamente mais longa e

com maior investimento da parte dos/as jovens, não existindo, desta forma, uma idade cronológica nem uma forma específica atribuída ao início deste tipo de relação (Oliveira, 2013), ao contrário da época precedente à revolução sexual, onde o namoro representava uma relação, relativamente curta, que antecedia o matrimónio, sendo as interações entre o casal maioritariamente controladas pelos pais (Antunes, 2016).

Santos (2013) acrescenta, ainda, que existem diferenças nas atitudes e comportamentos da população juvenil, consoante o género, no que concerne à conceptualização de namoro e de compromisso e Lopes (2014) sublinha a importância de compreender as noções de amor existentes no namoro, tendo em conta a sua multiplicidade no âmbito deste tipo de relação. No entanto, poucas vezes a etapa transitiva experienciada pelos/as jovens adultos/as e os relacionamentos amorosos que de uma forma geral nela têm lugar, incluindo o namoro, surgem abordados em investigações, tanto de cariz teórico como empírico, dando-se uma maior atenção à temática da conjugalidade ou aos relacionamentos amorosos entre a população adolescente (Botelho, 2012).

Assim, se a transformação cultural e as evoluções da estrutura económica, política, social e intelectual provocam a alteração dos conceitos imperantes no que diz respeito ao amor, das formas de codificação subjacentes ao mesmo (Narváez et al., 2017; Torres, 1987) e por conseguinte, dos estilos de amor presentes nas relações amorosas (cf. Narváez et al., 2017), não há dúvida, então, que a sociedade atual faz com que a construção de relações amorosas entre os jovens casais atravesse condições desafiantes, além das dificuldades enfrentadas pelos mesmos noutros âmbitos (M. Coutinho, 2011).

No seu estudo, Carvalho (2010) expõe a existência de um movimento de individualização² e democratização das relações entre parceiros íntimos, assumindo as mulheres um papel central neste último. E esta visão individualista, presente nas sociedades contemporâneas e componente essencial da transformação social no ocidente (Carvalho, 2010), traz consigo exigências, no que diz respeito às relações íntimas, difíceis de satisfazer na totalidade (cf. Torres, 1987). Por outras palavras, a reorganização e afirmação de valores de liberdade, de igualdade e de concretização pessoal, inserida numa fase de “transições incertas”³ - reflexo da crescente

² Para uma melhor compreensão do conceito de “individualização” ver Carvalho (2010).

³ Para uma melhor compreensão do conceito “transições incertas” ver Guerreiro & Abrantes (2007).

complexidade e imprevisibilidade de um caminho ainda por traçar - desafiam, assim, todo o âmbito do amor e das relações amorosas, estando os/as jovens no centro dessa reconfiguração (cf. Carvalho, 2010). Este facto poderá, assim, servir tanto de suporte ao desenvolvimento pessoal, como de fonte de pressões emergentes da gestão do eu e do nós como casal, da transformação dos papéis atribuídos ao sexo feminino e masculino e da partilha de recursos como o poder (Carvalho, 2010).

Por exemplo, o próprio contraste entre o discurso de igualdade e a sua real concretização nas práticas e interações sociais, levam a que o amor traga consigo expectativas e conseqüentemente frustrações, um confronto que nem sempre é pacífico, estando por vezes o estabelecimento das regras e do poder entre parceiros íntimos na origem de tensões, conflitos e até mesmo de violência entre o casal (Carvalho, 2010).

Desta forma, investir na prevenção do risco e na intervenção no que diz respeito à qualidade dos relacionamentos entre jovens casais, poderá trazer conseqüências positivas não só para os mesmos como para a sociedade em geral (M. Coutinho, 2011).

CAPÍTULO 2 – VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS

2.1. Violência entre parceiros íntimos: Do conceito à investigação do fenómeno

A violência entre parceiros íntimos ou “Violência doméstica”, conceitos com significados semelhantes segundo Monteiro (2015), é um fenómeno grave que afeta grande parte da população mundial, cujas conseqüências podem chegar a ser devastadoras (cf. Organização Mundial da Saúde [OMS], 2012). Como tal, observa-se uma crescente atenção dada ao fenómeno, a partir de diversos olhares por parte da sociologia, da psicologia, da criminologia, passando também por dimensões como o direito, a economia e a saúde (cf. Gomes, Fernando, Ribeiro, Oliveira & Duarte, 2016).

Como refere Monteiro (2013), qualquer relação violenta subentende a existência de desigualdade, considerando-se como violento determinado ato, quando a vítima, o/a perpetrador/a ou a própria sociedade o classifica dessa forma (Leitão,

2013). Assim, Antunes (2016) caracteriza a violência entre parceiros íntimos como um conjunto de comportamentos de caráter violento, que ocorre entre dois sujeitos que partilham entre eles uma relação íntima. Já a Violência doméstica surge definida no IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (Resolução do Conselho de Ministros n.º 100/2010, de 17 de dezembro), como todos os atos cometidos por pessoas e contra pessoas, independentemente da idade e do sexo, que envolvam violência física, psicológica ou sexual, estando incluídos neste conceito os/as ex-cônjuges e as pessoas, de outro ou do mesmo sexo, que mantenham ou tenham mantido uma relação com a vítima análoga à dos cônjuges, envolvendo coabitação ou não.

Trata-se, portanto, de um conceito que não é exclusivo de uma determinada idade, sexo, orientação sexual, estado civil ou nível de formação e que, também, não se restringe a uma dada etnia, cultura ou classe social (Leitão, 2013), representando um fenómeno que pode ocorrer tanto num contexto de encontro casual ou em parcerias sexuais de longa duração, como numa relação de namoro ou conjugal (Antunes & Machado, 2012; Lopes, 2014; Monteiro, 2013).

Quanto às suas consequências, estas podem permanecer durante várias gerações (Fernandes, 2016; Leitão et al., 2013), refletindo-se em elevados custos económicos (Quaresma, 2012) sociais e individuais, incluindo danos físicos, psicológicos, relacionais, entre outros, ou em casos de violência mais severa, lesões graves e a incapacitação permanente ou temporária da vítima, do/a agressor/a ou de terceiros ou inclusive a sua morte (cf. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género [CIG], 2016).

Tal como acontece com as relações amorosas e com os papéis atribuídos a ambos os sexos, também a posição assumida pela sociedade face à violência entre parceiros íntimos têm vindo a sofrer um processo de reconfiguração, inserido nas alterações culturais originadas pela sociedade pós-industrial (Santos, 2013). Assim, a violência nas relações de intimidade esteve e está fortemente interligada aos contextos históricos e socioculturais (cf. Leitão et al., 2013), constituindo-se como uma problemática difícil de abordar e de resolver, pela sua complexidade e multidimensionalidade (Leitão et al., 2013; Santos, 2015; Teixeira, 2015) e tendo vindo a destacar-se como uma questão central das políticas sociais a nível nacional e internacional (Santos, 2015).

No que diz respeito aos instrumentos internacionais, tem-se observado a constatação de que a violência entre parceiros íntimos representa um problema que

não é recente e que se encontra bastante enraizado na maioria das sociedades (Gomes et al., 2016), bem como uma preponderância da atenção dada à vitimação do sexo feminino, tendo em conta que, como defendem alguns autores, uma grande parte das vítimas são mulheres e a maioria dos perpetradores são homens (CIG, 2016; Leitão et al., 2013; Monteiro, 2013; OMS, 2012; Santos, 2015). Assim, na década de 90 do século XX o conceito de violência sobre as mulheres ganha autonomia normativa, sendo associado ao conceito de discriminação (Gomes et al., 2016) e assiste-se, por parte da Organização das Nações Unidas e do Conselho da Europa, ao reconhecimento dessa mesma violência como uma violação dos direitos humanos e uma das principais ofensas à dignidade, ao mesmo tempo que dita violência, a par com a violência entre parceiros íntimos no geral, começam a ser consideradas como um grave problema de saúde pública (Gomes et al., 2016; Leitão, 2013; Monteiro, 2013), sendo a primeira identificada como uma das causas principais de agressão e morte entre as mulheres (Gomes et al., 2016).

Dita viragem surge, assim, acompanhada pela adoção, por parte de vários países, de leis que criminalizam a violência doméstica e por medidas de proteção e apoio dirigidos especificamente às suas vítimas (Fernandes, 2013; Leitão et al., 2013). Além disso, Gomes et al. (2016) referem, também, um aumento da atividade de algumas das agências de Saúde Pública, como por exemplo a OMS, no que diz respeito à prevenção do referido fenómeno, nomeadamente, através de campanhas de consciencialização pública e/ou através da sua supervisão e monitorização por parte das unidades de saúde.

Em Portugal, é, também, na década de 90 do século XX que se dão algumas das alterações mais relevantes no que diz respeito à tipificação legal do crime de maus tratos a cônjuges ou a pessoa que com o/a agente conviva em condições análogas aos mesmos, sendo também aprovados os primeiros diplomas que servem de suporte ao sistema social de proteção das vítimas (Gomes et al., 2016). Ainda assim, convém referir que o Código Penal de 1982, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 400/82, de 23 de setembro, já previa e punia o crime de maus tratos ou sobrecarga de menores e de subordinados ou entre cônjuges, ainda que excluísse as pessoas que convivessem em condições análogas a estas (Fernandes, 2016; Gomes et al., 2016). Um marco, sem dúvida, relevante, tendo em conta que até então o uso de violência contra as mulheres no âmbito familiar era tolerado e circunscrito à esfera privada (Fernandes, 2013).

Assim, segundo Fernandes (2016) e Gomes et al. (2016), a Reforma Penal de 1995, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 48/95, de 15 de março, passa a incluir tanto os maus tratos psíquicos, como a pessoa que com o/a agente conviva em condições análogas à dos cônjuges no conceito de vítima, passando o crime de violência doméstica a ser considerado como semipúblico. Gomes et al. (2016) referem que o crime em questão passa a ser considerado como público a partir de 2000 (Lei 7/2000, de 27 de maio), sendo consagrado como crime autónomo em 2007 (Lei 59/2007, de 4 de Setembro).

A partir de 2007, observou-se ainda o surgimento de novas leis (e.g. Lei 51/2007, de 31 de agosto e Lei n.º 38/2009, de 20 de julho) que constituem dito fenómeno como um dos objetivos específicos da política criminal e como um dos crimes de prevenção e de investigação prioritária (cf. Gomes et al., 2016). Desta forma, o crime de violência doméstica é atualmente regulamentado pelo artigo 152º do Código Penal, que incluía já em 2007 a violência entre namorados/as e ex-companheiros/as, heterossexuais ou homossexuais, apesar de apenas se referir a uma relação análoga à dos cônjuges (Gama, Veríssimo & Tomás, 2017). Foi apenas em 2013 que se deu a revisão do referido artigo, ao abrigo da Lei n.º 19/2013, de 21 de fevereiro, incluindo-se, a partir de então, de forma explícita a violência nas relações de namoro, nomeadamente, na alínea b), do n.º 1 (Fernandes, 2016; Filipe, 2013; Gama et al., 2017). Uma alteração legal, sem dúvida, importante no que concerne ao reconhecimento do referido fenómeno e à sua denúncia por parte de terceiros (Santos, 2013).

Desta forma, o crime de violência doméstica surge pela primeira vez referido nos Relatórios Anuais de Segurança Interna em 2007, denotando-se um aumento de ocorrências registadas desde 2000 até 2010 e um aumento e diminuição sucessiva das mesmas nos anos seguintes, atingindo as 26.746 ocorrências registadas em 2017 (Gabinete Coordenador de Segurança, 2008; Sistema de Segurança Interna, 2010, 2012, 2014, 2017, 2018), sendo, assim, considerado como uma das tipologias criminais mais participadas em contexto português (Quaresma, 2012).

Salienta-se, ainda, o facto de se observar por parte dos instrumentos normativos portugueses, ao contrário dos instrumentos internacionais, uma não assunção da violência doméstica como unidirecional, onde as únicas vítimas são as mulheres, adotando-se, ao invés, uma formulação da redação legal indistinta relativamente ao género (Gomes et al., 2016).

Paralelamente à referida legislação e tendo em conta a demora na construção das medidas acima descritas e simultaneamente o reconhecimento da insuficiência das mesmas na resposta às particularidades do crime em questão, foram também desenvolvidos diversos Planos Nacionais de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Promoção da Igualdade de Género, Cidadania e Não-discriminação, atualmente coordenados pela CIG (Gama et al., 2017; Gomes et al., 2016), que têm vindo a sublinhar a necessidade de coordenar atividades entre as várias instituições que desenvolvem trabalho no âmbito da violência doméstica e da proteção das respetivas vítimas (CIG, 2016).

É, sem dúvida, notória a reconfiguração nos eixos propostos em ditos planos (cf. Gomes et al., 2016), ainda assim, é apenas no IV Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não Discriminação (2011-2013) e no V Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Género (2014-2017) que a violência no namoro surge especificamente exposta, apresentando estas medidas referentes à mesma (Gama et al., 2017; Gomes et al., 2016).

Assim, como refere Gomes et al. (2016), observa-se o surgimento de diversos protocolos de intervenção no âmbito da violência doméstica em todo o país, com distintas esferas de atuação, extensões geográficas e composição dos entes parceiros, onde se destaca o contributo de entidades como a CIG, a APAV, a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) e o Graal-Associação Social e Cultural, que atuam também no âmbito da violência no namoro (cf. Gama et al., 2017). No sector do ensino superior, ainda que não de uma forma expressiva, a violência no namoro tem vindo também a marcar presença nos planos de estudo e também a nível investigativo e interventivo, sobretudo através do desenvolvimento e implementação de projetos (Gama et al., 2017).

Esta análise sublinha, assim, tanto a dimensão e relevância que a violência entre parceiros íntimos assume em Portugal, como também uma progressiva tomada de consciência ético-social acerca da gravidade da mesma e das suas consequências devastadoras, que se reflete por um lado no percurso legislativo acima exposto, focado na prevenção e na repressão do referido fenómeno (cf. Fernandes, 2016) e por outro num aumento de estudos científicos realizados neste âmbito (cf. Teixeira, 2015).

Na década de 70 do século XX, a nível internacional, a investigação feminista, centrada na agressão masculina e na vitimação feminina, principalmente no que diz respeito ao contexto conjugal, destacou-se como principal contributo para a

visibilidade da violência entre parceiros íntimos, apesar de já existirem anteriormente diversas reflexões acerca do fenómeno, principalmente por parte de autores do âmbito da saúde mental (Gomes et al., 2016; Manuel, 2014; Mendes et al., 2013).

Por outras palavras, as primeiras tentativas de explicar a violência exercida contra o sexo feminino em contexto familiar, que emergiram no século XX, procediam de uma abordagem psiquiátrica e baseavam-se em estudos de casos seleccionados em unidades de tratamento psiquiátrico, envolvendo sujeitos do sexo masculino julgados e detidos pelos crimes de homicídio ou tentativa de homicídio contra o cônjuge do sexo feminino, o que levou inevitavelmente à conclusão de que a violência conjugal exercida contra as mulheres provinha de uma desordem psiquiátrica, corroborando-se, assim, a perspectiva de raridade de toda a violência contra as mulheres e o pressuposto de que todos os homens que a perpetravam eram atípicos e patológicos, atribuindo-se, ainda, a existência de lesões cerebrais, a dependência patológica, ou a personalidade masoquista como causas da alegada inação da vítima (Gomes et al., 2016). Contudo, várias pesquisas realizadas a nível internacional revelam que apenas 5 a 10% dos agressores apresentam algum tipo de psicopatologia/perturbação mental associada (CIG et al., 2016). Dessa forma, tendo o objetivo de desconstruir as referidas perspectivas, bem como os valores ideológicos subjacentes às mesmas, a investigação feminista veio demonstrar não só que a prevalência da violência exercida pelos homens sobre as mulheres estava longe de ser rara, como também que provinha de padrões dominantes existentes a nível psicológico e comportamental (Bograd, citado por Mendes et al., 2013), tendo destacado as desigualdades hierárquicas, consequentes das diferenças entre o sexo feminino e masculino e dos discursos patentes no sexo masculino resultantes das mesmas, como explicação para dito fenómeno (Gomes et al., 2016).

Já em Portugal, a análise científica deste fenómeno surge a partir da década de 90 do século XX (Dias, 2012; Mendes et al., 2013). Gama et al. (2017) referem que apesar de o fenómeno da violência entre parceiros íntimos ter ganho visibilidade a nível internacional, só recentemente a gravidade do mesmo parece ter-se tornado mais notória em Portugal, em termos de impacto público, principalmente no que diz respeito à vitimação do sexo feminino. No entanto, são ainda poucos e recentes os estudos realizados com a população jovem em Portugal, comparativamente ao contexto adulto e por consequência, ainda muito se desconhece acerca da presença e impacto deste fenómeno nesse âmbito, como por exemplo, no que diz respeito aos/às

estudantes do ensino superior (cf. Gama et al., 2017). Além disso, ditas investigações apresentam muitas vezes, segundo Barbosa (2014), diferentes resultados e de difícil interpretação.

Convém, ainda salientar, no que diz respeito às diferenças entre sexo feminino e masculino, que apesar de existir uma maior prevalência de violência entre parceiros íntimos perpetrada pelo sexo masculino sobre o sexo feminino, este tipo de violência pode também assumir a direção contrária (Leitão, 2013) e ocorrer entre parceiros/as do mesmo sexo (Crittenden, Policastro & Eigenberg, 2017; Leitão, 2013).

Neste ponto, Antunes (2016) e Fernandes (2013) referem que, relativamente à população mais jovem, a maioria dos estudos desenvolvidos a nível nacional e internacional demonstram uma semelhança entre sexos, nos níveis de perpetração e vitimação. No entanto, quando se analisam qualitativamente essas mesmas diferenças, nomeadamente no que diz respeito ao contexto e às consequências do comportamento violento, as referidas semelhanças tornam-se menos evidentes, denotando-se, de uma forma geral, a perpetração de níveis mais elevados de violência severa e de violência sexual por parte do sexo masculino, apresentando o sexo feminino reações emocionais mais fortes e uma maior probabilidade de sofrer lesões físicas e psicológicas (Antunes, 2016; Fernandes, 2013; Lewis & Fremouw, 2001).

Assim, verifica-se, sobretudo a nível internacional, a existência de duas correntes no que diz respeito a esta questão (CIG et al., 2016; Dias, Machado, Gonçalves & Manita, 2012). Alguns autores defendem a prevalência de uma simetria na violência entre parceiros íntimos no que diz respeito ao sexo, embora esta difira em termos de dinâmicas, motivação, frequência e impacto (Ribeiro, 2013; Santos, 2015) e consideram que sublinhar constantemente a violência de género ou usar o conceito de vitimação apenas no feminino e de perpetração apenas no masculino, origina um “enviesamento” na perceção da realidade (CIG et al., 2016). Por outro lado, há autores que defendem que a questão de género deve ser sempre destacada (CIG et al., 2016), sublinhando que este tipo de violência incide essencialmente sobre as mulheres e se desenvolve a partir de uma assimetria nas relações de género e no poder exercido dentro das mesmas, que se encontra enraizada na ordem patriarcal (CIG et al., 2016; Ribeiro, 2013).

Antunes (2016) acrescenta, ainda, que as referidas diferenças ou semelhanças em termos de sexo podem simplesmente estar relacionadas com o tipo de amostra ou com as medidas usadas pelos investigadores no sentido de justificar o objetivo da

investigação. Lewis e Fremouw (2001) expõem que os sujeitos do sexo masculino poderão não reportar as agressões perpetradas por estes, devido a uma minimização do referido comportamento ou simplesmente por uma questão de desejabilidade social, sublinhando, ainda, que alguns comportamentos violentos poderão ter apenas uma função de defesa frente à vitimação, o que poderá explicar a bidirecionalidade dos abusos entre parceiros íntimos em termos de sexo.

No entanto, convém igualmente referir que na grande maioria dos estudos, como por exemplo os desenvolvidos à escala regional ou nacional, os resultados revelam uma maior simetria entre homens e mulheres no que diz respeito à interpretação de violência, sendo dita violência pouco severa e surgindo como resultado de situações de conflito entre parceiros (Antunes, 2016; Teixeira, 2015).

Monteiro (2015) refere ainda a existência de uma ciclicidade no fenómeno da violência entre parceiros íntimos formada por três momentos. Numa primeira fase o/a agressor/a manifesta atitudes de intimidação e controlo, a partir de situações do dia-a-dia, dando origem a um aumento de tensão e culpabilização na vítima e a uma sensação de perigo iminente (Antunes, 2016; Freitas, 2015). Por outro lado, a vítima demonstra atitudes de condescendência e de afeto e tenta satisfazer todas as vontades do/a agressor/a, com o objetivo de acalmá-lo/a e de, dessa forma, evitar possíveis incidentes (Antunes, 2016). Esta primeira fase, pode, assim, dar origem a um segundo momento, onde o/a agressor/a acaba por perpetrar violência física, psicológica e/ou sexual sobre a vítima, sendo que ditos comportamentos vão sofrendo um aumento de intensidade e frequência e, como tal, de perigosidade ao longo do tempo (Antunes, 2016; CIG et al., 2016).

Já num terceiro momento, descrito como uma fase de reconciliação ou como o período de “lua-de-mel”, o/a agressor/a desculpabiliza-se pelos seus atos, por vezes de forma exagerada e promete não voltar a fazê-lo, comportando-se de forma especialmente afetuosa e atenciosa para com a vítima, no sentido de a compensar pela violência infligida (cf. Antunes, 2016). Quando esta última fase se dissipa e os sentimentos de remorsos se desvanecem, o/a ofensor/a volta ao seu estado habitual, podendo inclusive culpabilizar a vítima ou o consumo de substâncias pelo seu comportamento violento, iniciando-se, assim, novamente o ciclo de violência (cf. Antunes, 2016).

2.2. Violência no namoro: Expressões e prevalência

Relativamente à população mais jovem, a investigação indica que a violência entre parceiros íntimos tem sofrido um aumento preocupante (Antunes, 2016; Barbosa, 2014; Félix, 2012; Lopes, 2014; Machado et al., 2010), sendo provavelmente essa a causa do recente crescimento do interesse científico por dita temática (Barbosa, 2014; Félix, 2012; Fernandes, 2013), legitimado pela importância da sua identificação e prevenção precoce (cf. Paiva & Figueiredo, 2004).

No que diz respeito especificamente à violência no namoro, esta emerge hoje, no contexto português, como um tema discutido, tanto a nível público como académico e como um fenómeno social e jurídico, sendo a sua visibilidade mediática cada vez maior (Gama et al., 2017).

Assim, observa-se um aumento da preocupação no que diz respeito ao referido fenómeno, sendo este considerado, atualmente, como um grave problema de saúde a nível mundial, tendo em conta, não só a sua elevada prevalência - chegando a sobrepor-se à violência no âmbito conjugal ou de coabitação duradoura, nomeadamente, na Europa e nos Estados Unidos (Monteiro, 2013; Teixeira, 2015) - e o facto de ser um forte indiciador de violência entre parceiros íntimos no futuro (Monteiro, 2013; Ruitiña, 2012), como as consequências substanciais para a vítima, de curta ou longa duração e por vezes irreversíveis, tanto a nível económico, familiar e social, como a nível físico e psicológico, como, por exemplo, o desenvolvimento de *stress* pós-traumático, de perturbações emocionais, de disfunções a nível alimentar, de comportamentos sexuais de risco e as tentativas de suicídio, entre outros (Fernandes, 2013; González, 2007; Monteiro, 2013; Santos, 2013; Teixeira, 2015).

Dito fenómeno, surge assim definido como o uso de violência ou a ameaça verbal relativamente a dito uso, de forma sucessiva ou pontual, cometido por um dos parceiros ou por ambos, sem a presença de um vínculo conjugal entre estes, tendo os mesmos a intenção de controlar, subjugar e obter mais poder na relação do que o outro (Gonçalves, 2013; Lopes, 2014). Assim, a violência entre parceiros íntimos e especificamente a violência no namoro pode assumir diversas formas.

Ainda que não exista uma definição unânime para cada uma dessas formas, estas podem ser designadas como:

(i) violência física, definida como o uso de força física, ameaça ou restrição sobre o/a parceiro/a, no sentido de exercer poder sobre o/a mesmo/a e de lhe infligir dor ou

injúria, que inclui atos como bater, bofetear, sufocar, agarrar, beliscar, esmurrar, puxar, empurrar, abanar, dar pontapés, morder, puxar os cabelos, atirar objetos e/ou agredir com arma (Barbosa, 2014; Félix, 2012; Filipe, 2013; Lameira, 2013; Manuel, 2014; Monteiro, 2015). São vários os estudos que indicam a forte presença de casos de violência física nas relações amorosas que antecedem o matrimônio, apresentando estas percentagens de perpetração entre 15% a 50% (cf. Paiva & Figueiredo, 2004).

(ii) violência sexual, que corresponde à prática de violação e a toda a interação sexual forçada ou indesejada, com o/a agressor/a ou com terceiros, conseguida através do uso de ameaças, persuasão, força física, recurso a uma posição de autoridade e/ou ao uso de álcool e/ou drogas (Barbosa, 2014; Félix, 2012; Filipe, 2013; Lameira, 2013; Manuel, 2014; Monteiro, 2015), incluindo o tráfico com desígnios sexuais, a mutilação genital, entre outros (Félix, 2012).

As pesquisas realizadas neste âmbito demonstram percentagens de prevalência deste tipo de violência situadas entre 24,7% e 50% (ligeira) e 6% e 39% (severa) (cf. Paiva & Figueiredo, 2004) e que aproximadamente 50% dos/as estudantes de ensino superior sofrem de violência sexual em relações de namoro (cf. Oliveira, 2011).

(iii) violência psicológica e/ou emocional, que segundo Antunes (2016) e Santos (2013) pode representar uma forma de abuso mais discreta e, como tal, menos evidente a um olhar externo, embora possa ser tão ou mais nefasta para a vítima quanto outra. A violência psicológica e/ou emocional consiste, assim, num padrão de comunicação, verbal ou não verbal, que tem, ou que é percebido como tendo, o objetivo de infligir sofrimento psicológico e/ou emocional a outrem e que inclui atos como ignorar, rejeitar, gritar, desvalorizar, manipular, humilhar, intimidar, insultar, ameaçar, controlar, destruir a autoestima e/ou isolar (Barbosa, 2014; Félix, 2012; Filipe, 2013; Lameira, 2013; Manuel, 2014; Monteiro, 2015).

Várias pesquisas indicam, igualmente, uma forte presença de casos de violência psicológica nas relações amorosas, apresentando esta uma percentagem de prevalência entre 14% e 95% (cf. Paiva & Figueiredo, 2004). Assim, este é considerado como o tipo de abuso mais frequente, embora muitas vezes não seja considerado como violência e, como tal, não seja reportado (Paiva & Figueiredo, 2004).

Estas são as três formas de violência entre parceiros íntimos apresentadas e analisadas com mais frequência. Contudo, por vezes consideram-se outras formas de violência como categorias distintas às acima referidas, provavelmente devido às suas

especificidades, sendo estas (iv) a violência económica, definida como o ato de controlar financeiramente o/a parceiro/a e de providenciar a sua dependência económica, impedindo-o/a, por exemplo, de estudar ou de arranjar emprego, (v) a violência social referida como o conjunto de ações que têm como objetivo a promoção do isolamento da vítima (vi) e a violência “*stalking*” ou assédio persistente, como é por vezes exposta na língua portuguesa (e.g. Antunes, 2016), considerada como uma forma de perseguição e assédio marcada por comportamentos de contacto, comunicação e vigilância repetidos e premeditados (Filipe, 2013). Esta última forma de violência em específico não é reconhecida a nível social ou legal em Portugal, não sendo, como tal, constituída como crime no referido contexto (Antunes, 2016; CIG et al., 2016; Filipe, 2013), o que leva também a que não exista um termo definido para dito construto (Antunes, 2016).

Importa ainda salientar que estas formas de violência raramente ocorrem isoladamente, mas sim com alguma sobreposição ou complementaridade (Filipe, 2013; Manuel, 2014).

Atualmente verifica-se também o emergir do interesse investigativo relativamente ao uso das novas tecnologias, considerando-se as mesmas como um elemento facilitador de comportamentos de abuso psicológico, principalmente no que diz respeito à população mais jovem, onde, apesar de os estudos neste âmbito serem ainda poucos, se denota o aumento da prevalência de jovens que perpetraram este tipo de comportamento abusivo no referido contexto (Antunes, 2016).

No que diz respeito às investigações realizadas especificamente junto de estudantes do ensino superior, em contexto português, estas demonstram igualmente percentagens elevadas de comportamentos violentos entre parceiros íntimos, tanto a nível de perpetração como de vitimação (e.g. Antunes & Machado, 2012; Machado et al., 2010; Paiva & Figueiredo, 2004). Considera-se, inclusive, a fase entre o final da adolescência e o início da fase adulta, como o período onde se denota uma ocorrência frequente de violência entre parceiros íntimos e uma maior presença de fatores de risco nesse sentido (Capaldi, Knoble, Shortt & Kim, 2012; Paiva & Figueiredo, 2004). Também Karakurt et al. (2013) mencionam que este tipo de violência ocorre mais frequentemente entre estudantes do ensino superior comparativamente à restante população.

A nível internacional, o primeiro estudo a relatar a prevalência deste fenómeno entre estudantes do ensino superior foi desenvolvido por Makepeace (1981), estudo

esse que demonstrou que um/a em cada cinco estudantes do ensino superior sofriam de violência nas relações amorosas. Desde então, outros estudos têm vindo a sublinhar uma forte prevalência de dito fenómeno neste contexto (e.g. Delgado, 2016; Murray, Wester & Paladino, 2008; Otero & Martinez, 2016; Thompson, 1991), não existindo na maioria das pesquisas, diferenças sexuais significativas no que diz respeito à perpetração ou vitimação, o que parece indicar que a violência existente neste tipo de relações, entre estudantes de ensino superior, é maioritariamente simétrica (Delgado, 2016; Karakurt et al., 2013; Kaukinen, Buchanan & Gover, 2015; Otero & Martinez, 2016; Thompson, 1991) (cf. Tabela B1). Ainda assim, o estudo de Dardis, Edwards, Kelley e Gidycz (2013) revela resultados diferentes, apontando para uma prevalência da perpetração de violência psicológica e física por parte do sexo feminino, comparativamente ao masculino (cf. Tabela B1).

Quanto à intensidade dos atos violentos, o estudo de Murray et al. (2008) demonstra uma prevalência de níveis superiores de violência leve ou moderada, comparativamente à violência severa, tanto no que diz respeito à perpetração como à vitimação. A investigação de Thompson (1991) demonstra, ainda, que os os/as estudantes de ensino superior com historial de perpetração de violência física, manifestam valores mais elevados de masculinidade e estão envolvidos de forma mais profunda na relação. Assim, o referido estudo sugere, não só que as normas subjacentes aos papéis de género influenciam os estilos de gestão do conflito, surgindo a identidade de género masculina como preditor do envolvimento em relações íntimas violentas em ambos os sexos, como, também, que os desentendimentos que levam à escalada da violência física se intensificam à medida que aumenta a proximidade na relação, em termos de intimidade, privacidade, compromisso emocional e muito provavelmente a sua duração, sendo esta última evidência corroborada no estudo de Delgado (2016).

Já no que diz respeito aos diferentes tipos de violência, o estudo de Otero e Martinez (2016), expõe que, tanto em termos de vitimação como de perpetração, a violência psicológica surge como a mais prevalente, seguida da violência verbal, da violência sexual e por fim da violência física (cf. tabela C1).

As referidas pesquisas demonstram, ainda, a existência de uma maior prevalência das distintas formas de violência entre os/as participantes com estatutos socioeconómicos mais baixos (Delgado, 2016; Otero & Martinez, 2016). Por último, convém, também, salientar que o estudo de Dardis et al. (2013) parece indicar que a

vitimação de violência psicológica é preditiva da perpetração dessa mesma violência, tanto no sexo masculino como no sexo feminino e que o mesmo acontece com a violência física, embora apenas no sexo feminino.

Quanto às investigações realizadas em Portugal, junto de estudantes do ensino superior e da população jovem no geral, estas apresentam, igualmente, uma não consensualidade nos resultados, no que diz respeito à existência de diferenças sexuais significativas na prevalência deste fenómeno (Antunes, 2016; Antunes & Machado, 2012; Gama et al., 2017; Machado et al., 2010; Paiva & Figueiredo, 2004; Teixeira, 2015; Vieira, 2013) (cf. Tabela B1). Assim, Antunes (2016) conclui que muitas vezes o/a agressor/a é também a vítima da mesma ou de outra forma de violência, seja qual for o grau de severidade, um facto corroborado por Paiva e Figueiredo (2004) que referem que a perpetração por parte de ambos os parceiros é mais frequente do que a perpetração por parte de apenas um deles, sublinhando a existência de uma associação significativa entre a perpetração e a vitimação.

Relativamente aos diferentes tipos de violência, os resultados são igualmente contraditórios, existindo, no entanto, uma consensualidade no que diz respeito à prevalência da violência psicológica relativamente aos outros tipos de violência (Antunes, 2016; Antunes & Machado, 2012; Gama et al., 2017; Manuel, 2014; Paiva & Figueiredo, 2004; Vieira, 2013) (cf. Tabela C1). Já no que diz respeito à intensidade dos atos violentos, tanto Machado et al. (2010) como Paiva e Figueiredo (2004) mencionam uma sobreposição frequente das formas de abuso ligeiras às formas de violência mais severas.

As referidas pesquisas demonstram, ainda, a inexistência de diferenças associadas à classe social dos/as participantes, ao contrário do que acontece com a idade dos/as mesmos/as, sendo que os/as participantes mais velhos manifestam um maior nível de perpetração e de vitimação de violência nas suas relações íntimas (cf. Machado et al., 2010). Fernandes (2013), num estudo realizado junto de estudantes do ensino secundário, refere, igualmente, que tanto a prevalência como o nível de severidade da violência têm tendência a aumentar com a idade e com tempo de duração da relação. Ainda assim, Machado et al. (2010) referem que as diferenças encontradas em termos de idade, podem estar mais relacionadas com o facto de haver uma maior disposição por parte dos/as participantes mais maduros/as para reconhecer e assumir a responsabilidade pelos seus atos abusivos e não com o facto

de estes/as exercerem ou sofrerem mais violência nas suas relações íntimas, comparativamente aos/às participantes de uma faixa etária mais baixa.

Outro dos estudos representativos desta realidade foi o realizado por Gama et al. (2017) no ano letivo de 2015/2016, junto de estudantes da Escola Superior de Educação de Lisboa que integravam no decorrer da referida pesquisa o 1.º, 2.º e 3.º ano das várias licenciaturas ministradas na referida instituição. Dito estudo, além de demonstrar que 12,1% dos/as participantes (12,3% das raparigas e 10,6% dos rapazes) sofreram de violência no namoro, revela também a existência de diferenças significativas relativamente ao ano de escolaridade frequentado pelos/as participantes, sendo que os/as alunos/as do 1º ano revelam uma maior perpetração e vitimação de abuso social e de violência física e uma maior vitimação relativamente ao uso de estratégias abusivas na resolução de conflitos.

A análise global das investigações acima expostas aponta, assim, para a pouca existência de diferenças sexuais significativas, no que diz respeito à perpetração ou vitimação de violência nas relações íntimas dos/as jovens no geral e dos/as estudantes de ensino superior, sendo que quando de facto existem não são consensuais. Contudo, parece observar-se, na atualidade, uma dinâmica relacional mais desvinculada dos papéis sexuais tradicionais, onde a imagem do homem incapaz de denunciar a violência exercida sobre ele, por parte da mulher, por não ter consciência da mesma, por renunciar a falar sobre as suas emoções ou por receio a ser considerado fraco, começa a mudar, ao mesmo tempo que a mulher começa a assumir uma atitude mais crítica acerca do seu comportamento abusivo, depondo a sua imagem de vítima (cf. Delgado, 2016), o que sublinha a importância de desconstruir a ideia de perpetração associada ao sexo masculino e de vitimação associada ao sexo feminino (Oliveira, 2011). Ainda assim, como referem Machado et al. (2010), continua a ser necessária a exploração desta questão em concreto, no que diz respeito à violência no namoro em contexto português.

Por outro lado, não restam dúvidas de que o tipo de violência que surge, quase sempre, como o mais prevalente no contexto referido é a violência psicológica, tanto no que diz respeito à perpetração como à vitimação, não havendo, contudo, um consenso relativamente à prevalência da violência física sobre a violência sexual ou vice-versa, o que parece ir ao encontro do exposto por alguns autores, quando referem que a violência psicológica complementa e tem tendência a anteceder a violência física ou sexual, sendo muitas vezes encarada como um comportamento que

é normal numa relação amorosa (CIG et al., 2016; Leitão, 2013; Oliveira, 2011). Já a relação positiva entre uma maior duração da relação e a presença de violência nas relações íntimas, parece indicar que o respeito pelo/a parceiro/a se dilui com o tempo (Delgado, 2016).

Por último, convém salientar a existência de diversos obstáculos à investigação no âmbito da violência no namoro, como a falta de consensualidade na definição do referido conceito ou a diversificação dos critérios adotados em cada uma das pesquisas e no seu desenho, o que aponta para uma necessidade de uniformizar tanto os conceitos como as metodologias a utilizar, para que se possa chegar a generalizações mais fidedignas (Fernandes, 2013; Lewis & Fremouw, 2001).

2.3. Atitudes e crenças acerca da violência no namoro

Como refere Antunes (2016), “a violência sofre influência de locais, circunstâncias e realidades variadas, implicando a existência de uma relação assimétrica de poder, através da força exercida contra os direitos e a liberdade do outro” (p. 13). Esta ideia leva-nos necessariamente a refletir sobre outro dos âmbitos, abordados e investigados dentro da temática da violência entre parceiros íntimos, nomeadamente, os possíveis fatores de risco subjacentes a esta, ou seja, os fatores que influenciam o aumento da possibilidade da ocorrência do referido fenómeno, pela sua acumulação ou interação, sendo que quanto maior for o número de fatores de risco presentes maior será a possibilidade de dita ocorrência (Fernandes, 2013; Ruitiña, 2012), apesar de, como sublinhado por diversos autores, existir apenas uma correlação entre estes, não representando os mesmos necessariamente a causa (Fernandes, 2013).

No que concerne a este aspeto, tanto no que diz respeito à perpetração como à vitimação, relativamente à população mais jovem, Barbosa (2014) e Filipe (2013) referem que não existe um consenso entre os investigadores, possivelmente devido à recentidade dos estudos realizados neste âmbito.

Por exemplo, Manuel (2014) refere que tanto o género como o contexto socioeconómico influenciam não só a existência de violência no namoro, como também o tipo de violência predominante e a autora Lameira (2013) menciona, também, a importância de analisar as representações sociais quando se pretende

estudar os comportamentos violentos, justificando-se pelo facto de estes últimos ocorrerem envoltos num determinado contexto social, histórico e económico. Também os autores Lewis e Fremouw (2001) apresentam alguns fatores de risco, como o sentimento de insatisfação relativamente à relação, a falta/desadequação de estratégias de resolução de problemas e/ou de competências de comunicação e a inexistência de uma rede de apoio social. A tudo isto, Barbosa (2014) acrescenta a desadequação das práticas educativas como um possível fator de risco.

Já Castro (2015) considera as emoções como estando no centro da vida humana, influenciando, inclusive, as relações interpessoais que dela fazem parte. O autor defende que as pessoas que vivenciam a intimidade de forma mais dependente demonstram ter mais dificuldade na regulação das suas emoções, sendo muitas vezes inadequadas, negativas, ou até mesmo agressivas, as estratégias de resolução de conflitos usadas por estas. Desta forma, o autor afirma que a desregulação emocional parece afetar negativamente e diretamente a intimidade e conseqüentemente a qualidade da relação, estando associados a esta desregulação fatores como a idade, a maturidade ou a duração da relação.

Destaca-se, ainda, a contribuição da autora Filipe (2013), cujo estudo teve por base modelos e teorias distintas. Nesse sentido, a autora, além dos fatores de risco já mencionados, apresenta ainda outros, como por exemplo, as diferenças de género, assim como as crenças e atitudes que estão na base dessas diferenças, o consumo de substâncias, o *stress*, as assimetrias de poder entre o casal, a presença de tensões e conflitos na relação, que podem ser desencadeados, entre outros motivos, pelo ciúme, pelo medo da traição e/ou pela falta de diálogo, as experiências antecedentes de violência, os elementos promotores de desenvolvimento de crenças e atitudes que legitimem o uso da violência ou a sua aceitação e ainda algumas características da própria personalidade, como a agressividade, a dependência emocional, a insegurança ou a baixa autoestima.

Neste âmbito, é importante sublinhar o modelo ecológico, criado na tentativa de integrar e articular as distintas abordagens realizadas aos fatores de risco referentes ao fenómeno da violência entre parceiros íntimos, tendo em conta que nenhuma dessas abordagens inclui toda a complexidade e heterogeneidade do mesmo, nem relaciona os fatores de risco identificados por cada uma delas com outros apresentados noutras abordagens (Filipe, 2013). Este modelo, defensor da existência de múltiplos sistemas associados a diferentes níveis de fatores, estando a sua

interação na origem da ocorrência de violência entre parceiros íntimos, surge referido como um dos modelos mais aceites quanto ao enquadramento deste fenómeno na atualidade, apresentando, contudo, algumas falhas como a falta de clareza na relação entre os fatores incluídos em cada sistema e entre os distintos sistemas em si ou o facto de não incluir alguns fatores como o consumo de substâncias ou o *stress* (Filipe, 2013).

Os quatro sistemas incluídos no modelo ecológico são: (1) o Sistema individual – características do indivíduo e da sua história pessoal, (2) o Sistema relacional (Microsistema) – características da relação e da interação entre os parceiros íntimos, entre pares e entre membros da família (3) o Sistema comunitário (Exossistema) – características e influência das estruturas sociais, formais e informais, nas quais o microsistema se insere e com as quais se relaciona, incluindo elementos como o local de trabalho, a escola ou o bairro de residência (4) e o Sistema social (Macrossistema) – enquadramento sociocultural que dá origem às normas sociais, incluindo as políticas de saúde e as políticas económicas, educativas e sociais, que por sua vez têm influência sobre as atitudes e crenças dos indivíduos (Filipe, 2013; Manuel, 2014; OMS, 2012).

Com base neste último sistema, surgem as atitudes e crenças culturais dos sujeitos no que diz respeito ao uso de violência, recorrentemente mencionadas como um fator de risco ou como a justificação mais frequente para a ocorrência de comportamentos violentos entre parceiros íntimos (Félix, 2012; Lopes, 2014; Saavedra, 2010).

Ao pensarmos sobre o que origina as crenças no comportamento do ser humano, entendemos o nosso desenvolvimento como sendo construído através das interações com os outros, o que significa que as nossas crenças emergem como o resultado das perceções que vamos construindo e assimilando, ao longo do tempo, a partir das influências que nos rodeiam e do processo de socialização, incluindo aquelas que desculpabilizam atitudes e comportamentos abusivos e que dão origem à legitimação da violência, o que sublinha a influência dos modelos socioculturais neste aspeto e a importância do grupo de pares, principalmente no que diz respeito à população mais jovem (Antunes, 2016; Monteiro, 2013; Oliveira, 2011). Assim, estas conceções e crenças irão definir como o indivíduo percebe o seu próprio comportamento e o de outros e como este toma as suas decisões, podendo os

repertórios relacionais mais tradicionais e rígidos estar associados à presença de violência no namoro (Schwartz et al., 2006).

Já no que diz respeito às atitudes, convém salientar que estas não constituem comportamentos, mas sim a tendência para a explicação ou adoção dos mesmos, baseada em apreciações que podem ser favoráveis ou desfavoráveis, e que, segundo a sua intensidade, pode levar a posturas mais ou menos radicais (Moura, 2012). Ou seja, os pensamentos e sentimentos dos indivíduos relativamente a determinado comportamento e a forma como o avaliam, originam uma tendência para responder ao mesmo através de uma ação favorável ou desfavorável (Fonseca, 2015). Outro aspeto salientado, no que diz respeito às atitudes, é o facto de estas serem aprendidas, tal como as crenças, e portanto mutáveis, sendo um dos fatores de influência dessas alterações os processos de indução originados pelo impacto que a sociedade tem nos sujeitos, como por exemplo, a nível político ou mediático, que podem, assim, levar a uma alteração dos comportamentos a curto ou a longo prazo (Moura, 2012).

Assim, verifica-se por exemplo, segundo Antunes (2016), a crença existente entre a população mais jovem, sobretudo no que diz respeito ao sexo masculino, de que o uso de violência representa uma forma aceitável de resolver conflitos. Já no que diz respeito ao sexo feminino, a crença que prevalece é a de que, mesmo após a agressão, o amor acabará por superar as dificuldades, o que leva os sujeitos deste sexo a um esforço para manter a relação (cf. Antunes, 2016). Desta forma, o mesmo autor refere que as crenças dos/as jovens sobre o romance, onde se destacam os papéis tradicionais de género, expõem os/as mesmos a uma maior vulnerabilidade face à violência.

Gomes et al. (2016) referem, igualmente, que os atos violentos tidos sobre o sexo feminino têm muitas vezes como base um conjunto de crenças relativamente à inferioridade da mulher e à legitimação da violência como estratégia de resolução de conflitos, considerando-se a reestruturação cognitiva - confrontar o perpetrador com a irracionalidade patente nas suas crenças, provocando assim a substituição das mesmas por pensamentos racionais alternativos - como uma estratégia fiável para a alteração desse mesmo sistema de crenças. Carvalho (2010) expõe, também, que é principalmente nos jovens do sexo masculino que persistem as crenças legitimadoras de violência entre parceiros íntimos, apresentando estas justificações baseadas nos comportamentos das mulheres e na atuação de fatores externos como a pobreza e a falta de controlo por parte do agressor.

No que diz respeito especificamente aos/às estudantes do ensino superior, destaca-se o estudo de Mendes et al. (2013), cujos/as participantes demonstram uma menor associação das situações de violência às relações ocasionais e consideram essas mesmas situações como sendo de difícil detecção quando presentes em relações de namoro. Inclusive, apesar de a maioria desses/as mesmos/as participantes condenar o uso da violência na intimidade, alguns/mas deles/as apresentam discursos que contribuem para a minimização e desculpabilização de certas formas de violência e revelam a presença de estereótipos sociais.

O mesmo estudo refere ainda que, apesar de se verificar um aumento da percepção da violência como crime, os/as estudantes do ensino superior autoexcluem a sua geração do conceito de “violência doméstica”, não exibindo, como consequência, atitudes de prevenção nem de denúncia ou não sabendo mesmo como intervir em situações de violência física e psicológica, principalmente quando estas ocorrem fora dos seus círculos de amizade. Como tal, os autores apontam que a diferença que os/as estudantes do ensino superior percebem como sendo a sua em relação à sociedade em geral, não lhes dá as ferramentas para se mobilizarem em situações que não consideram como configurando atos de violência, concluindo que a especificidade do mundo académico molda as percepções dos fenómenos e também oculta muitas realidades.

Ainda, como refere Teixeira (2015), as crenças erradas sobre a violência exibem uma tendência para a promoção da desculpabilização do/a agressor/a e da culpabilização da vítima e representam preditores relevantes do envolvimento dos sujeitos em relações de carácter abusivo. Oliveira (2011) acrescenta que ditas crenças podem levar os/as perpetradores/as a menosprezar a necessidade de alterar os seus comportamentos abusivos e levar as vítimas a desvalorizar o abuso, promovendo a sua manutenção na relação e a não procura de ajuda por parte das mesmas (cf. Monteiro, 2013).

Esta relação positiva entre as atitudes legitimadoras de violência nas relações íntimas e o envolvimento ou manutenção dos indivíduos em relações violentas surge referida em diversos estudos realizados, tanto a nível internacional como nacional, junto de estudantes do ensino superior (e.g. Antunes, 2016; Carlson, 1999; Dardis et al., 2013; Rey-Anacona, 2015), o que indica que existe uma tendência para a perpetração de comportamentos violentos nas relações de namoro, por parte dos

sujeitos que apresentam atitudes de maior legitimação face aos mesmos (Antunes, 2016).

Por outro lado, existem alguns estudos que expõem que, tendo em conta que são poucos/as os/as jovens que manifestam concordância com o uso de violência mas muitos/as os/as que admitem utilizá-la nas suas relações de namoro, esta relação entre comportamentos e atitudes nem sempre é linear (Machado et al., 2010; Saavedra, 2010; Vieira, 2013). Como é o exemplo do estudo realizado por Teixeira (2015), que revela a não existência de uma relação entre a perpetração de violência física, por parte dos/as jovens em contexto de namoro e a legitimação desse tipo de comportamento por parte dos/as mesmos/as, o que leva a autora a concluir que a legitimação de comportamentos de violência física não significa, necessariamente, que se observe a perpetração dessa mesma violência no referido contexto.

Esta falta de consenso tem sido atribuída ao viés de desejabilidade social patente nas respostas aos questionários atitudinais que abordam esta temática e também à divergência entre as atitudes gerais dos indivíduos face à violência e as suas atitudes no que respeita a situações de violência concretas e/ou que os envolvam diretamente (Saavedra, 2010). Na realidade, muitas das pessoas não reconhecem a violência que perpetram ou que sofrem (cf. Saavedra, 2010), inclusive a população mais jovem (cf. González, 2007). Outro aspeto que contribui para esta falta de consenso é a ausência de instrumentos especificamente construídos para a população juvenil e por consequência o uso de instrumentos dirigidos à população adulta e, portanto, desadequados às faixas etárias mais jovens (Saavedra, 2010). Ainda assim, torna-se importante debruçar-nos sobre o estado da arte relativamente a este âmbito, no sentido de conhecer quais as atitudes e crenças da população jovem acerca da violência entre parceiros íntimos.

A maioria dos estudos realizados, tanto a nível internacional como nacional, refere uma baixa concordância com a violência no namoro, por parte dos/as jovens, incluindo os/as estudantes do ensino superior (e.g. Machado et al., 2010; Monteiro, 2015; Oliveira, 2011; Price, Byers & The Dating Violence Research Team, 1999; Vieira, 2013), ao contrário da investigação levada a cabo por Teixeira (2015), junto de estudantes do ensino superior, cujos resultados revelam que uma percentagem significativa dos/as participantes manifestam uma postura de tolerância face ao abuso físico. Também Carvalho (2010) refere que os/as adolescentes, tanto do sexo masculino como feminino, revelam uma baixa concordância com o uso de violência

entre parceiros íntimos, explicando esse facto a partir dos esforços crescentes que têm vindo a ser desenvolvidos, por parte da comunicação social e das escolas, no sentido preventivo.

Já a investigação realizada junto da população jovem, incluindo os/as estudantes do ensino superior, no que diz respeito à prevalência da legitimação de um tipo de violência comparativamente a outros, é menor e os poucos estudos que se debruçam sobre este aspeto não apresentam resultados consensuais, no entanto, parece existir uma ligeira prevalência da legitimação da violência psicológica perpetrada pelo sexo masculino e feminino e da violência física e sexual perpetrada pelo sexo feminino (Antunes, 2016; Gonçalves, 2013; González, 2007; Hines & Reed, 2015; Monteiro, 2015; Price et al., 1999; Rey-Anacona, 2015; Ribeiro, 2013; Saavedra, 2010) (cf. Tabela D1).

Pelo contrário, a diferença entre sexos no que diz respeito à tolerância de comportamentos violentos no namoro surge frequentemente abordada, evidenciando-se uma maior prevalência da legitimação destes por parte do sexo masculino, comparativamente ao sexo feminino (e.g. Antunes, 2016; Carlson, 1999; González, 2007; Hines & Reed, 2015; Machado et al., 2010; Price et al., 1999; Vieira, 2013) (cf. Tabela E1). Quanto à orientação sexual dos respondentes, os estudos realizados junto de estudantes do ensino superior referem a não existência de uma relação significativa entre esta e a tolerância de violência entre parceiros íntimos (e.g. Carlson, 1999; Crittenden et al., 2017).

O estudo de Monteiro (2015) refere ainda uma relação entre os vários tipos de violência, sugerindo que é possível a legitimação de uma forma de abuso influenciar a legitimação de outra ou outras formas do mesmo, um facto corroborado no estudo de Price et al. (1999).

Por outro lado, Carlson (1999), referindo-se aos/às estudantes do ensino superior, menciona o carácter subjetivo das perceções destes/as acerca do que constitui um ato violento ou abusivo numa relação de namoro, que segundo a autora, podem sofrer a influência de dois tipos de fatores: os individuais (e.g. género, experiências antecedentes de violência) e os situacionais ou contextuais (e.g. natureza e consequências do ato, o género do perpetrador e da vítima, a natureza da relação e a presença ou ausência de circunstâncias atenuantes). Nesse sentido, a literatura, tanto a nível internacional como nacional, refere que a maior legitimação da violência entre parceiros íntimos, por parte dos/as jovens, surge associada ao baixo nível de

formação (e.g. Carlson, 1999; Machado et al., 2010), ao baixo estatuto social (e.g. Machado et al., 2010), à pertença a uma minoria racial ou étnica (e.g. Crittenden et al., 2017; Hines & Reed, 2015) e à presença de atitudes tradicionais acerca dos papéis de género (e.g. Price et al., 1999) (cf. Tabela F1). Enquanto a menor legitimação da violência entre parceiros íntimos surge associada ao aumento da idade (e.g. Crittenden et al., 2017; González, 2007; Machado et al., 2010), a elevados níveis de religiosidade (e.g. Crittenden et al., 2017) e a fatores situacionais como o grau elevado de severidade dos atos, ao facto de a vítima ser do sexo feminino ou homossexual, de o perpetrador ser do sexo masculino ou de o ato violento ter consequências prejudiciais (e.g. Carlson, 1999) (cf. Tabela F1).

Assim, as atitudes acerca da violência no namoro surgem como uma temática bastante complexa (Carlson, 1999). Como refere Santos (2015), a par com a “humanização” e “suavização” dos hábitos societais, o movimento de individualização, patente nas sociedades contemporâneas, traduz-se também numa crescente intolerância face à violência, tendo em conta que, neste contexto, dita violência perde o seu sentido social e a sua função como fonte de afirmação e de reconhecimento. Por outro lado, a violência aparenta ser uma dimensão intrínseca ao ser humano e a tolerância perante atitudes de represália, a par com uma certa banalização dos comportamentos agressivos como forma de fazer frente à gestão e resolução de conflitos provenientes de interesses sociais, mantêm-se, o que complexifica a promoção de uma cultura mais pacifista (Monteiro, 2013; Santos, 2015).

Como tal, muitos autores referem a importância de desenvolver programas eficientes de prevenção da violência no namoro, centrados na alteração dos comportamentos abusivos, das atitudes legitimadoras de violência nas relações amorosas e das normas sociais que as promovem (Machado et al., 2010; Moyeda et al., 2013; Rey-Anacona, 2015; Schwartz et al., 2006), bem como a relevância de continuar a investigar ditas atitudes, para assim se alcançar essa eficiência (Carlson, 1999; Monteiro, 2013).

CAPÍTULO 3 – O AMOR E A VIOLÊNCIA

3.1. Relação entre o conceito de amor e a violência entre parceiros íntimos

Como se pode verificar pelo acima exposto, a literatura apresenta um vasto leque de fatores sugeridos como promotores de violência entre parceiros íntimos (e.g. Lewis & Fremouw, 2001), sendo, contudo, raramente mencionado o conceito de amor e a sua possível associação ao fenómeno em questão (cf. Dias & Machado, 2011). Por outro lado, são também vários os estudos realizados no sentido de abordar o conceito amor, no entanto, o foco desses estudos tem sido maioritariamente a análise deste fenómeno no âmbito do estabelecimento, manutenção, sucesso ou insucesso e qualidade das relações, sejam estas conjugais, no que diz respeito aos adultos, ou de namoro, relativamente aos adolescentes (Dias, 2012), sendo muitas vezes ignorados outros contextos como o da existência ou persistência de violência nessas mesmas relações. Por outras palavras, o seu conceito tem sido amplamente analisado, mas de forma quase sempre paralela ao fenómeno da violência entre parceiros íntimos, ou seja, representando objetos de estudo separados (Dias & Machado, 2011).

Não obstante, alguns autores referem que o conceito de amor pode influenciar o surgimento ou manutenção da violência entre parceiros íntimos e o seu reconhecimento/legitimação (Félix, 2012; Nascimento, 2009; Pérez et al., 2008; Ruitiña, 2012). Nesse sentido, a literatura sublinha que os ideais de amor romântico e a aceitação dos mitos e crenças subjacentes ao mesmo persistem na sociedade atual (González, 2007; Leitão et al., 2013; Pérez et al., 2008), nomeadamente, nas culturas individualistas, onde o mesmo é fomentado pelos *media*, através das narrativas românticas e genderizadas propiciadas pelos mesmos, funcionando estas como promotoras da ideia de amor e violência como fenómenos conectados (Dias, 2012; Dias, Manita, Gonçalves & Machado, 2013; Pinto, 2009). Assim, ditos ideais e crenças podem contribuir tanto para a tolerância e justificação, no que diz respeito ao abuso nas relações amorosas dos/as jovens, como para a manutenção desse tipo de relação (Félix, 2012; Moyeda et al., 2013; Nascimento, 2009), podendo o uso de violência entre parceiros ser, inclusive, considerado como parte da relação ou como uma expressão de amor (Fernandes, 2013; González, 2007; Nascimento, 2009). Por outro

lado, surge, também, mencionada a forte associação entre os estilos de amor dos sujeitos e a sua forma de resolver conflitos (cf. Varas, 2016). No entanto, são escassos os estudos que se debruçam sobre dita relação, principalmente na população jovem (cf. González, 2007).

Como tal, sublinha-se a importância de investigar o papel do conceito de amor como fator de risco na ocorrência de violência entre parceiros íntimos, bem como a relação entre os estilos de amor e essa mesma violência (González, 2007; Pérez et al., 2008; Rodríguez-Santero et al., 2017; Ruitiña, 2012). Nesse sentido, destacam-se alguns estudos que verificam a existência de uma conexão entre a prevalência de comportamentos violentos no âmbito das relações amorosas e os estilos de amor ou concepções sobre o amor e que, dada a sua pertinência para a compreensão dessa relação, serão expostos de seguida.

Por exemplo, Ellis e Malamuth (2000) realizaram um estudo junto de casais de namorados heterossexuais, nomeadamente, jovens adultos/as e adultos/as de classe média, nos Estados Unidos, colocando as emoções no centro das relações amorosas, particularmente o amor e a raiva. Nesse sentido, dita investigação demonstra que ter sentimentos fortes de raiva durante o conflito relacional está associado com níveis mais elevados de perpetração de violência entre parceiros íntimos e representa um preditor, ainda que não direto, de falta de compromisso, em ambos os sexos, ao contrário do que acontece com o elemento amor. Ainda assim, os autores mencionam que as duas emoções referidas são independentes entre elas, ou seja, ter sentimentos fortes de raiva durante o conflito relacional não influencia a intensidade de amor patente e vice-versa, podendo ambas as emoções coexistir em algumas relações amorosas e incluir comportamentos de abuso, sem haver um enfraquecimento do compromisso.

Outro exemplo é o estudo de Varas (2016), realizado em Espanha junto de adolescentes, onde o estilo de amor *Ludus* surge relacionado com a perpetração de violência sexual e com a vitimação de violência psicológica, por parte do sexo masculino e ainda, com a perpetração de violência física e a vitimação de violência psicológica, por parte do sexo feminino. Já o estilo *Mania* apresenta uma correlação positiva com a perpetração de violência psicológica e com a vitimação de violência física, por parte do sexo feminino. Além disso, o estudo revela, também, uma associação negativa entre o estilo *Storge* e a vitimação de violência sexual no sexo masculino e física no sexo feminino. Já na investigação realizada no México por

Moyeda et al. (2013), cujos/as participantes são também adolescentes, o estilo de amor *Ludus* surge relacionado com a vitimação de violência, por parte do sexo masculino e os estilos *Eros*, *Mania* e *Ágape* com a vitimação por parte do sexo feminino, com destaque para o último estilo referido. Quanto à perpetração, esta surge relacionada com os estilos *Eros*, *Ludus*, *Pragma*, *Mania* e *Ágape* no caso do sexo feminino, com destaque para os dois últimos estilos referidos, sendo que quanto mais as participantes deste sexo se diferenciam nos cinco estilos mencionados mais probabilidade existe de exercerem violência de nível alto.

González (2007) apresenta também um estudo efetuado em Espanha junto da população jovem, que ao contrário dos anteriores inclui estudantes de ensino superior. Nesta investigação, os estilos *Storge*, *Ágape* e *Eros* não manifestam nenhuma associação positiva com a violência entre parceiros íntimos em ambos os sexos, embora no estilo *Eros* a correlação seja mais forte no sexo masculino, ao contrário dos estilos *Ludus* e *Mania* que apresentam uma associação positiva com a referida violência, o primeiro em ambos os sexos e o último apenas no sexo feminino.

Já Nascimento (2009) apresenta um estudo realizado no Brasil, junto de jovens e jovens adultos/as, onde refere a forte presença da naturalização do abuso como prova de cuidado e amor nos discursos dos participantes de ambos os sexos. Dita investigação revela, também, que as noções de amor romântico (onde o amor supera tudo, os sacrifícios são vistos como necessários e prevalece a ideia de fusão com o/a parceiro/a) perseveram em todos/as os/as participantes, independentemente da sua classe social, enquanto a noção de amor pragmático prevalece apenas nos/as participantes pertencentes à classe social média, sendo que a violência ganha uma aparente invisibilidade nos/as participantes que apresentam ideais de amor romântico. Neste ponto, também Carvalho (2010) refere a prevalência de concepções mais romantizadas de amor nos/as jovens pertencentes a classes sociais mais baixas e de perspectivas mais críticas e realistas de amor nos/as jovens pertencentes a classes sociais mais altas.

Nascimento (2009) acrescenta, ainda, que o entendimento de que apenas o abuso físico representa violência e de que uma relação de namoro implica compromisso e este último controlo, concorrem para a legitimação de violência no namoro. Assim, segundo a autora, o facto de nas relações de namoro as normas se definirem através de conflitos, pressões e oposições promove a legitimação do uso de

violência, sendo a própria transgressão dessas normas tida como justificativa para o mesmo.

Por outro lado, no que diz respeito especificamente aos/às estudantes de ensino superior, Ruitiña (2012) apresenta um estudo, realizado em Espanha, que tendo como base as questões de gênero se debruça sobre o abuso emocional sofrido pelas mulheres. Nesta investigação, não se verificou a existência de uma associação entre o estilo de amor *Eros* e a violência emocional, levando à conclusão de que este estilo não pode ser considerado como um fator de risco no que se refere à vitimação da referida violência. Também a concordância com alguns dos itens patentes nos estilos *Storge* (17 e 20) e *Ágape* (38) surge associada a uma menor probabilidade de vitimação de violência emocional. Pelo contrário, a concordância com alguns dos itens patentes nos estilos *Ludus* (10 e 12), *Storge* (16, 18 e 19), *Pragma* (24, 25, 26 e 28), *Ágape* (39) e *Mania* (30, 32, 34 y 35) surge associada a um aumento nas pontuações de vitimação dessa mesma violência. Já numa investigação mais antiga, levada a cabo por Sarwer et al. (1993) unicamente com estudantes do ensino superior do sexo masculino, nos Estados Unidos, e que apenas incide sobre a violência sexual, o estilo *Ludus* surge como o preditor mais forte deste tipo de violência comparativamente aos restantes estilos de amor.

Também o estudo de Lucariello e Caldera (2012), realizado entre Espanha Portugal e Brasil, se debruça sobre o abuso sofrido pelas mulheres, revelando que o grupo de participantes com experiência de vitimação apresenta pontuações, por ordem decrescente, mais elevadas nos estilos *Storge*, *Ágape* e *Mania* e menos elevadas nos estilos *Eros* e *Pragma*, enquanto o grupo de participantes sem experiência de vitimação apresenta pontuações, por ordem decrescente, mais elevadas nos estilos *Ágape* e *Eros* e menos elevadas nos estilos *Storge* e *Pragma*, não manifestando nenhuma das participantes deste último grupo o estilo *Mania*. No entanto, ditos resultados não encontram equivalência na investigação desenvolvida por Guel (2014) no México, onde as participantes com experiência de vitimação apresentam pontuações, por ordem decrescente, mais elevadas nos estilos *Mania*, *Pragma* e *Storge* e menos elevadas em *Eros*, *Ágape* e *Ludus*. Por outro lado, os homens com experiência de perpetração que participaram na referida investigação manifestam pontuações, por ordem decrescente, mais elevadas nos estilos *Storge*, *Eros* e *Ágape* e menos elevadas em *Pragma*, *Mania* e *Ludus*, o que resulta algo contraditório, tendo em conta que os estilos com os quais mais se identificam são os mais amigáveis e

tolerantes, o que pode ser explicado pela questão da desejabilidade social, ou seja, pelo facto de frequentarem, no momento do estudo, uma unidade dedicada à reeducação de perpetradores de violência de género e por conseguinte, pelo desejo de apresentar atitudes positivas e dessa forma terminar o processo terapêutico mais cedo.

Já no contexto português, a investigação levada a cabo por Dias et al. (2012), cujas participantes são igualmente mulheres vitimadas, revela que o discurso das mesmas remete maioritariamente para o amor romântico, seguido do amor apaixonado, do amor companheiro, do amor pragmático e por fim do amor *game-playing*. Os autores referem, ainda, que as participantes adultas recorrem mais ao repertório amor romântico e companheiro, com especial destaque para o primeiro, para dar sentido ao abuso sofrido, enquanto as participantes mais jovens utilizam mais o repertório amor apaixonado para esse efeito.

O mesmo se verifica na dissertação apresentada por Dias (2012), onde a autora refere que é necessário analisar a “violência na intimidade” desde uma perspetiva sociocultural e qual a sua relação com os conceitos de amor. No quarto capítulo a autora apresenta um estudo, confirmado no artigo apresentado por Dias em colaboração com outros autores (Dias et al., 2013), que permitiu aos autores concluir que a ligação das noções de amor companheiro, apaixonado e romântico, acompanhada de uma noção de amor pragmático pouco existente, revela uma aparente relação com a tolerância e legitimação de comportamentos violentos entre parceiros íntimos, contrariamente ao verificado com a conexão entre as noções de amor romântico, companheiro e pragmático, acompanhada de uma escassa noção de amor apaixonado.

Os mesmos autores expõem, ainda, que as noções de amor romântico e apaixonado são apresentadas pelos/as participantes mais jovens como conciliadoras entre amor e violência, acontecendo o mesmo no caso dos/as participantes adultos/as, apesar de se destacar nos/as mesmos/as a noção de amor companheiro, assim como a transgressão dos valores subjacentes à mesma, como justificativa para a existência de práticas violentas nas relações íntimas. Nesse sentido, a noção de amor pragmático parece ser aquela que menos promove tanto a permanência em relações amorosas insatisfatórias, como a existência de comportamentos violentos ou abusivos entre parceiros íntimos (Dias, 2012; Dias et al., 2013).

Os autores sublinham, ainda, que apesar de não ter surgido expressamente associada à violência entre parceiros íntimos, a noção de amor *game-playing* não deve ser desconsiderada como promotora deste fenómeno. Tanto a objetificação do/a parceiro/a, como as desigualdades de género reforçadas por esta noção de amor ou até mesmo a própria visão desta como “não amor” poderão ser fatores contribuidores para a existência e legitimação ou ocultação de situações de abuso (Dias, 2012; Dias et al., 2013).

Por último, dita investigação revela, também, que quanto maior for o leque de significados atribuídos, principalmente no que diz respeito às noções de amor romântico e companheiro, maior poderá ser a flexibilidade e a capacidade de adaptação por parte dos sujeitos em relação ao fenómeno do amor, o que poderá também contribuir para relações mais funcionais e satisfatórias (Dias, 2012; Dias et al., 2013).

A análise global das investigações acima expostas revela, assim, uma falta de consenso quanto à relação entre os estilos/noções de amor e a ocorrência de violência entre parceiros íntimos. No entanto, a mesma aponta para o destaque dos estilos *Ludus* e *Mania* como preditores no que diz respeito à perpetração e vitimação dessa violência, sendo que no sexo masculino essa influência se manifesta maioritariamente no estilo *Ludus*. Por outro lado, na população mais jovem a noção de amor romântico parece relacionar-se positivamente com a perpetração e vitimação de violência entre parceiros íntimos em ambos os sexos, enquanto a noção de amor apaixonado manifesta uma associação positiva com a perpetração no caso do sexo masculino e com a vitimação no caso do sexo feminino. Já no que diz respeito à população adulta, a noção de amor romântico, apaixonado e companheiro parece relacionar-se positivamente com a perpetração de violência entre parceiros íntimos no caso do sexo masculino e com a vitimação dessa mesma violência no caso do sexo feminino.

Essa mesma observação geral revela ainda que os estilos de amor *Eros*, *Storge* e *Ágape*, bem como a noção de amor pragmático, manifestam uma associação negativa tanto com a perpetração como com a vitimação de violência entre parceiros íntimos, em ambos os sexos. Nesse sentido, González (2007) afirmou a essencialidade de intervir, junto da população jovem, objetivando a expressão de condutas amorosas características dos estilos *Eros*, *Storge* e *Ágape*.

Tendo em conta todos os factos apresentados, não restam dúvidas de que o conceito de amor, com todos os estilos e noções passíveis de integrá-lo, pode e deve

ser considerado como um fator de importante influência na existência ou não de violência nas relações amorosas (Dias, 2012; Dias et al., 2013; Ruitiña, 2012; Varas, 2016) e como tal, torna-se urgente tanto refletir sobre o seu papel na prevenção deste fenômeno, como analisar ambos os conceitos em conjunto, contemplando a forte influência das práticas e discursos socioculturais na construção e reconstrução dos mesmos, isto é, considerando que a sua construção e reconstrução se realiza de forma social pelos sujeitos em interação (Dias, 2012; Torres, 1987). Como refere Torres (1987), a criação e a alteração das sociedades é realizada pelos sujeitos, pelas práticas sociais que estes protagonizam e pelas representações simbólicas inerentes às mesmas, através da interação com os outros, isto é, através das relações sociais, sendo uma das múltiplas dimensões dessas relações a afetiva, onde se destacam as relações amorosas.

Assim sendo, contornando perspectivas mais essencialistas e tradicionais e seguindo os pressupostos do construtivismo social, destaca-se a indispensabilidade de alertar a sociedade no geral, relativamente à necessidade de questionar e refletir os seus discursos acerca do conceito de amor e de violência, tendo em conta a sua influência no incentivo e legitimação do uso de comportamentos violentos entre parceiros íntimos (Dias, 2012; Dias et al., 2013). Por outras palavras, partindo da ideia que todos os indivíduos de certa maneira dispõem de noções de amor promotoras da existência de violência nas relações amorosas, sendo estas culturalmente partilhadas, torna-se importante intervir no sentido preventivo, de forma a desconstruir essas mesmas noções e os discursos legitimadores e permissórios de ditos comportamentos que se encontram subjacentes às mesmas, considerando como público-alvo de dita intervenção não só a população adulta e a população jovem, especialmente tendo em conta a flexibilidade e recetividade da fase em que se encontram, mas também outros elementos integrantes da sociedade, como os *media*, a opinião pública, as instituições educativas e sociais ou a própria política (Dias, 2012; Dias et al., 2013; Filipe, 2013; González, 2007; Manuel, 2014; Monteiro, 2015). Sublinha-se, neste ponto, a relevância do papel da ES no estabelecimento de processos e práticas de intervenção, relativamente à violência no namoro, que considerem o sujeito como coconstrutor.

Esta proposta, apesar de pressupor um grande desafio, no sentido em que exige não só um esforço conjunto por parte da generalidade dos indivíduos e coletivos, como também uma disposição mental para o pensamento crítico e para a reflexão acerca de novos conceitos, surge como a forma mais viável de construir e reconstruir

relações mais reflexivas, funcionais e saudáveis, assim como discursos mais igualitários, livres e realistas que se contraponham aos que possam servir de fomento às práticas violentas e abusivas entre parceiros íntimos (Dias, 2012; Dias et al., 2013; González, 2007; Ruitiña, 2012).

PARTE II – CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

4.1. Problemática, objetivos e hipóteses

O enquadramento teórico-conceptual expõe que a violência no namoro tem sido alvo de preocupação, pelo seu efeito devastador no que diz respeito às vítimas (Fernandes, 2013; González, 2007; Monteiro, 2013; Santos, 2013; Teixeira, 2015) e por se apresentar atualmente como um fenómeno comum e frequente (Monteiro, 2013; Teixeira, 2015) entre estudantes do ensino superior (cf. Karakurt et al., 2013), com destaque para aqueles/as que frequentam o 1º ano de licenciatura (cf. Gama et al., 2017), sublinhando-se o papel das atitudes dos sujeitos face a dito fenómeno como um fator de influência preponderante relativamente à prevalência de comportamentos abusivos nas relações amorosas (Félix, 2012; Lopes, 2014; Saavedra, 2010).

Por outro lado, apesar de o mesmo referir a importância de se considerar o conceito de amor e as noções subjacentes ao mesmo como um possível fator promotor de violência entre parceiros íntimos (Félix, 2012; Nascimento, 2009; Pérez et al., 2008; Ruitiña, 2012; Varas, 2016), este surge poucas vezes exposto ou encarado como tal.

Assim, tendo em conta a relevância de identificar possíveis contextos de intervenção ou dinâmicas que favoreçam a prevenção da violência no namoro (Santos, 2015), o presente estudo pretende contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos no âmbito do(s) conceito(s) de amor e do fenómeno da violência no namoro, no que diz respeito aos/às estudantes do ensino superior, a partir da análise 1) das perceções e atitudes destes/as em relação ao amor e à violência no namoro, 2) da influência de algumas variáveis sociodemográficas e contextuais nas atitudes dos/as mesmos/as relativamente a ambos os fenómenos 3) e da influência do(s) conceito(s) de amor como fator de risco na legitimação de violência no namoro. Como

tal, a presente investigação tem como base a seguinte problemática: As concepções dos/as estudantes do ensino superior em relação ao amor estão relacionadas com as atitudes que revelam ter sobre a violência no namoro, podendo ambas variar em função de variáveis sociodemográficas e contextuais.

Face a isto, definiu-se como objetivo geral do presente estudo averiguar a existência ou não de uma relação entre as atitudes em relação ao amor e as atitudes acerca da violência no namoro, entre estudantes que frequentem maioritariamente o 1º ano de todas as licenciaturas ministradas numa das instituições de ensino superior da área de Lisboa e explorar a existência de possíveis variações nas mesmas em função de variáveis sociodemográficas e contextuais. Estabelecendo-se, dessa forma, como objetivos específicos da investigação os seguintes:

- (a) Identificar as atitudes dos/as participantes em relação ao amor e à violência no namoro;
- (b) Explorar as diferenças nas atitudes dos/as participantes em relação ao amor e à violência no namoro, no que diz respeito às variáveis sociodemográficas e contextuais;
- (c) Explorar a relação entre as atitudes dos/as participantes em relação ao amor e as atitudes dos/as mesmos/as acerca da violência no namoro;
- (d) Avaliar se as atitudes dos/as participantes em relação ao amor têm influência sobre as atitudes destes/as acerca da violência no namoro;

Em função destes objetivos e a partir da pesquisa bibliográfica realizada estabeleceram-se as seguintes hipóteses de investigação, tidas como base para a concretização deste estudo:

Hipótese 1: No geral, os/as participantes identificam-se mais com os estilos de amor *Storge*, *Eros* e *Ágape*.

Hipótese 2: Existem diferenças significativas relativamente à variável sexo, sendo que o sexo masculino se identifica mais com os estilos de amor *Ludus* e *Ágape*, comparativamente ao sexo feminino.

Hipótese 3: No geral, os/as participantes manifestam uma baixa concordância com a violência no namoro.

Hipótese 4: No geral, os/as participantes revelam mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica masculina e feminina e face à violência física e sexual feminina.

Hipótese 5: Os participantes do sexo masculino manifestam mais atitudes legitimadoras face à violência no namoro.

Hipótese 6: A orientação sexual dos/as participantes não influencia as atitudes dos/as mesmos/as face à violência no namoro.

Hipótese 7: O nível elevado de religiosidade surge associado a uma menor legitimação de violência no namoro.

Hipótese 8: A legitimação de um tipo de violência influencia a legitimação de outros tipos de violência.

Hipótese 9: No geral, os/as participantes que se identificam mais com os estilos de amor *Ludus* e *Mania*, revelam igualmente mais atitudes legitimadoras face à violência no namoro.

Hipótese 10: No geral, os/as participantes que se identificam mais com os estilos de amor *Eros*, *Storge* e *Ágape*, revelam igualmente menos atitudes legitimadoras face à violência no namoro.

4.2. Metodologia

Segundo de Ketele e Roegiers (1999), a recolha de informações define-se como:

o processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes, com o fim de passar de um nível de conhecimento para outro nível de conhecimento ou de representação de uma dada situação, no quadro de uma acção deliberada cujos objectivos foram claramente definidos e que dá garantias de validade suficientes (p. 17).

Nesse sentido, sublinha-se a importância da pesquisa bibliográfica, constituindo a mesma uma etapa fundamental, tanto do processo de investigação no geral, como do processo de preparação metodológica e a premissa de que o/a investigador/a não deve basear a sua opção metodológica na decisão de fazer parte de um ou de outro paradigma ou metodologia, mas sim na problemática em estudo e

nos objetivos definidos, sendo inclusive mais importante que essa opção, a adoção de uma estratégia flexível, não só no que diz respeito a dita problemática, mas também ao próprio processo de investigação (C. Coutinho, 2011).

Seguindo ditos princípios, sublinha-se, antes de mais, que o desenho inicial da presente investigação assumia uma natureza mista, ou seja, a estratégia de recolha de informações incluía uma fase quantitativa que foi implementada, sendo o seu objetivo a obtenção de dados mais extensivos e gerais acerca dos fenómenos em estudo e da relação entre os mesmos e uma fase complementar qualitativa, cuja função seria a de aprofundar e completar os conhecimentos gerados na fase quantitativa anterior, partindo do ponto de vista dos/as participantes e da interpretação atribuída pelos/as mesmos/as aos resultados obtidos através da mesma.

Assim, após a análise dos resultados gerados na fase quantitativa, foi enviado um *e-mail* a todos/as os/as participantes da mesma, no sentido de convidá-los/as a colaborar numa entrevista focalizada, onde se pretendia essencialmente conhecer a opinião destes/as acerca de ditos resultados e criar um espaço de discussão sobre as temáticas em estudo. Foi também enviado um *e-mail* a alguns/mas professores/as pedindo a sua colaboração no sentido de sensibilizar os/as estudantes das licenciaturas onde lecionavam para a importância de participar na iniciativa proposta.

A entrevista focalizada foi agendada para o dia 3 de outubro de 2018 e efetuou-se a preparação de diversos documentos de apoio à mesma, nomeadamente um guia de entrevista (cf. Anexo G), um protocolo escrito de consentimento informado, uma apresentação em formato *power point* e um documento escrito para entregar a cada participante, estes últimos contendo os dados principais sobre a investigação e a descrição dos resultados a debater (informação que surge exposta no guia de entrevista). No entanto, apesar de todos os esforços implementados, nenhum/a estudante compareceu, não sendo possível a realização da entrevista focalizada. Como tal, respeitando o direito à não participação, deu-se por concluído o processo de recolha de dados.

Assim, tendo em conta os fatos apresentados, o presente estudo assume uma perspetiva quantitativa, na qual, segundo C. Coutinho (2011), a recolha dos dados se realiza, normalmente, através da aplicação de testes estandardizados válidos, neste caso escalas de medida, sendo a análise desses dados efetuada mediante o uso de técnicas estatísticas. Por outras palavras, a recolha de dados realizou-se com recurso à aplicação de um questionário (cf. Anexo H), que possibilitou a obtenção extensiva e

rigorosa de informação necessária à concretização dos objetivos da investigação, tendo em conta não só o facto de existir pouco conhecimento disponível acerca da relação entre as concepções e atitudes sobre o amor e as atitudes acerca da violência no namoro, como também a notória complexidade dos referidos conceitos. Dito questionário apresentava-se dividido em três partes, a primeira dedicada à caracterização sociodemográfica e contextual dos/as participantes e as duas últimas constituídas pela “Escala de atitudes em relação ao amor” (Neto, 1992) e pela “Escala de atitudes acerca da violência no namoro” (Saavedra, Machado & Martins, 2017), cujas questões se apresentam de forma fechada.

Como tal, o presente estudo é, relativamente ao método, de tipo inquérito, sendo este explicativo porque além de descrever tem como objetivo averiguar a existência de relações entre as variáveis em estudo e transversal porque a recolha de dados se realizou apenas num dado momento (cf. C. Coutinho, 2011).

Como refere Landsheer (citado por C. Coutinho, 2011), o inquérito constitui o plano de investigação, possivelmente, mais usado no que respeita à investigação social, tendo sido a sua contribuição, neste sentido, decisiva. Este permite igualmente que se possa repetir um mesmo processo, através do conhecimento das regras utilizadas (cf. C. Coutinho, 2011). Nesse sentido, importa referir aqui alguns aspetos a ter especialmente em conta numa investigação de tipo inquérito, sendo estes: a) atender às conclusões do estudo, tendo em conta que estas se devem limitar apenas a descrever, b) confirmar se a descrição da amostra e do instrumento é suficientemente precisa c) e verificar se a amostra é de conveniência ou representativa de determinada população (C. Coutinho, 2011).

Já o questionário surge exposto por Ghiglione e Matalon (1993) como um instrumento rigidamente estandardizado no que diz respeito tanto à redação como à ordem das perguntas colocadas. Assim, de entre os objetivos atribuídos pelos autores ao método do questionário, salienta-se o de “*verificar hipóteses* sob a forma de relações entre duas ou mais variáveis” (p. 117), por ser aquele que vai ao encontro do presente estudo, considerado pelos mesmos como o propósito geralmente com maior relevância, pelo menos no âmbito da sociologia. Por outro lado, de Ketele e Roegiers (1999) mencionam a relevância de compreender com clareza o objetivo que se pretende alcançar e qual o tipo de dados a recolher, quando se opta por utilizar um questionário. Dessa forma, a presente investigação levou em consideração os critérios de bom uso de um questionário expostos pelos autores, nomeadamente, (i) a

existência e relevância de objetivos e hipóteses definidos *a priori*, (ii) a validade das questões colocadas (iii) e a fiabilidade dos resultados obtidos.

Sublinha-se que, no caso dos estudos de cariz quantitativo, o rigor da pesquisa é alcançado na procura da validade interna e externa, da fiabilidade e da objetividade da mesma, ainda que as perspetivas pós-modernas considerem a impossibilidade de se atingir a objetividade numa investigação, tendo em conta a multidimensionalidade que cada realidade estudada apresenta (C. Coutinho, 2011).

Alguns/mas autores/as referem, ainda, a existência de estratégias de verificação que permitem o cumprimento dos critérios acima mencionados. C. Coutinho (2011) define verificação como o processo de avaliar, confirmar e certificar, sendo os mecanismos, usados nesse sentido, aplicados em cada etapa da pesquisa, de forma a asseverar o rigor da mesma a partir da possibilidade de identificação e correção de falhas antes que as mesmas possam influenciar o estudo. Dessa forma, segundo a autora, as estratégias de verificação seriam (i) uma correta articulação entre o processo metodológico e a questão de investigação (*coerência metodológica*), (ii) uma amostra constituída pelos/as participantes/as que detêm um maior conhecimento sobre a temática que é analisada ou que melhor a representam (*adequação da amostragem teórica*), (iii) a recolha, análise e confronto dos dados (*processo interativo de recolha e análise de dados*), (iv) a indução a partir dos dados à medida que estes surgem, confrontando-os continuamente (*pensar de forma teórica*) (v) e avançar sensatamente desde uma perspetiva micro dos dados até uma compreensão conceptual de tipo macro (*desenvolvimento da teoria*).

Guba e Lincoln (citado por C. Coutinho, 2011), sugerem também algumas estratégias que podem ser usadas no sentido de alcançar ditos requisitos, das quais se destacam duas como as mais pertinentes para o presente estudo, sendo estas a) a revisão de pares, tendo em conta que todo o processo de investigação foi seguido e revisto por uma orientadora e uma coorientadora b) e a triangulação, que significa combinar distintos pontos de vista numa investigação, neste caso, a triangulação das abordagens teóricas (cf. C. Coutinho, 2011). Como refere C. Coutinho (2011), através desta última estratégia, o resultado final obtido poderá representar de forma mais fidedigna a realidade ou promover uma maior compreensão dos fenómenos em estudo.

Ainda assim, apesar de todos os cuidados metodológicos que se possam ter, a validade das questões de opinião⁴ nunca poderá ser realmente assegurada, pois nada garante que essa seja uma opinião real (Ghiglione & Matalon, 1993). Contudo, Ghiglione e Matalon (1993) referem que apesar de ditas respostas parecerem instáveis e sensíveis a todos os fatores influentes, estas representam na verdade a instabilidade da opinião em si, que na sua essência constitui por si só um dado mutável. Como tal, mais do que eliminar os enviesamentos mencionados, sublinha-se a importância de tomar consciência da sua existência e de controlá-los. Ainda assim, importa aqui referir que, considerando que o presente estudo aborda uma temática algo discutida e mencionada, é possível a existência previa de uma ideia consensual acerca da mesma por parte dos/as inquiridos/as.

Por fim, importa salientar que todo o processo de estudo foi cuidadosamente planeado e operacionalizado de forma a cumprir rigorosamente os princípios éticos e deontológicos aplicados à investigação e para que fossem, igualmente, cumpridas as etapas do método científico de forma a promover a validade e fiabilidade da investigação.

4.3. Amostra

Colaboraram no presente estudo 210 estudantes, com idades compreendidas entre os 17 e os 34 anos ($M=19,81$; $DP=3,65$), encontrando-se a maioria no escalão etário 18-20 anos (81%). Uma grande parte dos/as participantes (91,9%) frequentava, no momento da recolha de dados, o 1º ano das licenciaturas ministradas numa instituição de ensino superior da área de Lisboa, sendo que 42,4% frequentavam a Licenciatura em Educação Básica (LEB), 29% a Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias (LAVT), 13,3% a Licenciatura em Animação Sociocultural (LASC), 11% a Licenciatura em Mediação Artística e Cultural (LMAC) e 4,3% a Licenciatura em Música na Comunidade (LMC).

A amostra é composta maioritariamente por participantes de nacionalidade portuguesa (97,1%), sendo 87,6% do sexo feminino e 12,4% do sexo masculino. No que concerne à religião, 50,4% dos/as participantes são cristãos/ãs (dos/as quais

⁴ Ghiglione e Matalon (1993) referem-se desta forma às questões cujo objetivo é averiguar opiniões, atitudes, preferências, etc.

37,1% são católicos/as), 11,4% consideram-se ateus/ateias e 3% afirmam pertencer a outras religiões, sendo que 35,2% não responderam a esta questão. No que diz respeito à prática religiosa, 55,3% dos/as participantes referem ser crentes (18,6% definem-se como crentes e praticantes e 36,7% afirmam ser crentes não praticantes) e 30% não se consideram nem crentes, nem praticantes, sendo que 14,8% não responderam a esta questão. Quanto à análise relativamente ao estado civil, todos/as os/as participantes referem ser solteiros/as, sendo que 1,9% afirmam coabitar com o/a parceiro/a e em relação à orientação sexual a grande maioria é heterossexual (86,2%).

Na Tabela 1 é possível observar, de forma mais detalhada, a distribuição dos/as participantes segundo as variáveis sociodemográficas acima referidas.

Tabela 1
Caraterização sociodemográfica da amostra (N=210)

	N	%
Sexo		
Feminino	184	87,6
Masculino	26	12,4
Curso		
Lic. Ensino Básico	89	42,4
Lic. Artes Visuais e Tecnologias	61	29
Lic. Animação Sociocultural	28	13,3
Lic. Mediação Artística e Cultural	23	11
Lic. Música na Comunidade	9	4,3
Ano de frequência		
1º	193	91,9
2º	10	4,8
Outros	2	1
Sem resposta	5	2,4
Nacionalidade		
Portuguesa	204	97,1
Outras	5	2,5
Sem resposta	1	0,5
Orientação sexual		
Heterossexual	181	86,2
Homossexual	6	2,9
Bissexual	12	5,7
Outras	4	1,9
Sem resposta	7	3,3

	N	%		
Estado Civil				
Solteiro/a	202	96,2		
Coabita com o/a parceiro/a	4	1,9		
Sem resposta	4	1,9		
Religião				
Católica	78	37,1		
Cristã	28	13,3		
Ateu/Ateia	24	11,4		
Outras	6	3		
Sem resposta	74	35,2		
Prática Religiosa				
Crente praticante	39	18,6		
Crente não praticante	77	36,7		
Nem crente nem praticante	63	30		
Sem resposta	31	14,8		
Escolaridade dos pais				
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Sem Ensino Básico	2	0	1	0
Ensino Básico	78	47	37,1	22,4
Ensino Secundário	86	103	41	49
Ensino Superior	35	53	16,7	25,2
Pós-graduação	0	1	0	0,5
Mestrado	2	1	1	0,5
Doutoramento	1	1	0,5	0,5
Sem resposta	6	4	2,9	1,9
Profissão dos pais				
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Profissões das forças armadas	3	0	1,4	0
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos	24	18	11,4	8,6
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	28	38	13,3	18,1
Técnicos e profissões de nível intermédio	17	17	8,1	8,1
Pessoal administrativo	18	47	8,6	22,4
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	29	35	13,8	16,7
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	3	0	1,4	0
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	31	6	14,8	2,9
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	24	7	11,4	3,3
Trabalhadores não qualificados	2	7	1	3,3
Desempregado/a	7	21	3,3	10
Reformado/a	2	3	1	1,4
Sem resposta	22	11	10,5	5,2

	M	DP
Idade	19,81	3,65

Nota. A categorização das profissões dos pais e das mães dos/as inquiridos/as teve como referência o seguinte documento: Instituto Nacional de Estatística. (2011). Classificação Portuguesa das Profissões 2010. Consultado em <https://tinyurl.com/yahn75wl>

Pode observar-se, ainda, na Tabela 1 o grau de escolaridade e a categoria profissional relativamente aos pais dos/as inquiridos/as, que permitem verificar a diversidade do contexto social de origem dos/as participantes que integram a amostra. Assim, no que diz respeito aos recursos escolares dos pais dos/as inquiridos/as, verifica-se alguma distribuição pelos distintos graus de escolaridade, com peso destacado no ensino básico (Pai=37,1%; Mãe=22,4%), no ensino secundário (Pai=41%; Mãe=49%) e no ensino superior (Pai=16,7%; Mãe=25,2%). Já em relação aos recursos socioeconómicos dos mesmos, verifica-se a representação, mais ou menos relevante, das várias categorias profissionais, destacando-se no topo a proporção de 14,8% na categoria *Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices*, relativamente ao pai e de 22,4% na categoria *Pessoal administrativo*, no que diz respeito à mãe e na base a proporção 1% nas categorias *Trabalhadores não qualificados* e *Reformado/a*, relativamente ao pai e de 0% nas categorias *Profissões das forças armadas* e *Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta*, no que diz respeito à mãe.

Quanto à caracterização contextual da amostra, isto é, à caracterização inicial dos/as participantes face às suas relações amorosas, verifica-se que uma grande parte dos/as inquiridos/as namora ou já namorou (80,5%), sendo que a maioria revela ter iniciado este tipo de experiência relacional no escalão etário 14 -17 anos (63,9%). Da amostra referida, 46,2% afirmam estar a pensar no/a namorado/a atual aquando o preenchimento do questionário, 20% referem estar a pensar numa pessoa com quem tiveram um relacionamento, 17,1% revelam estar a pensar num/a ex-namorado/a do último ano e 9% afirmam estar a pensar num/a ex-namorado/a de há mais de um ano, tendo a maioria dos/as participantes referido como tempo de duração da relação menos de um ano (29,5%) e entre 1 e 3 anos (51,9%). Por fim, constatou-se que a maioria dos/as inquiridos/as afirmam nunca ter vivenciado uma situação de violência no namoro (84,3%). Contudo 11% revelam ter tido essa experiência, sendo que 4,8% dos/as participantes não responderam a esta questão.

Na Tabela 2 é possível observar, de forma mais detalhada, a distribuição dos/as participantes segundo as variáveis contextuais acima referidas.

Tabela 2

Caraterização da amostra face às suas relações amorosas (N=210)

	N	%
B.1.		
Namoro ou já namorei	169	80,5
Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro	27	12,9
Nunca namorei	14	6,7
B.2. Com que idade começaste a namorar?		
Entre os 10 e os 13 anos	23	11
Entre os 14 e os 17 anos	134	63,9
Entre os 18 e os 23 anos	28	13,3
Sem resposta	25	11,9
B.3.		
Estou a pensar na pessoa que é o/a meu/minha namorado/a atualmente	97	46,2
Estou a pensar num/a ex-namorado/a do último ano	36	17,1
Estou a pensar num/a ex-namorado/a de há mais de um ano	19	9
Estou a pensar numa pessoa com quem tive um relacionamento	42	20
Sem resposta	16	7,6
B.4. Esta relação dura ou durou quanto tempo?		
0 anos	62	29,5
Entre 1 e 3 anos	109	51,9
Entre 4 e 6 anos	9	4,3
Entre 7 e 9 anos	5	2,5
Sem resposta	25	11,9
B.5. Em algum relacionamento da tua vida viveste uma situação de violência no namoro?		
Sim	23	11
Não	177	84,3
Sem resposta	10	4,8

4.4. Instrumentos de recolha de dados

4.4.1. Questionário de dados sociodemográficos e contextuais

No sentido de proceder à caracterização da amostra, foi elaborado e aplicado um questionário de dados constituído por itens de resposta rápida divididos em duas partes (cf. Anexo H). A primeira parte do questionário (A) incide sobre a caraterização

sociodemográfica dos/as participantes, através das variáveis sexo, idade, curso e ano de escolaridade que frequentam, nacionalidade, orientação sexual, estado civil, religião a que pertencem, tipo de prática religiosa e nível de escolaridade/profissão dos pais. Já a segunda parte do questionário (B) diz respeito às variáveis contextuais, isto é, à caracterização inicial dos/as participantes face às suas relações amorosas, através dos seguintes itens: 1 - “Namoro ou já namorei”, “Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro” ou “Nunca namorei”; 2 - “Com que idade começaste a namorar?”; 3 – “Estou a pensar na pessoa que é o/a meu/minha namorado/a atualmente”, “Estou a pensar num/a ex-namorado/a do último ano”, “Estou a pensar num/a ex-namorado/a há mais de um ano” ou “Estou a pensar numa pessoa com quem tive um relacionamento”; 4 – “Esta relação dura ou durou quanto tempo?”; 5 - “Em algum relacionamento da tua vida viveste uma situação de violência no namoro? (Sim/Não)”.

4.4.2. Escala de Atitudes em relação ao Amor

A Escala de Atitudes em relação ao Amor (EAA) é uma versão portuguesa da LAS, desenvolvida por Hendrick e Hendrick em 1986, com base na teoria “As cores do amor” apresentada por John Lee em 1973 (cf. Neto, 1992).

Diversos autores, tratando os conceitos de amor como variáveis, desenvolveram escalas quantitativas para a sua respetiva medição, tornando-se assim possível, segundo Neto (1992), a atribuição de um perfil a nível quantitativo, algo preponderante em cada uma das escalas dos seis tipos de amor, a cada sujeito. O mesmo autor acrescenta, ainda, que dita abordagem possibilita também a associação entre a medida dos referidos estilos e a medida de outras variáveis quantitativas, de carácter interpessoal e intrapessoal.

A LAS surge, assim, como o instrumento de medida fidedigno e válido (cf. Neto, 1992) mais usado para avaliar o modelo proposto por Lee a nível internacional (Cassepp-Borges & de Andrade, 2013), permitindo tanto a avaliação individual de cada um dos seis estilos de amor apresentados pelo autor, nomeadamente o *Eros* – amor apaixonado/erótico, o *Ludus* – amor como um jogo/lúdico, o *Storge* – amor amizade, o *Pragma* – amor prático/pragmático, o *Mania* – amor possessivo e o *Ágape* – amor

altruísta, como de aspetos ligados ao sistema de crenças e atitudes individuais associadas a estes (cf. Barreto, 2014).

A primeira versão da referida escala, desenvolvida por Hendrick e Hendrick, apresentava 54 itens, aos quais o sujeito deveria responder com “verdadeiro” ou “falso”, mas a versão inglesa mais conhecida apresenta 42 itens de autorresposta distribuídos pelos seis estilos de amor, isto é, subdivididos em seis subescalas, sendo que a avaliação de cada estilo se realiza a partir de 7 itens de resposta rápida (cf. Hendrick & Hendrick, 2006). Assim, cada subescala apresenta aspetos relacionados com as atitudes e crenças dos sujeitos, bem como com variáveis emocionais e características da personalidade (cf. Hendrick & Hendrick, 2006), correspondentes à medida de cada um dos seis estilos de amor, sendo o estilo *Eros* avaliado pelos itens de 1 a 7, o *Ludus* pelos itens de 8 a 14, o *Storge* pelos itens de 15 a 21, o *Pragma* pelos itens de 22 a 28, o *Mania* pelos itens de 29 a 35 e o *Ágape* pelos itens de 36 a 42 (Serrão, 2015).

A escala é de tipo Likert sendo a sua cotação distribuída da seguinte forma: 1 - Concordo totalmente; 2 - Concordo moderadamente; 3 – Neutro/Não concordo nem discordo; 4 - Discordo moderadamente; e 5 - Discordo totalmente (cf. Guedes, 2011), tendo em conta que se trata de estilos de amor dinâmicos e que podem sofrer alterações ao longo do tempo e ser influenciados de várias formas (e.g. influências culturais e sociais) (cf. Hendrick & Hendrick, 2006). Os resultados obtêm-se pela soma da pontuação dos sujeitos em cada subescala, assim, quanto mais baixo for o score, maior será a manifestação do estilo de amor correspondente (Júlio, 2012; Serrão, 2015). Por outras palavras, a média de scores varia entre 5 e 35 e quanto mais baixa for a média, mais forte será o estilo específico de amor (Neto, 1992).

Segundo Cassepp-Borges e de Andrade (2013), esta escala não encontra problemas no que diz respeito à sua estrutura fatorial, tendo sido bastante replicada nas pesquisas a estrutura com seis fatores correspondentes aos seis estilos de amor mencionados. A correlação entre os fatores é baixa e os itens normalmente apresentam uma carga fatorial superior a 0,30, apenas no que concerne ao seu fator (Cassepp-Borges & de Andrade, 2013). Quanto aos valores de alfa de Cronbach encontrados, estes foram superiores a 0,70 no estudo original, sendo considerados como aceitáveis (Cassepp-Borges & de Andrade, 2013). Assim, alguns autores consideram que a escala apresenta uma boa consistência interna (Martins-Silva et al., 2013; Neto, 2001), uma elevada estabilidade teste-reteste (coeficientes > 0,70 para

todas as escalas), uma confiabilidade interna satisfatória dos itens, uma independência razoável entre as subescalas (Neto, 2001) e uma distribuição fatorial consistente com os seis estilos propostos, tendo obtido, inclusive, uma maior confiabilidade, comparativamente a outras (Martins-Silva et al., 2013).

Apoiando-se nos estudos desenvolvidos por Hendrick e Hendrick, Neto (1992) adaptou, assim, a LAS ao contexto português, validando a sua versão mediante a aplicação desta num estudo realizado em Portugal. O referido estudo foi efetivado em 1990, com 185 estudantes da Universidade do Porto (94 do sexo feminino e 91 do sexo masculino), tendo como objetivos: (i) aferir as características psicométricas da EAA, (ii) explorar as relações entre os estilos de amor e as características do meio envolvente do sujeito e da sua personalidade (iii) e avaliar as relações entre o embaraço e a solidão (Neto, 1992).

Desta forma, Neto (1992, 2001) considera a versão desenvolvida, nomeadamente, a EAA, como um instrumento de medida válido e viável dos seis estilos de amor.

4.4.3. Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro

A Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN) representa um instrumento amplamente utilizado em estudos cujo objetivo é avaliar as atitudes dos sujeitos relativamente ao fenómeno da violência no namoro (e.g. Antunes, 2016; Cristovão, 2012; Fonseca, 2015; Freitas, 2015; Gonçalves, 2013; Lopes, 2014; Monteiro, 2015; Moura, 2012; Saavedra, 2010; Saavedra et al., 2013).

Esta escala resulta de uma tradução e adaptação à população portuguesa, realizada por Saavedra, Machado e Martins em 2008, da *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (ATDVS), uma escala desenvolvida e validada por Price et al. (1999), constituindo esta um instrumento de autorrelato que apresenta um total de 76 itens subdivididos em seis subescalas, três delas referentes a atitudes relativamente à violência masculina em relações de namoro e outras três referentes a atitudes no que diz respeito à violência feminina no mesmo contexto (Saavedra, 2010). Assim, a referida escala divide-se em: Parte A - Atitudes acerca da violência psicológica masculina (VPM), com 15 itens; Parte B - Atitudes acerca da violência física masculina (VFM), com 12 itens; Parte C - Atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM),

com 12 itens; Parte D - Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF), com 13 itens; parte E - Atitudes acerca da violência física feminina (VFF), com 12 itens; e Parte F - Atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF), com 12 itens (cf. Saavedra, 2010). Desta forma, segundo Saavedra (2010), cada subescala permite avaliar de forma específica o nível de legitimação e de tolerância que cada respondente apresenta relativamente a cada tipo de violência e face à violência perpetrada quer por rapazes, quer por raparigas e tratando-se de uma escala de atitudes, é de referir que a sua aplicação não depende da experiência em relações de namoro que os/as respondentes possam ter.

Os itens são cotados segundo uma escala de Likert de 5 pontos, que expressa o nível de concordância ou discordância que cada sujeito apresenta relativamente a cada um destes, sendo essa cotação, na maior parte dos itens, distribuída da seguinte forma: 1 - discordo totalmente; 2 - discordo; 3 - não concordo nem discordo; 4 - concordo; 5 - concordo totalmente (Cristovão, 2012; Freitas, 2015; Moura, 2012; Saavedra, 2010). Contudo, alguns dos itens surgem excecionalmente codificados de forma invertida (1 - concordo totalmente; 2 - concordo; 3 - não concordo nem discordo; 4 - discordo; 5 - discordo totalmente), nomeadamente, os itens 1, 2, 5, 9, 10 e 13 referentes à VPM, os itens 1, 3, 5 e 7 referentes à VFM, os itens 2, 4, 5 e 12 referentes à VSM, os itens 1 e 2 referentes à VPF, os itens 7, 8, 10 e 12 referentes à VFF e os itens 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 10 referentes à VSF (Cristovão, 2012; Fonseca, 2015; Freitas, 2015; Moura, 2012). Este tipo de cotação invertida surge com a função de controlar a forma negativa como são colocados os referidos itens aos/às respondentes e, como tal, de contornar o enviesamento na concordância dos/as inquiridos/as com os mesmos (Fonseca, 2015; Moura, 2012; Saavedra, 2010).

O valor de cada subescala é calculado a partir da soma dos seus itens, sendo que quanto maior for a pontuação, maior será a legitimação do uso de comportamentos abusivos nas relações de namoro (Saavedra, 2010). Convém igualmente referir que, ainda que o número de itens não seja o mesmo em todas as subescalas, muitos autores optam por calcular os scores pelos totais e não pelas médias (Fonseca, 2015; Moura, 2012).

A produção da versão final da validação e adaptação da EAVN, nasceu, assim, da necessidade de elaborar instrumentos adequados à avaliação das atitudes acerca da violência no namoro entre a população jovem em contexto português, despoletada num anterior projeto, onde, devido a esta lacuna, o recurso a um questionário

desenvolvido para a população adulta, surgiu como única opção (cf. Saavedra, 2010). Por outras palavras, a aplicação de dito questionário permitiu aferir que os/as jovens manifestavam, em algumas situações, dificuldades na compreensão das temáticas e da formulação dos itens, o que contribuiu para que se sublinhasse a urgência de criar e aplicar instrumentos desenvolvidos e testados junto da população jovem (cf. Saavedra, 2010). Assim, para a elaboração da referida versão final, efetuou-se uma recolha de dados no âmbito de um projeto desenvolvido pela APAV, entre 2008 e 2010, intitulado “Projeto APAV 4d - Prevenção Integrada em Contexto Escolar”, tendo a escala sido primeiramente testada junto de alunos/as do 7º ao 12º ano, sendo posteriormente, numa fase de validação final, aplicada somente junto de alunos/as do 9º ano (Saavedra, 2010).

Segundo Saavedra (2010) a aplicação da escala permitiu aferir que a correlação dos itens com a pontuação global do fator que integravam variou entre 0,16 e 0,77 e que embora alguns itens revelassem índices de correlação relativamente baixos, estes não interferiram significativamente com a qualidade da consistência interna da escala e, como tal, permaneceram como constituintes, mantendo-se, desta forma, o total de 76 itens pertencentes à escala original. A análise de frequência item a item conduziu, ainda, à confirmação de que as cinco categorias de resposta tinham sido utilizadas na totalidade dos itens (Saavedra, 2010).

O alpha de Cronbach da escala total adaptada é de 0,94, o que confirma o elevado nível de consistência interna da mesma (Saavedra, 2010). De forma mais detalhada, as seis subescalas que a constituem revelam níveis de alpha de 0,77 no caso da VPM, 0,81 no caso da VFM, 0,80 no caso da VSM, 0,79 no caso da VPF, 0,84 no caso da VFF e 0,83 no caso da VSF (Saavedra, 2010).

Segundo Saavedra (2010) o valor do teste esfericidade de Bartlett dirigido a cada subescala mostrou uma relação elevada entre variáveis ($p < ,001$), enquanto o valor de Keiser-Meyer-Olkin ($KMO = ,80$) validou a análise fatorial como procedimento de análise adequada ao tipo de dados. Desta forma, a autora refere que as subescalas VPM, VFM, VSM, VPF, VFF e VSF explicaram respetivamente 20,2%, 26,8%, 30,2%, 26,6%, 31,9% e 29,9% da variância dos resultados, tendo a correlação entre os seus itens e a pontuação total da subescala variado entre 0,22 e 0,49 (VPM), 0,24 e 0,58 (VFM), 0,22 e 0,67 (VSM), 0,10 e 0,60 (VPF), 0,30 e 0,62 (VFF) e 0,32 e 0,61 (VSF).

Apesar de tudo o que foi acima referido, existem algumas indicações a ter em conta na utilização da EAVN. Segundo Saavedra (2010), a aplicação isolada desta

escala deverá igualmente atender à recolha de dados socio-biográficos (sexo, idade, contexto familiar, social, cultural e educacional e informação referente às relações de namoro atuais e/ou anteriores). A mesma autora refere também que apesar de ter sido demonstrado que as subescalas avaliam adequadamente as atitudes em análise, os estudos efetuados não possibilitaram a generalização dos resultados a um contexto nacional.

Como vantagens atribuídas à referida escala, comparativamente a outros instrumentos de avaliação de temáticas semelhantes e tendo em conta principalmente a população jovem, Saavedra (2010) menciona o facto de esta escala ter sido construída e adaptada especificamente ao contexto juvenil, o facto de avaliar a violência física, psicológica e sexual de igual forma, evitando assim o menosprezo de qualquer um destes tipos de violência e o facto de considerar a perpetração de violência por parte do sexo feminino sobre o sexo masculino da mesma forma como considera a perpetração de violência por parte do sexo masculino sobre o sexo feminino, permitindo avaliar a influência do sexo nas atitudes de legitimação da violência.

Por fim, importa salientar algumas limitações atribuídas à referida escala, sendo estas o elevado número de itens, tendo em conta a faixa etária à qual se dirige, o facto de dita escala não permitir a análise das atitudes dos sujeitos relativamente à violência perpetrada em relações homossexuais (Saavedra, 2010) e ainda o facto de não estarem contempladas as questões relativas à violência perpetrada através do uso das novas tecnologias de informação.

4.5. Procedimentos

4.5.1. Procedimentos gerais

A primeira fase da presente investigação consistiu na definição da problemática a estudar, seguindo-se uma vasta pesquisa bibliográfica e a construção do enquadramento teórico-conceptual, que serviu de fundamento a todo o processo investigativo, definindo-se a partir das mesmas o objetivo geral e os objetivos específicos do presente estudo, bem como as hipóteses de investigação.

No que concerne à seleção e recolha da amostra, esta realizou-se mediante a técnica de amostragem por conveniência, tendo em conta a facilitação logística do processo de recolha de informação e a disponibilidade demonstrada em tempo útil para a participação no estudo. Assim, não tendo sido possível garantir a representatividade nem da população a frequentar o ensino superior na região de Lisboa, nem da população a frequentar a instituição de ensino superior que participou no presente estudo, optou-se por selecionar os/as estudantes a frequentar, em 2017/2018, maioritariamente o 1º ano de todas as licenciaturas ministradas numa das instituições de ensino superior dessa área. A referida opção surge pelo facto de um estudo realizado recentemente por Gama et al. (2017), com o objetivo de avaliar a prevalência de comportamentos violentos em estudantes do ensino superior, ter demonstrado a existência de diferenças significativas nos resultados obtidos, no que diz respeito ao ano de escolaridade frequentado, tendo-se verificado que os/as estudantes de 1.º ano são os/as que mais perpetraram e sofrem de abuso social e de violência física e os/as que revelam uma maior vitimação relativamente ao uso de estratégias abusivas na resolução de conflitos. Dessa forma, pese embora a predominância de participantes do sexo feminino, explicada pela própria feminização do ensino superior em Portugal especialmente acentuada em algumas das áreas formativas abrangidas, foi reunida uma amostra de tipo criterial com dimensão (N=210) e características consideradas aceitáveis face ao objetivo geral da pesquisa, que dependia, essencialmente, da abrangência de estudantes do ensino superior com distintas características sociodemográficas e contextuais, para além do sexo.

Seguidamente, tendo como base a pesquisa bibliográfica realizada, foram selecionados os instrumentos mais adequados para a obtenção de resultados que permitissem responder aos objetivos delineados. Assim, procedeu-se à construção do instrumento de recolha de dados, nomeadamente, o questionário, levando em consideração preocupações de adaptação da linguagem às características dos/as participantes, especialmente tendo em conta o objetivo de incluir as relações não heterossexuais.

Para a aplicação do questionário, foram contactados os autores das escalas constituintes do mesmo, no sentido de obter a respetiva autorização para a sua utilização e foi estabelecido contato por via eletrónica com alguns/mas dos/as docentes de cada turma de 1º ano das licenciaturas ministradas na instituição participante, no sentido de pedir a sua colaboração nesta etapa, que desde o início se

mostraram disponíveis. No contato com os/as docentes, estes/as foram esclarecidos/as acerca da natureza do estudo em questão e foi acordado, tanto o procedimento de aplicação do questionário, como o dia e a hora para a mesma. Dessa forma, estabeleceu-se a calendarização para a administração do questionário.

O inquérito decorreu nas primeiras duas semanas de dezembro de 2017 na instituição de ensino superior participante, de forma individual, em contexto de sala de aula e com acompanhamento presencial, tendo sido o tempo médio de aplicação de 15/20 minutos em cada turma, num total de 11 turmas. Momentos antes da aplicação foi feita uma breve apresentação da investigadora presente e foi, igualmente, explicada aos/às participantes a finalidade do estudo e a duração estimada para o preenchimento do questionário, sublinhando-se o caráter voluntário da participação, bem como a garantia de anonimato e confidencialidade. Após se ter definido quais os/as estudantes que se disponibilizavam a colaborar, salientou-se que não colocassem o nome em lugar algum dos questionários, assegurando que ninguém exterior à pesquisa em questão teria acesso às suas respostas e sublinhou-se a importância da não partilha de opiniões com outros sujeitos, bem como da sinceridade e espontaneidade das suas respostas. Foram informados/as de que não existiam respostas certas ou erradas, assim como que a qualquer momento do preenchimento dos questionários poderiam desistir, sem que isso tivesse qualquer tipo de penalização. Neste seguimento, foram proferidas instruções sobre o preenchimento dos questionários, referindo-se, inclusive, que não era obrigatório ter alguma vez namorado para responder ao questionário e a investigadora colocou-se disponível para qualquer esclarecimento adicional.

Os questionários foram iguais para todos os/as participantes, seguindo a ordem que figura no Anexo H. No geral, os/as participantes encontravam-se sentados/as de forma aleatória em mesas ou apenas em cadeiras ou almofadas no chão, quando não existiam mesas, algo afastados/as uns/umas dos/das outros/as. Alguns/mas participantes optaram por não preencher o questionário, sendo que aqueles/as que decidiram colaborar pareciam estar a disfrutar da atividade, colocando por vezes algumas dúvidas relativamente ao conteúdo do questionário. Convém salientar, neste ponto, o facto de a temática do questionário ter causado, por vezes, algum burburinho, risos e conversa, sendo que por muito que se oferecesse apoio ao esclarecimento das dúvidas emergentes, alguns/mas participantes pareciam mais interessados/as em obter as respostas a essas dúvidas a partir dos/as seus/suas colegas mais

próximos/as, dando a sensação de que lhes era mais importante saber a opinião destes/as do que propriamente esclarecer a dúvida em questão. No entanto, dito comportamento cessava após se efetuar um pedido, por parte da investigadora, no sentido de não comentarem/partilharem as suas respostas com os/as restantes colegas. Não se registaram desistências e no final, após todos/as os/as participantes terem entregado o questionário à investigadora, esta agradeceu a disponibilidade e colaboração de todos/as e ofereceu aos/às participantes a possibilidade de lhes devolver os resultados da investigação.

Após a administração dos questionários procedeu-se à sua enumeração aleatória, com a finalidade de identificação e os dados recolhidos foram introduzidos numa base de dados em *Excel*, sendo que os procedimentos de tratamento e análise estatística foram efetuados a partir do *software* informático IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20, com vista à caracterização da amostra, à obtenção de resultados e à verificação das hipóteses propostas neste estudo.

Por último salienta-se que a investigação no âmbito do fenómeno de violência entre parceiros íntimos, principalmente por se tratar de um tópico considerado sensível, implica normalmente um encontro com dilemas éticos que devem ser considerados, refletidos e solucionados, sempre de forma a salvaguardar tanto a validade do estudo em si, como a proteção de todos/as aqueles/as que de alguma forma se encontram envolvidos/as no estudo ou participam nele. Sublinha-se que durante toda a investigação foram tidos em consideração os princípios de natureza ética, seguindo-se uma visão “consequencialista”, que considera que as consequências de determinada escolha e procedimento deverão servir sempre de orientação para a ação (Lima, 2006). Por outras palavras, todo o processo de investigação, desde o seu desenho à sua conclusão, foi acompanhado por uma forte componente reflexiva contínua, considerando-se, inclusive, tanto a influência que a posição da investigadora pudesse exercer na maneira como se abordam os diversos fenómenos em estudo e os caminhos percorridos nesse sentido, como os próprios valores pelos quais a mesma se rege (cf. Simons & Usher, citado por Lima, 2006).

4.5.2. Procedimentos estatísticos

A análise dos dados obtidos através da aplicação dos questionários efetuou-se mediante distintos procedimentos estatísticos.

Inicialmente foi realizada uma análise descritiva de forma a caracterizar os dados sociodemográficos e contextuais da amostra em estudo, através do cálculo de frequências e percentagens e da determinação da média e desvio-padrão, no caso da variável idade. De seguida, efetuou-se o estudo das propriedades psicométricas dos instrumentos utilizados. Para tal, os dados foram submetidos a uma análise da sensibilidade, descrevendo-se a variação das pontuações (i.e. mínimos e máximos), a média e o desvio padrão. Foi realizada, também, uma análise fatorial exploratória através da análise de componentes principais (ACP) com rotação varimax, reconhecendo-se a validade das escalas através do estudo dos itens e das suas saturações nos fatores, bem como do total da variância explicada por cada fator identificado. De forma a analisar a fiabilidade das escalas em estudo, efetuou-se ainda a análise da consistência interna através do coeficiente alfa de Cronbach.

Posteriormente foi realizada uma análise descritiva, no sentido de caracterizar os resultados obtidos através da aplicação dos dois instrumentos de medida utilizados, nomeadamente, as atitudes dos/as participantes em relação ao amor (EAA) e as atitudes dos/as mesmos/as acerca da violência no namoro (EAVN), neste caso, através da média, desvio-padrão e valores mínimos e máximos. Para verificar se existiam diferenças significativas entre grupos quanto às variáveis em estudo (e.g., diferenças nas atitudes em relação ao amor segundo o sexo, idade, etc.), aplicou-se o teste One-Way ANOVA (comparação de mais de dois grupos independentes), o teste de Mann-Whitney e o teste *Post-Hoc* de Scheffe. Por fim, foram efetuadas correlações bivariadas através da análise do coeficiente de Pearson e do teste de significância *Two Tailed*, procurando-se explorar as relações entre as escalas utilizadas, ou seja, entre as atitudes em relação ao amor (i.e. os distintos estilos de amor) e as atitudes acerca da violência no namoro (i.e. as subescalas que caracterizam a legitimação dos vários tipos de violência) manifestadas pelos/as participantes. Em todas as análises estatísticas foram considerados valores de significância de $p < ,05$.

PARTE III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Resultados da investigação

5.1.1. Análise das características psicométricas das escalas em estudo

Para a avaliação da consistência interna das duas escalas utilizadas no presente estudo e das respectivas subescalas foram analisadas as correlações entre os itens que compõem as subescalas e foi calculado o valor de alpha de Cronbach (cf. tabela 3). Assim, no que diz respeito à EAA, a escala total apresenta um alpha de Cronbach de 0,72, um valor similar ao apresentado em outros estudos (e.g. Neto, 2001; Neto, 2007; Serrão, 2015; Waller & Shaver, 1994), o que evidencia uma consistência interna aceitável. Relativamente às seis subescalas que a constituem, os valores obtidos quanto ao alfa de Cronbach são os seguintes: *Eros* (0,75), *Ludus* (0,63), *Storge* (0,63), *Pragma* (0,79), *Mania* (0,72) e *Ágape* (0,78). Ditos valores são semelhantes aos encontrados em outros estudos (e.g. Morais, 2015; Neto, 2001; Neto, 2007; Waller & Shaver, 1994) e podem ser considerados como globalmente satisfatórios. Quanto à EAVN, a escala total apresenta um alpha de Cronbach de 0,92, um valor que se aproxima dos resultados apresentados em outros estudos (e.g. Dardis et al., 2013; Freitas, 2015; Monteiro, 2015; Murray et al., 2008; Saavedra, 2010), evidenciando, assim, uma consistência interna adequada. Relativamente às seis subescalas que a constituem, os valores obtidos quanto ao alfa de Cronbach são os seguintes: *VPM* (0,81), *VFM* (0,81), *VSM* (0,76), *VPF* (0,77), *VFF* (0,29) e *VSF* (0,80). Ditos valores são similares aos encontrados em outros estudos (e.g. Freitas, 2015; Price et al. 1999; Saavedra, 2010) e podem ser considerados também como globalmente satisfatórios, no entanto, uma vez que a subescala *VFF* apresenta um valor mais baixo, qualquer análise deste fator deve ser efetuada com prudência.

Foi ainda realizada uma análise fatorial de ambas as escalas de forma a estudar a sua estrutura fatorial, verificando-se que, no caso da EAA, os seus seis fatores explicam 44,4% da variância dos resultados, um valor similar ao apresentado por Neto (1992) e por Santos (2009), sendo que cada fator explica determinada percentagem da variância comum, nomeadamente: 21% (*Eros*), 17,4% (*Ludus*), 17,2%

(*Storge*), 28,2% (*Pragma*), 31,2% (*Mania*) e 24,9% (*Ágape*) e no caso da EAVN os seus seis fatores explicam 42,6% da variância dos resultados, sendo que cada fator explica, igualmente, determinada percentagem da variância comum, designadamente: 28,2% (VPM), 33% (VFM), 30,4% (VSM), 36% (VPF), 42,5% (VFF) e 32,3% (VSF), valores semelhantes aos encontrados no estudo de Saavedra (2010) (cf. tabela 3).

Assim, os resultados relativamente à fiabilidade e validade das duas escalas utilizadas no presente estudo demonstram que as suas subescalas medem de forma adequada as atitudes em análise.

Tabela 3

Dados referentes à Consistência Interna e à Validade da EAA e da EAVN

	α de Cronbach	Variância	Saturação no fator (mínimo e máximo)
Escala de Atitudes em relação ao Amor	0,72	44,4	0,08 - 0,67
<i>Eros</i>	0,75	21,0	0,28 - 0,67
<i>Ludus</i>	0,63	17,4	0,08 - 0,50
Estilos de amor			
<i>Storge</i>	0,63	17,2	0,17 - 0,62
<i>Pragma</i>	0,79	28,2	0,38 - 0,55
<i>Mania</i>	0,72	31,2	0,28 - 0,56
<i>Ágape</i>	0,78	24,9	0,26 - 0,65
Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro	0,92	42,6	0,14 - 0,78
VPM	0,81	28,2	0,26 - 0,69
VFM	0,81	33,0	0,36 - 0,72
Tipos de violência			
VSM	0,76	30,4	0,18 - 0,78
VPF	0,77	36,0	0,14 - 0,77
VFF	0,29	42,5	0,47 - 0,77
VSF	0,80	32,3	0,36 - 0,75

5.1.2. Escala de atitudes em relação ao amor

Na tabela 4 apresentam-se as médias, desvio padrão, mínimos e máximos obtidos pelos/as participantes nas subescalas pertencentes à EAA. Assim, no que diz respeito à referida escala, por ordem decrescente, os/as participantes apresentam valores mais elevados na subescala *Ludus* (M=3,90; DP=4,17), *Mania* (M=3,39; DP=5,59) e *Pragma* (M=3,36; DP=5,31) e mais baixos nas subescalas *Ágape* (M=2,71;

DP=4,99), *Eros* (M=2,38; DP=4,58) e *Storge* (M=2,30; DP=4,15), o que significa que os/as participantes do presente estudo se identificam mais com os estilos de amor companheiro (*Storge*), apaixonado/erótico (*Eros*) e altruísta (*Ágape*) e menos com os estilos de amor prático/pragmático (*Pragma*), possessivo/ansioso (*Mania*) e lúdico/descomprometido (*Ludus*).

Tabela 4

Média, desvio padrão, mínimos e máximos obtidos nas subescalas da EAA

	M	DP	Minimum	Maximum	
Escala de Atitudes em relação ao Amor					
Estilos de amor	<i>Eros</i>	2,38	4,58	2,09	2,86
	<i>Ludus</i>	3,90	4,17	3,15	4,58
	<i>Storge</i>	2,30	4,15	1,49	2,99
	<i>Pragma</i>	3,36	5,31	2,85	4,13
	<i>Mania</i>	3,39	5,59	2,45	4,39
	<i>Ágape</i>	2,71	4,99	1,27	3,54

5.1.3. Escala de atitudes acerca da violência no namoro

Na tabela 5 apresentam-se as médias, desvio padrão, mínimos e máximos obtidos pelos/as participantes nas subescalas pertencentes à EAVN. Assim, no que diz respeito à referida escala, por ordem decrescente, os/as participantes apresentam valores mais elevados na subescala VFF (M=3,01; DP=3,54), VPM (M=1,62; DP=3,70) e VPF (M=1,48; DP=4,62) e mais baixos nas subescalas VSF (M=1,42; DP=3,53), VFM (M=1,40; DP=3,20) e VSM (M=1,38; DP=3,23). Ditos resultados revelam, assim, que os/as participantes do presente estudo manifestam, no geral, uma baixa concordância com o uso de violência nas relações de namoro, o que é evidenciado pelas médias das respostas obtidas que, podendo variar entre 1 e 5, se situam todas abaixo de 2, à exceção da violência física feminina (VFF) que apresenta uma média superior a 2 (M=3,01; DP=3,54). Por outro lado, os resultados evidenciam que os/as participantes manifestam mais atitudes legitimadoras face à violência física e psicológica perpetrada pelo sexo feminino e face à violência psicológica perpetrada pelo sexo masculino, comparativamente aos restantes tipos de violência.

Tabela 5

Média, desvio padrão, mínimos e máximos obtidos nas subescalas da EAVN

	M	DP	Minimum	Maximum	
Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro					
	VPM	1,62	3,70	1,15	2,54
	VFM	1,40	3,20	1,17	1,83
Tipos de violência	VSM	1,38	3,23	1,17	1,89
	VPF	1,48	4,62	1,25	2,02
	VFF	3,01	3,54	1,21	4,74
	VSF	1,42	3,53	1,26	1,65

5.1.4. Análise da influência das variáveis sociodemográficas e contextuais

No que diz respeito à relação entre as escalas utilizadas e as variáveis sociodemográficas e contextuais da amostra em estudo, a análise dos dados revela a existência de diferenças significativas relativamente às variáveis sexo, curso frequentado, ano de frequência, nacionalidade, orientação sexual, estado civil, prática religiosa e ainda no que concerne à experiência em relações amorosas, à pessoa na qual se está a pensar aquando o preenchimento do questionário e à duração da relação. Quanto às variáveis idade, religião, escolaridade e categoria profissional do pai e da mãe dos/as participantes e ainda no que concerne à idade em que começaram a namorar e à vivência ou não de uma situação de violência no namoro, não se evidenciam diferenças significativas. Por fim, convém referir que no que diz respeito às variáveis ano de frequência e nacionalidade, não foi possível averiguar entre que grupos se verificam as diferenças significativas encontradas, devido à existente desproporção na distribuição da amostra segundo a referida variável.

Dessa forma, relativamente à variável sexo, verificam-se diferenças entre os/as participantes, sendo essas diferenças bastante significativas. Assim, como se pode observar na Tabela 6, o sexo masculino apresenta valores mais baixos no estilo de amor *Ágape* comparativamente ao sexo feminino ($F_{(1,166)}=23,021$; $p=,000$), o que significa que os participantes do sexo masculino se identificam mais com o estilo de amor altruísta (*Ágape*) do que as participantes do sexo feminino. Por outro lado, o sexo masculino revela valores mais elevados nas subescalas VSM ($F_{(1,166)}=16,060$; $p=,000$), VPF ($F_{(1,166)}=19,306$; $p=,000$) e VSF ($F_{(1,166)}=14,466$; $p=,000$),

comparativamente ao sexo feminino, o que indica que os participantes do sexo masculino manifestam mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica feminina e face à violência sexual masculina e feminina, quando comparados com as participantes do sexo feminino (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Influência da variável sexo no que diz respeito à EAA e à EAVN

			M	DP	F	Sig.
Atitudes em relação ao amor	<i>Ágape</i>	Feminino	19,68	5,01	23,021	,000
		Masculino	14,15	3,25		
Atitudes acerca da violência no namoro	VSM	Feminino	15,84	4,23	16,060	,000
		Masculino	20,20	6,61		
	VPF	Feminino	20,94	5,48	19,306	,000
		Masculino	26,85	6,81		
VSF	Feminino	16,08	4,60	14,466	,000	
	Masculino	20,50	6,64			

Existem, também, diferenças bastante significativas entre os/as participantes, no que diz respeito à variável curso frequentado. Assim, como se pode observar na Tabela 7, os/as estudantes da Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias têm mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica masculina do que os/as estudantes da Licenciatura em Educação Básica, da Licenciatura em Mediação Artística e Cultural e da Licenciatura em Animação Sociocultural ($F_{(4,163)}=6,721$; $p=,000$). Por outro lado, esses/as mesmos/as estudantes manifestam igualmente mais atitudes legitimadoras face à violência sexual masculina ($F_{(4,163)}=3,901$; $p=,005$) e feminina ($F_{(4,163)}=3,067$; $p=,018$), comparativamente aos/às estudantes da Licenciatura em Educação Básica e face à violência psicológica feminina ($F_{(4,163)}=4,439$; $p=,002$), comparativamente aos/às estudantes da Licenciatura em Animação Sociocultural (cf. Tabela 7). Por fim, a análise dos dados demonstra que a variável curso frequentado não influencia as atitudes dos/as participantes em relação ao amor.

Tabela 7

Influência da variável curso frequentado no que diz respeito à EAVN

			M	DP	F	Sig.
Atitudes acerca da violência no namoro	VPM	LEB	22,54	5,89	6,721	,000
		LAVT	28,26	7,63		
		LMAC	22,88	4,87		
		LASC	22,64	5,38		
	VSM	LEB	15,42	3,47	3,901	,005
		LAVT	18,46	6,70		
	VPF	LAVT	24,41	7,05	4,439	,002
		LASC	19,84	4,20		
	VSF	LEB	15,73	4,40	3,067	,018
		LAVT	18,76	6,26		

Quanto à variável orientação sexual, verificam-se igualmente diferenças significativas, sendo que os/as participantes heterossexuais são aqueles/as que se identificam menos com o estilo de amor altruísta (*Ágape*), comparativamente aos/às participantes que afirmam ter outro tipo de orientação sexual ($F(3,192)=3,796$; $p=,011$) (cf. Tabela 8). Por outro lado, a análise dos dados revela que a variável orientação sexual não influencia a presença de atitudes legitimadoras face à violência no namoro.

Tabela 8

Influência da variável orientação sexual no que diz respeito à EAA

			M	DP	F	Sig.
Atitudes em relação ao amor	<i>Ágape</i>	Heterossexual	19,28	4,91	3,796	,011
		Homossexual	17,00	2,45		
		Bissexual	15,92	5,45		
		Outras	12,67	0,58		

No que diz respeito à variável estado civil, existem diferenças significativas, sendo que os/as participantes solteiros/as são aqueles/as que se identificam mais com o estilo de amor altruísta (*Ágape*), comparativamente aos/às participantes que, apesar de serem igualmente solteiros/as, afirmam coabitar com o/a parceiro/a ($F(2,196)=3,852$; $p=,023$) (cf. Tabela 9). Por outro lado, a análise dos dados demonstra que a variável estado civil não influencia a presença de atitudes legitimadoras face à violência no namoro.

Tabela 9

Influência da variável estado civil no que diz respeito à EAA

			M	DP	F	Sig.
Atitudes em relação ao amor	<i>Ágape</i>	Solteiro/a	18,90	4,92	3,852	,023
		Coabita com o/a parceiro/a	28,50	0,71		

Relativamente à variável prática religiosa, verificam-se também diferenças significativas, isto é, os/as participantes que se definem como crentes e praticantes são os/as que revelam ter menos atitudes legitimadoras de violência física masculina, comparativamente aos/às participantes que se consideram crentes mas não praticantes e aos/às participantes que se definem como nem crentes nem praticantes ($F_{(2,167)}=4,858$; $p=,009$), sendo que estes/as últimos/as são os/as que revelam ter mais atitudes legitimadoras relativamente ao referido tipo de violência (cf. Tabela 10). Por outro lado, a análise dos dados revela que a variável prática religiosa não influencia as atitudes dos/as participantes em relação ao amor.

Tabela 10

Influência da variável prática religiosa no que diz respeito à EAVN

			M	DP	F	Sig.
Atitudes acerca da violência no namoro	VFM	Crente praticante	31,03	7,02	4,858	,009
		Crente não praticante	31,89	6,44		
		Nem crente nem praticante	34,68	5,72		

Existem diferenças significativas no que diz respeito ao facto de os/as participantes namorarem/saírem ou já terem namorado/saído com alguém ou não, sendo que aqueles/as que se encontram numa relação de namoro atualmente ou que já vivenciaram uma relação de namoro apesar de não namorarem na atualidade se identificam mais com o estilo de amor apaixonado e erótico (*Eros*) ($F_{(2,198)}=5,516$; $p=,005$) e aqueles/as que saem ou saíram com alguém sem compromisso de namoro se identificam mais com o estilo de amor lúdico e descomprometido (*Ludus*) ($F_{(2,198)}=12,019$; $p=,000$), comparativamente aos/às restantes participantes, sendo esta última diferença bastante significativa (cf. tabela 11). Por outro lado, a análise dos

dados demonstra que a existência ou não de experiência em relações amorosas não influencia a presença de atitudes legitimadoras face à violência no namoro.

Tabela 11

Influência da existência ou não de experiência em relações amorosas no que diz respeito à EAA

		M	DP	F	Sig.
Atitudes em relação ao amor	Namoro ou já namorei	16,24	4,60		
	<i>Eros</i> Saio ou saí com alguém sem compromisso de namoro	19,00	4,17	5,516	,005
	Nunca namorei	19,20	2,57		
	Namoro ou já namorei	27,87	3,80		
	<i>Ludus</i> Saio ou saí com alguém sem compromisso de namoro	23,88	4,98	12,019	,000
	Nunca namorei	26,50	4,09		

Quanto à influência da pessoa na qual se está a pensar aquando o preenchimento do questionário, verificam-se igualmente diferenças significativas (cf. Tabela 12). Assim, os/as participantes que afirmam estar a pensar no/a seu/sua namorado/a atual revelam uma maior identificação com os estilos de amor erótico/apaixonado (*Eros*) ($F_{(3,185)}=22,961$; $p=,000$) e altruísta (*Ágape*) ($F_{(3,187)}=3,932$; $p=,009$) e menor com o estilo de amor lúdico/descomprometido (*Ludus*) ($F_{(3,186)}=11,033$; $p=,000$), comparativamente aos/às restantes participantes, sendo estas diferenças bastante significativas. Por outro lado, os/as participantes que referem estar a pensar numa pessoa com a qual tiveram um relacionamento, são os/as que apresentam mais atitudes legitimadoras de violência sexual masculina ($F_{(3,184)}=4,187$; $p=,007$) e feminina ($F_{(3,183)}=3,026$; $p=,031$), sendo que aqueles/as que afirmam estar a pensar no/a seu/sua namorado/a atual são os/as que apresentam menos atitudes legitimadoras relativamente aos referidos tipos de violência. No entanto, estes/as últimos/as são os/as que manifestam mais atitudes legitimadoras de violência física feminina ($F_{(3,183)}=3,728$; $p=,012$).

Tabela 12

Influência da pessoa na qual se está a pensar aquando o preenchimento do questionário no que diz respeito à EAA e à EAVN

		M	DP	F	Sig.	
Atitudes em relação ao amor	Eros	No/a meu/minha namorado/a atual	14,33	3,72		
		Num/a ex-namorado/a do último ano	17,14	3,26		
		Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano	20,18	4,82	22,961	,000
		Numa pessoa com quem tive um relacionamento	19,62	4,75		
	Ludus	No/a meu/minha namorado/a atual	28,91	3,41		
		Num/a ex-namorado/a do último ano	25,33	4,42		
		Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano	25,39	4,59	11,033	,000
		Numa pessoa com quem tive um relacionamento	26,63	3,47		
	Ágape	No/a meu/minha namorado/a atual	17,67	5,07		
		Num/a ex-namorado/a do último ano	20,39	4,95		
		Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano	20,21	4,98	3,932	,009
		Numa pessoa com quem tive um relacionamento	19,75	4,56		
Atitudes acerca da violência no namoro	VSM	No/a meu/minha namorado/a atual	15,50	4,44		
		Num/a ex-namorado/a do último ano	16,94	4,69		
		Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano	17,33	3,31	4,187	,007
		Numa pessoa com quem tive um relacionamento	18,61	6,18		
	VFF	No/a meu/minha namorado/a atual	35,63	2,26		
		Num/a ex-namorado/a do último ano	34,41	3,19		
		Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano	33,76	2,99	3,728	,012
		Numa pessoa com quem tive um relacionamento	35,07	2,43		
	VSF	No/a meu/minha namorado/a atual	16,06	5,10		
		Num/a ex-namorado/a do último ano	16,48	4,99		
		Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano	18,33	4,74	3,026	,031
		Numa pessoa com quem tive um relacionamento	18,88	6,68		

Por último, no que diz respeito ao tempo de duração das relações vivenciadas no passado ou atualmente, verificam-se diferenças significativas, sendo que os/as participantes cujas relações duraram mais tempo ou duram há mais tempo se identificam menos com o estilo de amor prático e pragmático (*Pragma*)

($F_{(10,171)}=2,065$; $p=,030$) (cf. Tabela 13). Por outro lado, a análise dos dados revela que a duração da relação não influencia a presença de atitudes legitimadoras face à violência no namoro.

Tabela 13

Influência da duração da relação no que diz respeito à EAA

			M	DP	F	Sig.
Atitudes em relação ao amor	<i>Pragma</i>	0 anos	21,77	5,67	2,065	,030
		Entre 1 e 3 anos	23,59	4,96		
		Entre 4 e 6 anos	24,72	5,79		
		Entre 7 e 9 anos	28,83	4,54		

5.1.5. Correlações entre as subescalas pertencentes à EAA e à EAVN

Quanto às correlações entre as subescalas que integram a EAVN, os resultados indicam que a grande maioria revela correlações positivas e que existem algumas correlações significativas entre as subescalas. Verifica-se que a subescala VPM se correlaciona de forma positiva com as subescalas VSM, VPF e VSF, com intensidade moderada e que a subescala VFM se correlaciona de forma também positiva com a subescala VFF com intensidade fraca. No que diz respeito à subescala VSM, observam-se correlações positivas com as subescalas VPF e VSF, com intensidade moderada e no que concerne à subescala VPF verificam-se correlações positivas com a subescala VSF, igualmente com intensidade moderada. Por fim, a subescala VFF apresenta uma correlação negativa com a subescala VSF, com intensidade fraca. Na Tabela 14 é possível observar, de forma mais detalhada, as referidas correlações.

Assim, os resultados indicam que os/as participantes que apresentam mais atitudes legitimadoras de violência psicológica masculina, também apresentam mais atitudes legitimadoras de violência psicológica feminina e que os/as participantes que revelam mais atitudes legitimadoras de violência psicológica, seja masculina ou feminina, revelam também mais atitudes legitimadoras de violência sexual masculina e feminina. Por outro lado, os resultados demonstram que os/as participantes que manifestam mais atitudes legitimadoras de violência sexual masculina, também manifestam mais atitudes legitimadoras de violência sexual feminina, e que os/as

participantes que apresentam mais atitudes legitimadoras de violência física masculina, apresentam também mais atitudes legitimadoras de violência física feminina. Por fim, os resultados acima expostos indicam, ainda, que os/as participantes que revelam mais atitudes legitimadoras de violência física feminina, revelam igualmente menos atitudes legitimadoras de violência sexual feminina.

Tabela 14

Correlações entre as subescalas que integram a EAVN

		Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro					
		VPM	VFM	VSM	VPF	VFF	VSF
Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro	VPM	1					
	VFM	,034	1				
	VSM	,538**	-,038	1			
	VPF	,620**	,065	,494**	1		
	VFF	-,119	,145*	-,034	,005	1	
	VSF	,535**	-,107	,653**	,482**	-,161*	1

Nota. * $p < 0,05$ e ** $p < 0,01$.

No que diz respeito às correlações entre as subescalas que integram a EAA e a EAVN, os resultados indicam que existem algumas correlações significativas entre mesmas. Verifica-se que a subescala *Eros* se correlaciona de forma positiva com a subescala VSF, com intensidade fraca e que a subescala *Ludus* se correlaciona de forma também positiva com a subescala VFF, com intensidade moderada e de forma negativa com as subescalas VSM, VPF e VSF, sendo as duas primeiras correlações de intensidade moderada e a última de intensidade fraca. No que diz respeito à subescala *Pragma*, observam-se correlações positivas com as subescalas VFM, de intensidade moderada e VFF, com intensidade fraca e uma correlação negativa com a subescala VSF, igualmente com intensidade fraca. Por sua vez, a subescala *Mania* apresenta correlações negativas com as subescalas VPM e VPF, ambas com intensidade moderada e a subescala *Ágape* revela uma correlação negativa com a subescala VPM, com intensidade moderada. Convém, ainda, salientar que não se verificam correlações significativas entre a subescala *Storge* e as subescalas pertencentes à EAVN. Na Tabela 15 é possível observar, de forma mais detalhada, as referidas correlações.

Dessa forma, os resultados indicam que os/as participantes que se identificam mais com o estilo de amor apaixonado/erótico (*Eros*), também apresentam mais atitudes legitimadoras de violência sexual feminina e que aquele/as que se identificam mais com o estilo de amor lúdico/descomprometido (*Ludus*), apresentam mais atitudes legitimadoras de violência física feminina, revelando, no entanto, menos atitudes legitimadoras de violência sexual masculina e feminina e de violência psicológica feminina. Por outro lado, os resultados revelam que os/as participantes que se identificam mais com o estilo de amor prático/pragmático (*Pragma*), também manifestam mais atitudes legitimadoras de violência física masculina e feminina, revelando, contudo, menos atitudes legitimadoras de violência sexual feminina. Por fim, os resultados acima expostos indicam que os/as participantes que se identificam mais com os estilos de amor possessivo/ansioso (*Mania*) e altruísta (*Ágape*), apresentam menos atitudes legitimadoras de violência psicológica masculina, sendo que aqueles/as que se identificam mais com o estilo de amor possessivo/ansioso (*Mania*) revelam, ainda, menos atitudes legitimadoras de violência psicológica feminina.

Tabela 15

Correlações entre as subescalas que integram a EAA e a EAVN

		Escala de Atitudes em relação ao Amor					
		<i>Eros</i>	<i>Ludus</i>	<i>Storge</i>	<i>Pragma</i>	<i>Mania</i>	<i>Ágape</i>
Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro	VPM	,059	-,081	-,111	-,042	-,234**	-,238**
	VFM	-,068	,014	,012	,776**	,113	,091
	VSM	,088	-,219**	,023	-,081	-,128	-,120
	VPF	,064	-,202**	,120	-,032	-,204**	-,042
	VFF	-,110	,193**	,130	,174*	-,105	-,022
	VSF	,167*	-,149*	,067	-,152*	-,055	-,063

Nota. * $p < 0,05$ e ** $p < 0,01$.

5.2. Discussão dos resultados

A presente dissertação tem como objetivo geral averiguar a existência ou não de uma relação entre as atitudes relativamente ao amor e as atitudes acerca da violência no namoro, em estudantes que frequentem maioritariamente o 1º ano de

todas as licenciaturas ministradas numa das instituições de ensino superior da área de Lisboa e explorar, também, a presença de possíveis diferenças nessas atitudes em função de variáveis sociodemográficas e contextuais, tendo-se estabelecido a partir deste propósito alguns objetivos específicos e algumas hipóteses originadas pela pesquisa bibliográfica realizada.

Assim, a análise dos resultados acima exposta permite não só responder aos objetivos específicos delineados, como também verificar se as referidas hipóteses se confirmam ou se infirmam.

Em primeiro lugar confirma-se a Hipótese 1 “No geral, os/as participantes identificam-se mais com os estilos de amor *Storge*, *Eros* e *Ágape*”, isto é, as suas conceções de amor baseiam-se na amizade, no companheirismo, mas também incluem os elementos paixão e um pouco o romantismo, com uma forte componente física, apresentando igualmente, embora em menor medida, uma visão mais altruísta de amor. Ditas evidências corroboram os resultados obtidos em outros estudos (e.g. Moyeda et al., 2013; Neto, 2001, 2007; Rodríguez-Santero et al., 2017; Ruitiña, 2012).

De certa forma, pode dizer-se que a referida evidência parece ir ao encontro do exposto por Carvalho (2010), quando menciona a solidificação atual de um modelo de amor mais democrático e igualitário, direcionado para o equilíbrio e negociação em termos de poder, que inclui igualmente um maior envolvimento a nível afetivo e emocional e estilos de comunicação mais abertos e ativos. Narvaéz et al. (2017) expõem inclusive que a união dos três estilos de amor referidos determina a procura de relações de maior compromisso, estabilidade e duração, o que justifica talvez o facto de *Ludus*, em contraste com *Storge*, *Eros* e *Ágape*, surgir como o estilo de amor com o qual os/as participantes do presente estudo menos se identificam. Ainda neste ponto, sublinham-se os estudos de Freitas (2015) e Santos (2013), onde os/as jovens participantes associam, também, as relações de namoro saudáveis a sentimentos de confiança, carinho, amizade, intimidade, respeito e fidelidade.

Por outro lado, os resultados demonstram que os rapazes se identificam mais com o estilo de amor altruísta e desinteressado comparativamente às raparigas, o que reforça em parte os resultados apresentados por alguns estudos realizados junto da população em geral (e.g. García et al., 2016; Guedes, 2011; Jonason & Kavanagh, 2010; Pérez et al., 2008; Serrão, 2015; Smith & Klases, 2016) e junto de estudantes de ensino superior (e.g. Marzec & Lukasik, 2017; Neto, 1992; Sprecher & Toro-Morn, 2002; Worobey, 2001) que indicam também esta diferença entre outras. Dessa forma,

verifica-se parcialmente a Hipótese 2 “Existem diferenças significativas relativamente à variável sexo, sendo que o sexo masculino se identifica mais com os estilos de amor *Ludus* e *Ágape*, comparativamente ao sexo feminino”. Seguindo a ideia de Jonason e Kavanagh (2010), esta evidência pode ser explicada pela atual influência da cultura na definição dos papéis de género ou pelas diferenças existentes entre sexos no que diz respeito aos seus sistemas psicológicos.

Neste aspeto, a literatura aponta que o facto de os homens se identificarem mais com o estilo de amor *Ágape* pode estar relacionado com uma maior idealização e presença de conceitos românticos acerca das relações heterossexuais no sexo masculino (Neto, 2007), ou com a adoção de uma estratégia reprodutiva condicional lenta, tendo em conta que a independência social e económica alcançada pelas mulheres nos últimos tempos, levou e leva a uma alteração das suas expectativas relativamente ao papel do homem, principalmente no que diz respeito a práticas relacionais mais igualitárias (cf. Marzec & Lukasik, 2017). Assim, o altruísmo, a dedicação e a capacidade de sacrifício num parceiro podem ser características desejadas pelas mulheres da atualidade, por revelarem um investimento psicológico na relação por parte deste e por promoverem nas mesmas um sentimento de segurança e estabilidade na relação (Marzec & Lukasik, 2017).

Inclusive, na década de 90 do século XX, Neto (1992) refere que a imagem do homem como um ser mais prático e insensível acerca do amor, apesar de muitas vezes defendida, não é mais do que um mito cultural. No seu estudo, o autor destaca que relativamente às atitudes em relação ao amor, em específico numa amostra portuguesa, o estereótipo popular que atribui qualidades mais lúdicas ao homem e mais altruístas à mulher não se confirmam, tendo em conta que é o sexo masculino que se identifica mais com o estilo de amor *Ágape*, comparativamente ao sexo feminino.

Ainda assim, os resultados da presente investigação sugerem o referido por Neto (1992, 2007), nomeadamente, que apesar das diferenças que possam existir nas crenças ou experiências amorosas entre o sexo masculino e feminino, o conceito global de amor parece ser similar, embora ditos resultados não possam ser generalizáveis a diferentes populações de estudantes do ensino superior (Neto, 1992).

Por sua vez, verificou-se que os/as participantes do presente estudo manifestam, no geral, uma baixa concordância com o uso de violência nas relações de namoro, tal como acontece noutros estudos realizados a nível nacional e internacional

(e.g. Carvalho, 2010; Machado et al., 2010; Monteiro, 2015; Oliveira, 2011; Price et al., 1999; Vieira, 2013), provavelmente devido aos esforços em termos de prevenção que têm vindo a ser desenvolvidos, cada vez mais, por parte da comunicação social, das escolas (Carvalho, 2010) e de outras entidades como a CIG ou APAV (cf. Gama et al., 2017). Ainda assim, convém salientar que a relação entre comportamentos abusivos e as atitudes que legitimam os mesmos nem sempre é linear (Machado et al., 2010; Saavedra, 2010; Vieira, 2013), podendo a violência entre parceiros íntimos existir e persistir, ainda que se observe um baixo nível de tolerância relativamente à mesma ou vice-versa.

Contudo, apesar do baixo nível de legitimação observado, os resultados demonstram a existência de alguma tolerância face a determinados tipos de violência. Nesta linha de pensamento, Monteiro (2013) refere a existência de uma ambiguidade neste sentido, sendo que a reprovação das práticas abusivas coexiste com a normalização das mesmas e com a desculpabilização de formas menos severas de violência. A mesma autora, menciona que alguns estudos qualitativos evidenciam a existência de uma dificuldade por parte dos/as adolescentes em diferenciar entre práticas violentas e certas brincadeiras.

Assim, verifica-se que os/as participantes do presente estudo manifestam mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica e física perpetrada pelo sexo feminino. Uma evidência corroborada em outros estudos (Antunes, 2016; Gonçalves, 2013; Monteiro, 2015; Price et al., 1999; Rey-Anacona, 2015; Ribeiro, 2013; Saavedra, 2010) e que pode estar relacionada com o facto de a vitimação feminina causar um maior impacto público em Portugal, comparativamente à masculina (Gama et al., 2017). Neste aspeto, o estudo de Carlson (1999) expõe, igualmente, que os/as estudantes do ensino superior associam mais frequentemente a violência no namoro à perpetração por parte do sexo masculino e à vitimação por parte do sexo feminino, referindo que existe uma tendência para a desvalorização da violência perpetrada pelas mulheres especialmente por parte das mesmas.

Assim, esta maior aceitação relativamente à violência perpetrada pelo sexo feminino pode dificultar a identificação dos próprios comportamentos abusivos por parte das raparigas e a denúncia da vitimação por parte dos rapazes, uma dificuldade muitas vezes intensificada por sentimentos de vergonha promovidos numa cultura que associa a força ao sexo masculino (Price et al., 1999; Vieira, 2013). A literatura existente neste âmbito refere, ainda, que o facto de as raparigas apresentarem muitas

vezes uma estatura pequena e menos força física, pode levar os rapazes e a sociedade no geral a desconsiderar o uso de violência física por parte das mesmas como uma verdadeira ameaça ou perigo, desvalorizando-se a vitimação masculina (Oliveira, 2011; Price et al., 1999; Vieira, 2013) e levando, inclusive, os rapazes a menosprezar este tipo de abuso comparativamente a outros (Price et al., 1999).

Por outro lado, os/as participantes do presente estudo manifestam, também, mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica perpetrada pelo sexo masculino, indo ao encontro dos resultados de outras investigações neste âmbito (Antunes, 2016; Gonçalves, 2013; Monteiro, 2015; Ribeiro, 2013; Saavedra, 2010). Assim, a maior legitimação da violência psicológica e/ou emocional por parte dos/as participantes, quer seja perpetrada por rapazes quer por raparigas, poderá explicar o facto de esta surgir como o tipo de abuso mais frequente (Antunes, 2016; Antunes & Machado, 2012; Gama et al., 2017; Manuel, 2014; Otero & Martinez, 2016; Paiva & Figueiredo, 2004; Vieira, 2013) e o facto de muitas vezes complementar ou anteceder o uso de outros tipos de violência, sendo muitas vezes encarada como um comportamento normativo numa relação amorosa (CIG et al., 2016; Leitão, 2013; Oliveira, 2011).

As desigualdades de género parecem, assim, funcionar como promotoras tanto da legitimação da violência perpetrada contra o sexo feminino como também contra o sexo masculino (Filipe, 2013), sublinhando-se a necessidade de desconstruir a ideia de que a violência é menos grave quando perpetrada por raparigas (Caridade, Saavedra & Machado, 2012). González (2007), destacando o carácter instrumental da violência no namoro, refere, ainda, a possibilidade de os rapazes a utilizarem no sentido de reafirmarem a sua masculinidade e as raparigas no sentido de alcançar justiça.

Desta forma, verifica-se a Hipótese 3 “No geral, os/as participantes manifestam uma baixa concordância com a violência no namoro”, mas apenas se verifica parcialmente a Hipótese 4 “No geral, os/as participantes revelam mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica masculina e feminina e face à violência física e sexual feminina”, tendo em conta que, na presente investigação, a violência sexual feminina não surge como um dos abusos mais legitimados.

Já no que diz respeito à variável sexo, os resultados demonstram que os participantes do sexo masculino apresentam mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica feminina e face à violência sexual, quer seja perpetrada por

rapazes como por raparigas, quando comparados com as participantes do sexo feminino, verificando-se assim a Hipótese 5 “Os participantes do sexo masculino manifestam mais atitudes legitimadoras face à violência no namoro”. Ditos resultados vão ao encontro das evidências apresentadas pela literatura relativamente a este aspeto (e.g. Antunes, 2016; Carlson, 1999; Carvalho, 2010; González, 2007; Hines & Reed, 2015; Machado et al., 2010; Price et al., 1999; Vieira, 2013), corroborando a ideia de que existe, maioritariamente na população jovem masculina, a crença de que o uso de violência constitui uma forma aceitável e eficaz de resolver conflitos (Antunes, 2016; Lameira, 2013). Neste âmbito, o estudo de Santos (2013) sugere, igualmente, uma maior desvalorização de algumas formas de abuso sexual por parte do sexo masculino.

Assim, por um lado a literatura expõe que estas diferenças se devem ao facto de existir uma socialização do sexo masculino mais orientada para a expressão de agressividade nas suas relações interpessoais (Saavedra, 2010) e por outro que os rapazes mais jovens utilizam os comportamentos das mulheres e a influência de fatores externos como a pobreza, o consumo de álcool ou o descontrolo por parte do agressor, como justificações para a violência no namoro (Carvalho, 2010). A tudo isto, Antunes (2016) acrescenta que a própria sociedade incute desde cedo, no sexo masculino, a ideia de que é lícito o homem legitimar certas formas de violência, consoante o contexto e a gravidade em causa.

Verificou-se também que os/as estudantes da licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias manifestam mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica e sexual quando comparados com estudantes de outras licenciaturas, uma evidência sem dúvida interessante, principalmente atendendo ao facto de existir uma matriz comum a todas as licenciaturas apresentadas na amostra, com exceção da licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias, nomeadamente, o fato de envolverem de alguma forma o contacto com as pessoas e os cuidados pessoais. Neste âmbito, também outros estudos revelam que os/as estudantes de Psicologia legitimam menos o uso de violência comparativamente aos/às estudantes de Engenharia e outros cursos (cf. Félix, 2012; Lameira, 2013). Félix (2012) refere que ditos resultados podem estar relacionados com os planos curriculares, podendo estes levar a uma maior sensibilidade, face à temática em questão, nos cursos mais relacionados com a ajuda, sugerindo-se, assim, uma alteração dos mesmos, principalmente no que se refere aos cursos que não envolvem o contacto com as pessoas e os cuidados pessoais.

Por sua vez, os/as participantes solteiros/as são aqueles/as que se identificam mais com o estilo de amor altruísta, comparativamente aos/às participantes que apesar de serem também solteiros/as coabitam com o/a parceiro/a, o que parece indicar que a experiência de coabitação pode alterar a forma como os/as jovens estudantes conceptualizam o amor, existindo a possibilidade de as exigências da vida em comum diminuírem o nível de paciência e a predisposição para o autossacrifício em prol do/a parceiro/a. Já os/as participantes heterossexuais são aqueles/as que menos se identificam com o referido estilo de amor, relativamente aos/às participantes que afirmam ter outro tipo de orientação sexual, o que sugere uma maior dificuldade em se conceptualizar o amor de forma altruísta quando o/a parceiro/a é exclusivamente do sexo oposto. Neste aspeto, convém ainda salientar que não se verificou a existência de uma relação de influência entre a orientação sexual e a presença de atitudes legitimadoras face à violência no namoro, um facto que vai ao encontro das evidências expostas por outros estudos realizados junto de estudantes do ensino superior (e.g. Carlson, 1999; Crittenden et al., 2017), confirmando-se assim a Hipótese 6: “A orientação sexual dos/as participantes não influencia as atitudes dos/as mesmos/as face à violência no namoro”.

Por outro lado, a análise dos resultados revela que, em termos de religiosidade, os/as participantes que se definem como crentes e praticantes são os/as que revelam ter menos atitudes legitimadoras de violência física masculina, sendo que aqueles/as que se definem como nem crentes nem praticantes são os/as que revelam uma maior legitimação da mesma. Assim, verifica-se a Hipótese 7: “O nível elevado de religiosidade surge associado a uma menor legitimação de violência no namoro”, um facto corroborado no estudo de Crittenden et al. (2017). Neste âmbito, também o estudo de Oliveira (2011) revela que as instituições religiosas podem funcionar como um fator protetor relativamente à violência.

Verificou-se, ainda, que os/as participantes que vivenciaram ou vivenciam atualmente uma relação de namoro se identificam mais com o estilo de amor apaixonado/erótico, enquanto aqueles/as que saem ou saíram com alguém sem compromisso de namoro se identificam mais com o estilo de amor lúdico/descomprometido, sendo que aqueles/as que afirmam estar a pensar no/a seu/sua namorado/a atual revelam uma maior identificação com os estilos de amor erótico/apaixonado e altruísta e menor com o estilo de amor lúdico/descomprometido. Assim, pode dizer-se que as referidas evidências são coerentes e compreensíveis,

tendo em conta as características subjacentes aos estilos de amor mencionados (i.e. *Eros*, *Ágape* e *Ludus*). Nesta linha de pensamento, a investigação de Neto (1992) revela, igualmente, que os/as participantes que manifestavam estar apaixonados/as no momento do estudo se identificavam mais com os estilos de amor *Eros* e *Ágape* e menos com o estilo *Ludus*, ao contrário daqueles/as que declaravam não estar apaixonados/as.

Por sua vez, os/as participantes que afirmam estar a pensar no/a seu/sua namorado/a atual revelam, também, uma maior legitimação quanto à violência física feminina mas menos atitudes legitimadoras relativamente à violência sexual masculina e feminina, ao contrário dos/as participantes que referem estar a pensar numa pessoa com a qual tiveram um relacionamento não recente, que apresentam mais atitudes legitimadoras relativamente ao último tipo de violência. Ditos resultados são bastante interessantes, tendo em conta que parecem indicar não só a existência de algumas características subjacentes à vivência atual de uma relação de namoro, que levam os/as jovens estudantes a considerar ou a tolerar o uso de práticas físicas violentas por parte das raparigas, como também que existem algumas especificidades no facto de se pensar numa relação que não está a ser vivida mas sim recordada, que promovem a tolerância de atos sexuais abusivos por parte de ambos os sexos, como por exemplo a possibilidade de o último contacto sexual de quem conceptualiza ter tido lugar num passado distante.

Neste sentido, sublinha-se a investigação de Otero e Martínez (2016), que demonstra que quem teve uma relação de namoro nos 12 meses precedentes ao estudo revela um nível superior de violência física e psicológica, contrastando com os/as participantes cujo último relacionamento teve lugar numa fase anterior ao referido período, revelando os/as mesmos/as uma maior perpetração de violência sexual.

Por outro lado, verificou-se que quanto maior é a duração da relação, menor é a identificação com o estilo de amor prático/pragmático, o que parece indicar que a forma racional de conceptualizar o amor diminui há medida que a relação se consolida. Neste ponto, a literatura refere que habitualmente as relações amorosas se desenvolvem no sentido de se atingir um maior compromisso e exclusividade e que emergindo como fonte de apoio e de prestação de cuidados, podem chegar a evoluir para uma relação de vinculação (Oliveira, 2013). Pinto (2009) refere, igualmente, que a intimidade, o afeto e a admiração numa relação romântica aumentam

significativamente com o passar do tempo. Assim, as características subjacentes ao estilo de amor *Pragma*, possivelmente são mais consensuais com o início de um relacionamento, ou com a própria seleção do/a parceiro/a e não com etapas mais avançadas de relação. Como refere Neto (1992), os indivíduos mais práticos/pragmáticos procuram compatibilidades em termos de interesses e do meio, que demonstrem que a outra pessoa pode ser um/a bom/a parceiro/a para a vida, construindo, inclusive, uma lista de atributos/critérios que, na sua opinião, o/a parceiro/a deve assegurar antes de se iniciar uma relação amorosa que inclui ou prevê a existência de compromisso (Hahn & Blass, 1997). Por sua vez, Rodrigues-Santero et al. (2017) mencionam que as mudanças sociais que tiveram lugar nas últimas décadas alteraram os estereótipos de género e a forma como se vivenciam as relações amorosas, não se exigindo já ao parceiro o estatuto social anteriormente valorizado e o papel de provedor de recursos. No entanto, apesar de alguns autores como Delgado (2016), Fernandes (2013) e Thompson (1991) sugerirem que quanto maior for a duração da relação maior será a intensidade do abuso perpetrado e sofrido, no presente estudo, não se verificou a existência de uma relação de influência entre dita variável e a legitimação de violência no namoro.

A análise dos resultados indicia também que quem legitima um tipo de violência perpetrado por rapazes, legitima igualmente o mesmo tipo de violência perpetrado por raparigas, seja violência psicológica, física ou sexual e que quem revela mais atitudes legitimadoras de violência psicológica, também revela mais atitudes legitimadoras de violência sexual, independentemente do sexo de quem perpetra. No entanto, os resultados sugerem que quem manifesta mais atitudes legitimadoras de violência física feminina, revela igualmente menos atitudes legitimadoras de violência sexual feminina, o que parece indicar que a legitimação da agressão física perpetrada por raparigas não implica, necessariamente, a legitimação do abuso sexual praticado pelas mesmas. Desta forma, confirma-se a Hipótese 8: “A legitimação de um tipo de violência influencia a legitimação de outros tipos de violência”, corroborando-se os resultados de Monteiro (2015) e Price et al. (1999), que referem também a existência de uma relação entre a legitimação dos vários tipos de violência.

Quanto à relação entre as atitudes relativamente ao amor e as atitudes acerca da violência no namoro, não foi encontrado nenhum estudo que aborde a mesma, no entanto, existem algumas investigações que revelam que os estilos ou noções de

amor patentes nos indivíduos influenciam a existência ou persistência de violência entre parceiros íntimos, embora não se observe uma consensualidade entre as evidências apresentadas. Neste aspeto, pode dizer-se que os resultados do presente estudo demonstraram a existência de uma relação de influência entre as atitudes em relação ao amor e as atitudes acerca da violência no namoro, embora não se observe uma total convergência com a revisão da literatura.

Assim, por um lado verifica-se que conceptualizar o amor de forma mais apaixonada e erótica parece levar os/as jovens estudantes a legitimar mais o uso de violência sexual por parte de raparigas, talvez por se tratar de um estilo marcado por sentimentos fortes de atração física. Como refere Morais (2015), os indivíduos que se identificam mais com o estilo de amor *Eros* dão muita importância à componente física e sexual e as suas relações têm por base o envolvimento físico logo numa fase inicial, havendo inclusive uma resposta genital ao beijar o/a parceiro/a (Neto, 1992). Relativamente a este resultado salienta-se, ainda, o estudo de Dias et al. (2013), que revela também a existência de uma relação entre a noção de amor apaixonado e a legitimação de violência entre parceiros íntimos, no que diz respeito à população mais jovem, principalmente considerando a associação entre esta noção de amor e a ideia de irracionalidade e alteração do estado normal dos indivíduos (a nível cognitivo, emocional e físico) que, derivadas da intensidade emocional sentida, podem levar a um descontrolo comportamental e atitudinal.

Por outro lado, os resultados indicam que conceptualizar o amor de forma mais lúdica e descomprometida, promove uma maior legitimação do uso de violência física perpetrada por raparigas, indo ao encontro de algumas das evidências apresentadas por Varas (2016) e uma menor legitimação da violência sexual perpetrada por ambos os sexos e da violência psicológica feminina. Assim, o facto de a diversão ser a base deste estilo de amor poderá explicar o baixo nível de tolerância face ao abuso sexual e à violência psicológica, no entanto torna-se difícil compreender o elevado nível de legitimação relativamente à violência física feminina. Neste sentido, sublinha-se o estudo de Antunes e Machado (2012) que evidencia que o tipo de agressão mais relatado no contexto de uma relação ocasional⁵ é a violência física. Dessa forma, as

⁵ Antunes e Machado (2012) descrevem uma relação ocasional como “relações de curta duração que, embora impliquem um envolvimento físico e/ou sexual, não envolvem um comprometimento emocional entre os dois parceiros, nem assumem que haverá continuidade nesse envolvimento” (p. 94).

autoras salientam a necessidade de se investigar mais aprofundadamente a violência que ocorre neste contexto e os fatores subjacentes a este tipo de relacionamento que concorrem para potenciar o risco dessa ocorrência, apontando como exemplos a escassa afetividade, as diferenças no grau de envolvimento e nas expectativas entre parceiros/as, a falta de comunicação e o facto de não se considerar uma possível continuidade da relação. As mesmas autoras explicam, também, que as relações ocasionais frequentes podem promover uma desvalorização emocional das mesmas que, por sua vez, pode levar ao uso de violência. Nesta linha de pensamento Dias et al. (2013) referem que a objetificação do/a parceiro/a, bem como as desigualdades de género reforçadas por esta noção de amor e inclusive a desconsideração da mesma como uma forma de amor, podem promover a legitimação de comportamentos abusivos. Ainda, no estudo de Kanemasa et al. (2004), realizado no Japão, o estilo de amor *Ludus* surge associado a experiências emocionais de *hostilidade* no âmbito das relações amorosas, sendo esta associação ligeiramente mais forte no sexo feminino.

Por sua vez, conceptualizar o amor de forma mais prática e pragmática parece promover uma maior legitimação da violência física praticada por ambos os sexos e uma menor tolerância face à violência sexual perpetrada por raparigas. Desta forma, é possível que as características subjacentes a este estilo de amor, nomeadamente, a definição clara sobre o que se pretende numa relação e num/a parceiro/a e o desejo de que este/a seja compatível e se adapte aos objetivos individuais, levem os/as jovens estudantes a forçar essa mesma compatibilidade e adaptação às expectativas próprias, ponderando inclusive o recurso à violência física. Como refere Pinto (2009), a descoberta de incompatibilidades através do envolvimento íntimo leva a uma frustração relativamente aos esforços em satisfazer as necessidades individuais, o que pode contribuir para emergência de conflitos e para a disfunção relacional. Assim, ditos resultados parecem contradizer os estudos de Dias (2012) e Dias et al. (2013), que sugerem que a noção de amor pragmático é a que menos promove a violência entre parceiros íntimos. Neste aspeto, sublinha-se também o estudo de Kanemasa et al. (2004), que evidencia uma relação positiva entre o estilo de amor *Pragma* e experiências emocionais de *hostilidade*, no âmbito das relações amorosas, em ambos os sexos.

Já a identificação com os estilos de amor ansioso e altruísta parece levar os/as jovens estudantes a legitimar menos a violência psicológica perpetrada por rapazes e também por raparigas, embora este último caso se verifique apenas nos/as

participantes mais possessivos/as e ansiosos/as. Estes últimos resultados são algo contraditórios, tendo em conta a falta de consensualidade face às características dos estilos de amor mencionados, nomeadamente, a insegurança, a dependência e a preocupação obsessiva pelo/a parceiro/a, no caso do estilo *Mania* e o autossacrifício, a paciência e a crença no/a parceiro/a patentes no estilo *Ágape*. No entanto, o estudo de Smith e Klases (2016) aponta que quem se identifica mais com o estilo de amor *Ágape* exibe, também, uma tendência para desenvolver relações satisfatórias e duradouras. E o estudo de Kanemasa et al. (2004) revela uma forte associação entre o estilo de amor *Mania* e a autoperceção *responsabilidade*, no caso do sexo masculino e *sociabilidade*, no caso do sexo feminino, sugerindo que o referido resultado se pode dever a uma necessidade de compensar a falta de autoestima e de superar a ansiedade nas relações amorosas. Por outro lado, o mesmo estudo evidencia a existência de uma relação positiva entre o estilo de amor *Ágape* e as autoperceções *responsabilidade*, *sociabilidade* e *bondade* em ambos os sexos e ainda com a autoperceção *confiança* no sexo feminino.

Os autores sublinharam, inclusive, a existência de uma similaridade entre os estilos *Mania* e *Ágape*. Assim, seria interessante investigar de forma mais aprofundada as relações encontradas no presente estudo, no sentido de averiguar quais as especificidades patentes nos referidos estilos de amor que promovem a menor aceitação de violência psicológica.

Por último, importa salientar que o estilo de amor amistoso e companheiro não revela nenhum tipo de relação significativa com a legitimação de violência no namoro, o que parece apontar para uma neutralidade deste tipo de conceptualização de amor relativamente à mesma. Por exemplo, o estudo de Kanemasa et al. (2004) avança que este estilo de amor se correlaciona positivamente com as autoperceções *sociabilidade* e *bondade*, no âmbito das relações amorosas e que está isento de sentimentos emocionais intensos, o que também pode representar uma das explicações para estes resultados. Neste aspeto, salienta-se o estudo de González (2007), onde também não se verifica nenhuma associação positiva entre os estilos *Storge* e *Ágape* e a violência entre parceiros íntimos, apesar de o mesmo incluir também o estilo *Eros* neste sentido, levando a autora a afirmar, inclusive, que a intervenção, junto da população jovem, deveria ter como um dos objetivos a expressão de condutas amorosas características dos referidos estilos.

Desta forma, verifica-se a confirmação apenas parcial da Hipótese 9 “No geral, os/as participantes que se identificam mais com os estilos de amor *Ludus* e *Mania*, revelam igualmente mais atitudes legitimadoras face à violência no namoro” e da Hipótese 10 “No geral, os/as participantes que se identificam mais com os estilos de amor *Eros*, *Storge* e *Ágape*, revelam igualmente menos atitudes legitimadoras face à violência no namoro”. Quanto a esta última hipótese, embora o estilo *Eros* revele uma associação positiva com a violência sexual feminina e o estilo *Storge* manifeste uma aparente neutralidade face à violência no namoro, convém sublinhar que no presente estudo os/as participantes no geral se identificam mais com os estilos *Storge*, *Eros* e *Ágape*, ao mesmo tempo que manifestam uma baixa concordância com a violência no namoro. Como tal, não se deve negligenciar a possibilidade de estes resultados estarem relacionados.

Assim, apesar de estas últimas hipóteses só terem sido parcialmente confirmadas, os resultados do estudo indicam um sentido que importa realçar, uma vez que mostram que efetivamente as atitudes em relação ao amor têm influência sobre as atitudes acerca da violência no namoro. No entanto, convém referir que poderão não ser os estilos de amor em si a promover ou a obstar a legitimação do referido fenómeno, mas sim alguns padrões de ligação e estruturação dos mesmos (cf. Dias et al., 2013).

Por fim, importa salientar que as reflexões ou hipóteses explicativas aqui sugeridas representam apenas possíveis interpretações realizadas a partir dos resultados obtidos e que, como tal, é imprescindível alguma cautela na generalização das conclusões a todos/as os/as estudantes do ensino superior.

CONCLUSÕES

Como refere Santos (2015), ainda há muito por fazer em Portugal no que diz respeito à temática da violência no namoro. E é por esse motivo que o referido fenómeno e os esforços de prevenção relativamente ao mesmo surgem como alvo essencial da presente dissertação. Por outras palavras e seguindo a linha de pensamento de Machado et al. (2010), considera-se a investigação como um instrumento essencial no que diz respeito ao acesso a dita problemática, à sua visibilidade e ao desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção eficazes, tendo em conta que é essencial conhecer em profundidade a realidade na qual se pretende intervir, caso contrário, o desenvolvimento de respostas inovadoras e sólidas torna-se inviável (cf. Iamamoto, 2000).

A literatura expõe que a violência no namoro tem sido alvo de preocupação, pelo prejuízo que apresenta no que diz respeito às vítimas (Fernandes, 2013; González, 2007; Monteiro, 2013; Santos, 2013; Teixeira, 2015) e por emergir atualmente como um fenómeno comum e frequente (Monteiro, 2013; Teixeira, 2015) entre estudantes do ensino superior (cf. Karakurt et al., 2013), com destaque para os/as que frequentam o 1º ano de licenciatura (cf. Gama et al., 2017), considerando-se as atitudes dos sujeitos relativamente a dito fenómeno como um fator de influência relevante face à existência e prevalência de práticas violentas nas relações amorosas (Félix, 2012; Lopes, 2014; Saavedra, 2010). Por outro lado, apesar de a literatura sublinhar a importância de se considerar o(s) conceito(s) ou estilos de amor como um possível fator promotor de violência entre parceiros íntimos (Félix, 2012; Nascimento, 2009; Pérez et al., 2008; Ruitiña, 2012; Varas, 2016), poucas vezes se observa a sua exposição ou análise nesse sentido (cf. Dias & Machado, 2011).

Assim, a presente dissertação teve como principal objetivo averiguar a existência ou não de uma relação entre as atitudes relativamente ao amor e as atitudes acerca da violência no namoro, em estudantes que frequentem maioritariamente o 1º ano de todas as licenciaturas ministradas numa das instituições de ensino superior da área de Lisboa e explorar, também, a existência de possíveis diferenças nessas atitudes em função de variáveis sociodemográficas e contextuais.

Pretende-se, assim, contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos no âmbito do(s) conceito(s) de amor e do fenómeno da violência no namoro, no que diz

respeito aos/às estudantes do ensino superior, a partir da resposta aos seguintes objetivos específicos de investigação: (a) identificar as atitudes dos/as participantes em relação ao amor e à violência no namoro, (b) explorar as diferenças nas atitudes dos/as participantes em relação ao amor e à violência no namoro, no que diz respeito às variáveis sociodemográficas e contextuais, (c) explorar a relação entre as atitudes dos/as participantes em relação ao amor e as atitudes dos/as mesmos/as acerca da violência no namoro e (d) avaliar se as atitudes dos/as participantes em relação ao amor têm influência sobre as atitudes destes/as acerca da violência no namoro.

O presente estudo assume uma natureza quantitativa, tendo em conta a impossibilidade de levar a cabo a abordagem mista planeada, por motivos anteriormente expostos. Dessa forma, a recolha e análise dos dados foi efetuada mediante o uso de técnicas estatísticas, recorrendo à aplicação de um questionário de dados sociodemográficos e contextuais e de duas escalas, nomeadamente, a “Escala de atitudes em relação ao amor” (Neto, 1992) e a “Escala de atitudes acerca da violência no namoro” (Saavedra, Machado & Martins, 2017). A investigação contou com uma amostra de 210 estudantes, a frequentar maioritariamente o 1º ano do ensino superior e com distintas características sociodemográficas e contextuais, sendo que a seleção e recolha da mesma se realizou através da técnica de amostragem por conveniência.

Deste modo, sublinha-se em primeiro lugar, que a análise e discussão dos resultados obtidos no presente estudo permitiu não só responder a todos os objetivos específicos propostos, como também confirmar ou infirmar as hipóteses delineadas. De forma mais específica, o estudo empírico possibilitou a confirmação da maioria das hipóteses estabelecidas, à exceção da Hipótese 2 “Existem diferenças significativas relativamente à variável sexo, sendo que o sexo masculino se identifica mais com os estilos de amor *Ludus* e *Ágape*, comparativamente ao sexo feminino”, da Hipótese 4 “No geral, os/as participantes revelam mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica masculina e feminina e face à violência física e sexual feminina”, da Hipótese 9 “No geral, os/as participantes que se identificam mais com os estilos de amor *Ludus* e *Mania*, revelam igualmente mais atitudes legitimadoras face à violência no namoro” e da Hipótese 10 “No geral, os/as participantes que se identificam mais com os estilos de amor *Eros*, *Storge* e *Ágape*, revelam igualmente menos atitudes legitimadoras face à violência no namoro”.

As hipóteses acima descritas apenas se confirmaram parcialmente, tendo em conta que não houve uma diferença significativa entre sexos no que diz respeito ao estilo de amor *Ludus*, que os/as participantes não revelaram mais atitudes legitimadoras face à violência sexual feminina, comparativamente aos outros tipos de violência e tendo em consideração que não se verificou uma relação positiva entre a identificação dos/as participantes com o estilo de amor *Mania* e a maior legitimação de violência no namoro e entre a identificação dos/as participantes com os estilos de amor *Storge* e *Eros* e a menor legitimação de violência no namoro. Neste aspeto, salienta-se que as características específicas da amostra em estudo poderão ter condicionado as diferenças encontradas face à literatura existente neste âmbito que, como se pode observar através da revisão bibliográfica efetuada, também não apresenta uma consensualidade no que diz respeito aos aspetos abordados nas hipóteses expostas.

Assim, apresentam-se de seguida os principais resultados obtidos através da presente investigação e as conclusões tecidas a partir dos mesmos.

No que diz respeito ao primeiro objetivo, o presente estudo revela que os/as participantes se identificam mais com os estilos de amor amistoso, companheiro (*Storge*) e apaixonado (*Eros*), apresentando também, ainda que em menor medida, uma visão mais altruísta de amor (*Ágape*). Por outras palavras, a conceptualização de amor que os/as participantes manifestam parece aproximar-se mais dos ideais de amizade, respeito, equilíbrio, afeto e também de compromisso, tendo em conta, inclusive, que o conceito mais lúdico e descomprometido de amor (*Ludus*) é aquele com o qual os/as participantes do presente estudo menos se identificam. Por sua vez verificou-se que estes/as revelam, no geral, uma baixa concordância com o uso de violência nas relações de namoro, sendo que os rapazes manifestam mais atitudes legitimadoras do mesmo, comparativamente às raparigas. Ainda assim, observa-se a presença de alguma tolerância, no geral, face a determinados tipos de violência, nomeadamente, à violência psicológica e física perpetrada pelo sexo feminino e à violência psicológica perpetrada pelo sexo masculino.

Tendo em conta o acima referido, sublinha-se, antes de mais, a importância de ter em conta a violência física praticada por raparigas e a violência psicológica praticada por ambos os sexos, aquando a planificação e implementação de medidas e programas de prevenção/intervenção junto de estudantes do ensino superior, tendo em conta que estes emergem como os tipos de abuso mais legitimados neste contexto. A literatura neste âmbito surge como suporte a esta sugestão, indicando não

só que a violência psicológica ou emocional surge como o tipo de abuso mais frequente entre parceiros íntimos (Antunes, 2016; Antunes & Machado, 2012; Gama et al., 2017; Manuel, 2014; Otero & Martinez, 2016; Paiva & Figueiredo, 2004; Vieira, 2013), como também que é necessária uma alteração das atitudes sociais orientada para a crença de que a violência é inaceitável independentemente do sexo de quem perpetra (Price, Byers, Sears, Whelan & Saint-Pierre, 2000). Por outro lado, ditas medidas e programas, embora devam prever a inclusão de ambos os sexos como público-alvo, não devem negligenciar o facto de ser o sexo masculino a legitimar mais os comportamentos abusivos nas relações de namoro, uma evidência demonstrada não só na presente investigação, como também noutros estudos científicos realizados neste âmbito.

Quanto ao segundo objetivo, verificou-se que as variáveis curso frequentado e prática religiosa influenciam as atitudes dos/as participantes acerca da violência no namoro e que as variáveis orientação sexual, estado civil, experiência em relações amorosas e duração da relação influenciam as atitudes dos/as mesmos/as em relação ao amor. Por sua vez, observou-se, também, que as variáveis sexo e pessoa na qual se está a pensar aquando o preenchimento do questionário influenciam tanto as atitudes em relação ao amor como as atitudes acerca da violência no namoro.

Assim, os esforços de prevenção devem considerar, também, determinadas variáveis que, como o presente estudo indica, aparentam ter influência, tanto positiva (e.g. nível elevado de religiosidade) como negativa (e.g. sexo masculino, frequência de cursos não orientados para o contacto com pessoas e/ou os cuidados pessoais), nas atitudes de legitimação de violência no namoro entre estudantes do ensino superior, principalmente atendendo ao facto de o estado da arte, neste âmbito, reforçar muitas das evidências encontradas na presente dissertação no que diz respeito a este ponto.

Por último, no que concerne ao terceiro e quarto objetivos, a análise e discussão dos resultados não só sugerem que quem legitima um tipo de violência perpetrado por rapazes, legitima igualmente o mesmo tipo de violência perpetrado por raparigas e que a legitimação de um tipo de violência influencia, também, a legitimação de outro ou outros tipos de violência, como também revela a existência de uma relação de influência entre alguns estilos/atitudes relativamente ao amor e determinadas atitudes de legitimação acerca da violência no namoro.

Assim, verifica-se uma relação positiva entre o estilo de amor apaixonado/erótico (*Eros*) e a legitimação de violência sexual feminina e uma relação

positiva entre o estilo de amor lúdico/descomprometido (*Ludus*) e a tolerância relativamente à violência física feminina, sendo esta relação negativa quando se trata de violência sexual perpetrada por ambos os sexos e de violência psicológica perpetrada por raparigas. Já o estilo de amor mais prático/pragmático (*Pragma*) evidencia uma relação positiva com a legitimação de violência física praticada por ambos os sexos e negativa com a tolerância face à violência sexual perpetrada por raparigas. Quanto aos estilos de amor ansioso (*Mania*) e altruísta (*Ágape*) o presente estudo revela uma relação negativa com a legitimação de violência psicológica perpetrada por rapazes e por raparigas, embora este último caso se verifique apenas no estilo de amor ansioso (*Mania*). No que diz respeito a este último aspeto, sublinha-se, ainda, uma aparente neutralidade relativamente à relação de influência entre o estilo de amor amistoso/companheiro (*Storge*) e a legitimação de violência no namoro.

É importante ter em conta que na pesquisa bibliográfica realizada não se encontrou nenhum estudo, a nível nacional ou internacional, que aborde a relação entre as atitudes relativamente ao amor e as atitudes de legitimação da violência no namoro e que os estudos que se debruçam sobre a relação entre a ocorrência de violência entre parceiros íntimos e o(s) conceito(s) de amor não são consensuais nos resultados apresentados. Como tal, este facto acabou por dificultar a análise dos resultados obtidos na presente dissertação relativamente a este âmbito.

Assim, os resultados reforçam a literatura que indica que o conceito de amor, nomeadamente alguns estilos e noções subjacentes ao mesmo, pode e deve ser considerado como um fator de influência relevante na existência ou não de violência nas relações amorosas (cf. Dias, 2012; Dias et al., 2013; Ruitiña, 2012; Varas, 2016). Desta forma, destaca-se a urgência de refletir sobre o papel que o(s) conceito(s) de amor representa na promoção de violência no namoro e na manutenção de relações abusivas. Por outras palavras, torna-se necessário colocar dito(s) conceito(s) no centro da reflexão e atuação em termos preventivos e interventivos, a par com outros fatores de risco e de proteção no que diz respeito ao referido fenómeno (cf. Dias et al., 2013).

Na verdade, a observação da literatura existente, no que diz respeito a programas de prevenção de violência no namoro ou entre parceiros íntimos, revela uma lacuna a este respeito. São efetivamente poucos os programas de prevenção que mencionam ou abordam o(s) conceito(s) de amor como fator de risco ou proteção face à legitimação e ocorrência de violência nas relações amorosas e aqueles que o fazem

mencionam apenas e de forma breve o conceito de amor romântico (e.g. Foshee & Langwick, 2004; Genovés & Tello, 2009; Leitão et al., 2013; Repullo, 2009). Assim, a observação dos resultados do presente estudo, não só aponta para a desmistificação do conceito de amor romântico como um fator de risco preponderante e exclusivo neste âmbito, como também alerta para o facto de outras conceptualizações de amor poderem influenciar, tanto positivamente como negativamente, neste sentido.

Assim, se as atitudes acerca da violência no namoro surgem mencionadas como um fator de risco ou como uma das explicações mais frequentes para a existência de violência entre parceiros íntimos, fomentando igualmente a manutenção da relação abusiva e a não procura de ajuda por parte das vítimas (Félix, 2012; Lopes, 2014; Monteiro, 2013; Saavedra, 2010) e se as atitudes em relação ao amor parecem ter influência sobre estas últimas, sublinha-se a necessidade e relevância de analisar ambas as atitudes em conjunto, sem negligenciar a forte influência das práticas e discursos socioculturais na construção e reconstrução das mesmas (cf. Dias, 2012; Torres, 1987). Por outro lado, tendo em conta que a restrição dos fatores de risco deve ser um dos focos dos projetos de prevenção, assim como da sua monitorização e avaliação (Monteiro, 2013), torna-se indispensável a criação de projetos sociais e programas de intervenção, baseados em evidências científicas, que incidam na desconstrução dos conceitos, crenças, valores e consequentes discursos e argumentos culturais que sustentam a legitimação do uso de violência no namoro e que se encontram subjacentes às atitudes mencionadas.

Acrescenta-se, ainda, a importância de se considerar como público-alvo os/as estudantes do ensino superior, tendo em conta a etapa transitiva, repleta de mudanças, de intensidade emocional, de experimentação, de aprendizagem e de redefinição de identidade na qual se encontram, onde as relações amorosas assumem um papel de relevo (Mendes et al., 2013; Oliveira, 2013) e considerando, também, que a violência no namoro é um fenómeno que faz parte do seu contexto em particular e que pode afetar a sua saúde e o seu desenvolvimento psicossocial, podendo, como a literatura indica, reproduzir-se em etapas posteriores de vida. No entanto, considera-se pertinente não negligenciar outros elementos integrantes da sociedade, como os *media*, a opinião pública, as instituições educativas e sociais ou a própria política (Dias, 2012; Dias et al., 2013; Filipe, 2013; González, 2007; Manuel, 2014; Monteiro, 2015).

Por último, destaca-se a relevância de se considerar os/as jovens estudantes como coconstrutores/as ativos/as nesses processos e práticas de prevenção e intervenção. Neste sentido, se por um lado a confrontação dos/as participantes com as questões colocadas no questionário promove invariavelmente a sua sensibilização acerca das temáticas em estudo, por outro, apesar de não ser efetivamente um resultado do estudo empírico desenvolvido, a não participação dos/as mesmos/as na entrevista focalizada planeada e proposta na presente dissertação, representa uma realidade preocupante, principalmente tendo em conta a possibilidade de ter sido originada por uma falta de interesse por parte dos/as mesmos/as.

Dessa forma, considera-se que sem a perspetiva e contributo dos/as estudantes do ensino superior, o planeamento e implementação de programas e medidas de prevenção/intervenção eficazes, dirigidos a estes/as, fica em muito dificultada. É imprescindível levar os/as jovens estudantes a tomarem uma atitude pró-ativa, face a problemáticas que têm impacto na sua vida a nível pessoal, social e comunitário. Caridade et al. (2012) sugerem, por exemplo, a criação de espaços, em contexto escolar, que promovam a reflexão acerca da temática das relações amorosas. Assim, sublinha-se a importância de dar ênfase, como referem Coelho e Casaca (2017, p.73) à “capacidade transformadora e emancipatória do sistema educativo”, o que implica a adoção de modelos educativos orientados para a coeducação (Lastra, 2017).

Apesar de todas as sugestões anteriormente colocadas, convém referir que é necessária alguma precaução na leitura das conclusões apresentadas, uma vez que o presente estudo revela algumas limitações. A primeira limitação prende-se com o facto de a seleção e recolha da amostra terem sido realizadas mediante a técnica de amostragem por conveniência. Dessa forma, não foi possível garantir a representatividade nem da população a frequentar o ensino superior na região de Lisboa ou em Portugal, nem da população a frequentar a instituição de ensino superior que participou no presente estudo e, como tal, os resultados obtidos não podem ser generalizados nesse sentido.

Outra das limitações do estudo está relacionada com a discrepância entre a percentagem de participantes do sexo feminino (87,6%) e do sexo masculino (12,4%) e com o desequilíbrio da amostra no que diz respeito à orientação sexual, sendo que a grande maioria é heterossexual (86,2%). Assim, embora as subamostras apresentem um tamanho suficiente para a prossecução das análises estatísticas, importa ter em

conta que estas diferenças podem ter condicionado os resultados, o que restringe a possibilidade de aplicar os mesmos aos/as estudantes do sexo masculino e aos/as estudantes não heterossexuais. Por outro lado, tendo em conta que o instrumento de medida era constituído por um questionário de autorrelato, é importante atender aos aspetos relacionados com o viés de desejabilidade social que poderá estar patente nas respostas dadas ao mesmo, principalmente considerando-se o carácter, por um lado mediático e por outro socialmente sensível, das questões colocadas e a possível divergência entre as atitudes dos/as participantes face à violência no geral e as suas atitudes no que respeita a situações de violência concretas e/ou que os/as envolvam diretamente.

Outra limitação que merece algum destaque prende-se com a extensão do questionário, o que poderá ter levado a uma eventual diminuição da atenção dos/as participantes ao longo do preenchimento do mesmo e o facto de o referido instrumento ter sido aplicado em contexto de sala de aula, estando os/as participantes lado a lado, ainda que com alguma distância, o que pode ter causado algum constrangimento nas respostas às questões mais delicadas. Face a alguns resultados obtidos que sugerem diferenças significativas em algumas variáveis, consideram-se, ainda, como limitações deste estudo a homogeneidade da amostra no que se refere à nacionalidade e ao ano de frequência, embora esta última variável tenha sido um dos critérios da presente investigação. Por último, acrescenta-se o facto de a EAVN não permitir a análise de questões relacionadas com as práticas violentas com recurso às novas tecnologias.

Face ao exposto, é importante ter em conta, como refere Esteves (2006), que as escolhas efetuadas durante o percurso investigativo apresentado não conduzem invariavelmente a uma resposta certa ou verdadeira mas sim a uma das possíveis respostas. Assim, sublinha-se a importância de realizar estudos que ultrapassem algumas das limitações acima mencionadas ou que apresentem alternativas às opções tomadas na presente investigação.

Como propostas para futuras investigações sugere-se em primeiro lugar a complementaridade entre métodos quantitativos e qualitativos de recolha e análise de dados. Dita complementaridade, não só permitiria alcançar uma leitura mais compreensiva da problemática em estudo através do aprofundamento dos conhecimentos acerca dos motivos, contextos, significados e condutas que envolvem e levam a determinadas atitudes e à relação entre elas, evitando-se, assim, perder a índole interpretativa patente na natureza e experiências humanas (Bogdan & Biklen,

1994), como também possivelmente traria nova informação e diretrizes mais precisas e úteis ao desenho de programas de prevenção e intervenção no âmbito da violência no namoro entre estudantes do ensino superior.

Em segundo lugar, o alargamento da amostra torna-se imprescindível para a confirmação ou infirmação dos resultados e de algumas hipóteses avançadas no presente estudo. Para esse efeito, propõe-se que as futuras amostras incluam estudantes de outros cursos, não vinculados às ciências sociais, que estejam inscritos/as em distintos anos de frequência, inseridos/as em várias instituições do ensino superior, situadas em diferentes zonas geográficas e que ditas amostras apresentem, ainda, um maior equilíbrio no que diz respeito às variáveis sexo e orientação sexual, de forma a obter uma amostra heterogénea e verdadeiramente representativa da população de estudantes do ensino superior português.

Em terceiro lugar, seria interessante a realização de estudos longitudinais que avaliassem o desenvolvimento das atitudes em estudo, da relação entre estas e da influência das variáveis sociodemográficas e contextuais em ditas atitudes, ao longo da passagem dos/as estudantes por uma instituição de ensino superior. E por último, tendo em conta que o estudo de Thompson (1991) aponta para a influência da identidade de género masculina como preditor do envolvimento em relações íntimas violentas, entre estudantes do ensino superior de ambos os sexos, coloca-se, também, a opção de as futuras investigações incluírem um instrumento de medida referente à identidade de género ou, na impossibilidade de o fazer, permitirem aos/às participantes identificarem-se quanto ao género e não apenas quanto ao sexo no sentido biológico do termo.

Por fim, considera-se que, embora não esteja isento de limitações e apesar de serem necessários estudos posteriores que confirmem e aprofundem os resultados obtidos, o presente estudo se revela inovador no âmbito da educação social e intervenção comunitária, porque além de contribuir para a o enriquecimento dos conhecimentos no que diz respeito às atitudes em relação ao amor e à violência no namoro, entre estudantes do ensino superior, traz à luz a influência do(s) conceito(s) de amor como fator de risco na legitimação de violência no namoro. Assim, a presente dissertação não esgota o tema estudado, mas poderá inspirar e servir de suporte ao aprofundamento da investigação nesta área em Portugal, bem como promover a reflexão e intervenção no âmbito da ES.

REFERÊNCIAS

- Antunes, J. & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107. Consultado em <http://tinyurl.com/zn7dsr3>
- Antunes, O. (2016). *Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários* (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/y8qvdac9>
- Arnett, J. J. (2006). Emerging Adulthood in Europe: A Response to Bynner. *Journal of youth studies*, 9(1), 111-123. Consultado em <https://tinyurl.com/y8kkhbmy>
- Arnett, J. J. (2007). Afterword: Aging out of care. Toward realizing the possibilities of emerging adulthood. *New directions for youth development*, 113, 151-161. Consultado em <https://tinyurl.com/y8mfabc>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2005). *Relatório Final de Atividades do Projeto IUNO - sensibilização e informação sobre violência doméstica e sexual*. Consultado em <https://tinyurl.com/ya6wruqw>
- Avinash, P., Kalra, G., Subramanyam, A., Shah, H. & Kamath, R. (2015). Love styles of young adults in a metropolitan city of India. *Open Journal of Psychiatry & Allied Sciences*, 6(2), 83-88. Consultado em <https://tinyurl.com/y8ptsugr>
- Barbosa, A. C. S. (2014). *Experiências adversas precoces, vinculação romântica e experiências de violência entre jovens adultos* (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona do Porto, Porto). Consultado em <https://tinyurl.com/z5vjmf9>
- Barreto, J. N. E. (2014). *A influência da vinculação nos estilos de amor em adultos* (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/y7ymydv0>
- Berscheid, E. (2006). Searching for the Meaning of "Love". In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 171-183). London: Yale University Press.

- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Botelho, N. N. S. (2012). *Auto-estima, conhecimento do par amoroso e estratégias de coping: Percepção dos jovens adultos sobre o apoio à relação amorosa* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/yc8r9452>
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W. & Kim, H. K. (2012). A Systematic Review of Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231-280. Consultado em <https://tinyurl.com/yamddkyo>
- Caridade, S., Saavedra, R. & Machado, C. (2012). Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: Orientações gerais. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 131-142. Consultado em <http://tinyurl.com/guky2d5>
- Carlson, B. E. (1999). Student judgments about dating violence: A factorial vignette analysis. *Research in Higher Education*, 40(2), 201-220. Consultado em <https://tinyurl.com/ycntgrdb>
- Carvalho, R. M. G. S. (2010). *Amores em (des)construção. Práticas e representações de jovens sobre o amor e as relações amorosas* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/y7los3lr>
- Cassepp-Borges, V. & de Andrade, A. L. (2013). Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa. *Estudos de Psicologia*, 18(4), 631-638. Consultado em <https://tinyurl.com/y7ehdmsg>
- Castro, T. R. (2015). *Intimidade, regulação emocional e conflito nas relações amorosas* (Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto). Consultado em <https://tinyurl.com/zabz2za>
- Coelho, S. & Casaca, S. F. (2017). Jovens estudantes universitários/as perante a futura vida profissional e familiar: A marca do género. *Ex aequo*, 36, 59-75.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2016). A violência doméstica. Caracterização do fenómeno e respostas aptas à sua erradicação. In P. Guerra & L. Gago (Coords.), *Violência doméstica: Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno* (pp. 20-67). Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, Autor.

- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2016). A violência doméstica. Enquadramento legal. In P. Guerra & L. Gago (Coords.), *Violência doméstica: Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno* (pp. 70-80). Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, Autor.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, M. C. P. L. C. (2011). *A nossa relação somos nós e as nossas circunstâncias: Influência de factores contextuais na satisfação relacional dos jovens adultos* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/yah479rp>
- Cristovão, C. M. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti: Um estudo exploratório sobre a violência no namoro* (Dissertação de mestrado, Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/y8wmkoeb>
- Crittenden, C. A., Policastro, C. & Eigenberg, H. M. (2017). Attitudes Toward Dating Violence: How Does Sexual Identity Influence Perceptions Among College Students?. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26(7), 804-824. Consultado em <https://tinyurl.com/y7ngkbb5>
- Dardis, C. M., Edwards, K. M., Kelley, E. L. & Gidycz, C. A. (2013). Dating violence perpetration: The predictive roles of maternally versus paternally perpetrated childhood abuse and subsequent dating violence attitudes and behaviors. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 22(1), 6-25. Consultado em <https://tinyurl.com/y8pwdqgy>
- De Ketele, J. M. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia de recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Delgado, J. B. (2016). Violencia en el noviazgo: Diferencias de género. *Informes Psicológicos*, 16(2), 27-36. Consultado em <https://tinyurl.com/yc2cv8ke>
- Dias, A. R. C. (2012). *Repertórios interpretativos sobre o amor: Das narrativas culturais às conjugalidades violentas* (Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga). Consultado em <https://tinyurl.com/gvmnmem>

- Dias, A. R. C. & Machado, C. (2011). Amor e violência na intimidade: Da essência à construção social. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 496-505. Consultado em <https://tinyurl.com/yd5d2bah>
- Dias, A. R., Machado, C., Gonçalves, R. A. & Manita, C. (2012). Repertórios interpretativos sobre o amor e as relações de intimidade de mulheres vítimas de violência: Amar e ser amado violentamente?. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 143-159. Consultado em <https://tinyurl.com/yb6cz6ht>
- Dias, A. R., Manita, C., Gonçalves, R. A. & Machado, C. (2013). Relações de intimidade juvenis e adultas, uma análise comparativa: Das narrativas de amor às conjugalidades violentas. *Psicologia*, 27(1), 63-89. Consultado em <https://tinyurl.com/y8olguq6>
- Djikic, M. & Oatley, K. (2004). Love and personal relationships: Navigating on the border between the ideal and the real. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 34(2), 199-209. Consultado em <https://tinyurl.com/y7ebt9tw>
- Ellis, B. J. & Malamuth, N. M. (2000). Love and anger in romantic relationships: A discrete systems model. *Journal of Personality*, 68(3), 525-556. Consultado em <https://tinyurl.com/y8chooqk>
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J.A. Lima & J. A. Pacheco (Orgs.), *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp.105-126). Porto: Porto Editora.
- Fehr, B. (2006). A Prototype Approach to Studying Love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 225-246). London: Yale University Press.
- Félix, D. S. S. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: Um estudo exploratório* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/jsf2kdm>
- Fernandes, A. F. P. (2013). *Programas de sensibilização de violência no namoro. Impacto nos jovens* (Dissertação de mestrado, Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/y9epnjnz>
- Fernandes, C. (2016). A violência doméstica. Enquadramento legal. In P. Guerra & L. Gago (Coords.), *Violência doméstica: Implicações sociológicas, psicológicas e*

- jurídicas do fenómeno* (pp. 81-83). Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Filipe, S. A. (2013). *Modelos percebidos de causalidade da violência entre parceiros íntimos* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/gq7sf5m>
- Fonseca, C. C. (2015). *Violência no namoro e atitudes associadas: Estudo comparativo entre adolescentes institucionalizados e adolescentes não-institucionalizados* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra). Consultado em <https://tinyurl.com/y7crmdku>
- Foshee, V. & Langwick, S. (2004). *Safe Dates: An Adolescent Dating Abuse Prevention Curriculum* (2ª ed.). Minnesota: Hazelden.
- Freitas, C. P. F. (2015). *A submissão associada a violência no namoro. Um contributo para a promoção de competências sociais e emocionais* (Dissertação de mestrado, Universidade dos Açores, Ponta Delgada). Consultado em <https://tinyurl.com/ycpzq7nu>
- Gabinete Coordenador de Segurança. (2008). *Relatório Anual de Segurança Interna 2007*. Consultado em <http://tinyurl.com/zusshs2>
- Gama, A., Veríssimo, A. & Tomás, C. (2017). Violência no Namoro na Escola Superior de Educação de Lisboa. *Ex aequo*, 36, 77-98. Consultado em <https://tinyurl.com/ycnpj7sh>
- García, F. E., Zarate, R. F. & Sánchez, A. S. (2016). Amor, satisfacción en la pareja y resolución de conflictos en adultos jóvenes. *Ajayu*, 14(2), 284-302. Consultado em <http://www.scielo.org.bo/pdf/rap/v14n2/v14n2a4.pdf>
- Genovés, V. G. & Tello, M. C. (2009). La prevención de la violencia en la relación amorosa entre adolescentes a través del taller «La Máscara del Amor». *Revista de educación*, 349, 335-360. Consultado em <https://tinyurl.com/ybu9vxgw>
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Editora Celta.
- Gomes, C., Fernando, P., Ribeiro, T., Oliveira, A. & Duarte, M. (2016). *Violência doméstica: Estudo avaliativo das decisões judiciais*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. Consultado em <https://tinyurl.com/y8ywkj9e>

- Gómez, J. A. M. & Rey Anacona, C. A. (2014). Prevención de violencia en el noviazgo: Una revisión de programas publicados entre 1990 y 2012. *Pensamiento psicológico*, 12(1), 117-132. Consultado em <https://tinyurl.com/ybuqu57x>
- Gonçalves, M. A. S. (2013). *Namoro na adolescência: Atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescentes nos Açores* (Dissertação de mestrado, Universidade dos Açores, Ponta Delgada). Consultado em <https://tinyurl.com/yadl6c8t>
- González, M. C. S. (2007). *Relaciones interpersonales violentas en las parejas jóvenes: Estilos de comunicación, estilos de amor y personalidad* (Dissertação de doutoramento, Universidade de Valência, Valência). Consultado em <https://tinyurl.com/ycbnv8qk>
- Guedes, M. J. M. (2011). *Satisfação com a vida amorosa nas relações de intimidade dos pares de namorados heterossexuais* (Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto). Consultado em <https://tinyurl.com/y8opipbj>
- Guel, E. B. (2014). *Estilos de apego y amor en mujeres y hombres con relaciones violentas de pareja* (Dissertação de licenciatura, Universidade Autónoma do Estado do México, Toluca). Consultado em <https://tinyurl.com/yam6kw54>
- Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2007). Transições Incertas. Os Jovens perante o mercado de trabalho. *Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE)*.
- Hahn, J. & Blass, T. (1997). Dating partner preferences: A function of similarity of love styles. *Journal of Social Behavior and Personality*, 12(3), 595-610. Consultado em <https://tinyurl.com/y8euxxlg>
- Hays, D. G., Michel, R. E., Bayne, H. B., Colburn, A. A. N. & Myers, J. S. (2015). Counseling with HEART: A relationship violence prevention program for college students. *Journal of College Counseling*, 18(1), 49-65. Consultado em <https://tinyurl.com/yaqalys3>
- Hendrick, C. & Hendrick, S. S. (2006). Styles of Romantic Love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 149-170). London: Yale University Press.
- Hespanha, P. (2008). Políticas Sociais: Novas abordagens, novos desafios. *Revista de Ciências Sociais*, 39(1), 5-15. Consultado em <https://tinyurl.com/y9o6ofmv>

- Hetsroni, A. (2012). Associations between television viewing and love styles: An interpretation using cultivation theory. *Psychological reports*, 110(1), 35-50. Consultado em <https://tinyurl.com/ybfbjwqr>
- Hines, D. A. & Reed, K. M. P. (2015). An experimental evaluation of peer versus professional educators of a bystander program for the prevention of sexual and dating violence among college students. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 24(3), 279-298. Consultado em <https://tinyurl.com/y9249duw>
- Iamamoto, M. V. (2000). *O Serviço Social na contemporaneidade: Trabalho e formação profissional* (3ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Jensen, L. A. & Arnett, J. J. (2012). Going global: New pathways for adolescents and emerging adults in a changing world. *Journal of Social Issues*, 68(3), 473-492. Consultado em <https://tinyurl.com/y9qscstv>
- Jonason, P. K. & Kavanagh, P. (2010). The dark side of love: Love styles and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 49(6), 606-610. Consultado em <https://tinyurl.com/yd63w7t9>
- Júlio, C. M. F. (2011). *Amor, vinculação e bem-estar subjetivo. Um estudo com adultos de etnia cigana* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra). Consultado em <https://tinyurl.com/y76y9hrx>
- Kanemasa, Y., Taniguchi, J., Daibo, I., & Ishimori, M. (2004). Love styles and romantic love experiences in Japan. *Social Behavior and Personality*, 32(3), 265-282.
- Karakurt, G., Keiley, M. & Posada, G. (2013). Intimate Relationship Aggression in College Couples: Family-of-Origin Violence, Egalitarian Attitude, Attachment Security. *Journal of Family Violence*, 28(6), 561-575. Consultado em <https://tinyurl.com/y96ut8gy>
- Kaukinen, C., Buchanan, L. & Gover, A. R. (2015). Child abuse and the experience of violence in college dating relationships: Examining the moderating effect of gender and race. *Journal of family violence*, 30(8), 1079-1092. Consultado em <https://tinyurl.com/yb4hmv67>
- Lameira, T. (2013). *Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra). Consultado em <https://tinyurl.com/zdelxz3>

- Lastra, M. G. (2017). La perspectiva de género en la formación inicial del profesorado de educación infantil. Notas sobre una investigación realizada entre el alumnado del grado de magisterio de educación infantil de la universidad de Cantabria (España). *Ex aequo*, 36, 43-57.
- Leitão, M. N. C. (2013). Violência nas relações de intimidade. In M. N. C. Leitão, M. I. D. Fernandes, J. A. S. A. O. Fabião, M. C. G. M. A. Sá, C. M. F. Veríssimo & M. A. C. R. Dixe (Coords.), *Prevenir a violência no namoro. N(Amor)O (Im)Perfeito: Fazer diferente para fazer a diferença* (pp. 23-42). Coimbra: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Consultado em <https://tinyurl.com/yazun648>
- Leitão, M. N. C., Fernandes, M. I. D., Fabião, J. A. S. A. O., Sá, M. C. G. M. A., Veríssimo, C. M. F. & Dixe, M. A. C. R. (Coords.) (2013). *Prevenir a violência no namoro. N(Amor)O (Im)Perfeito: Fazer diferente para fazer a diferença* (pp. 17-21). Coimbra: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Consultado em <https://tinyurl.com/yazun648>
- Lewis, S. F. & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical psychology review*, 21(1), 105-127. Consultado em <https://tinyurl.com/y9hendym>
- Lima, J. A. (2006). Ética na investigação. In J. A. Lima & J. A. Pacheco (Orgs.), *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Lopes, A. I. S. (2014). *Afetos, desafetos e abuso relacional na adolescência* (Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Viseu, Viseu). Consultado em <https://tinyurl.com/y992v3lo>
- Lucariello, E. & Caldera, M. I. F. (2012). Estilos de amor en mujeres maltratadas. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 345-360. Consultado em <https://tinyurl.com/ya8f8l23>
- Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43-52. Consultado em <https://tinyurl.com/yd5yhjvd>

- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30(1), 97-102. Consultado em <https://tinyurl.com/y9nwf37a>
- Manuel, S. C. G. (2014). *A violência no namoro entre jovens adultos* (Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto). Consultado em <https://tinyurl.com/yab3bmni>
- Martins-Silva, P. O., Trindade, Z. A. & Júnior, A. S. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33(1), 16-31. Consultado em <https://tinyurl.com/ycpeucij>
- Marzec, M. & Łukasik, A. (2017). Love Styles in the Context of Life History Theory. *Polish Psychological Bulletin*, 48(2), 237-249. Consultado em <https://tinyurl.com/ybbjnynb>
- Mendes, J. M., Duarte, M., Araújo, P. & Lopes, R. (2013). Violência e relações de intimidade no ensino superior em Portugal: Representações e práticas. *Revista Teoria & Sociedade*, 21(2), 87-112. Consultado em <http://tinyurl.com/z73tenp>
- Mirrado, A. C. M. F. (2014). *A Rutura das Relações Amorosas em Adolescentes e Estudantes Universitários* (Dissertação de mestrado, Universidade de Évora, Évora). Consultado em <https://tinyurl.com/yd8wnw7g>
- Monteiro, A. S. C. (2015). *Avaliar atitudes para prevenir comportamentos: As atitudes dos jovens universitários acerca da violência no namoro* (Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto). Consultado em <https://tinyurl.com/hlb8nkj>
- Monteiro, M. S. P. (2013). *Prevenção da violência no namoro. Avaliação do workshop ver, pensar e agir - Projeto (O)usar & Ser laço branco* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra). Consultado em <https://tinyurl.com/y89fgyoq>
- Morais, L. (2015). *A natureza do amor romântico* (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/yccyhng8>
- Moura, G. A. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência. Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais* (Dissertação de mestrado, Instituto Universitário das Ciências

- Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/ycw2fdcd>
- Moyeda, I. X. G., Velasco, A. S. & Ojeda, F. J. R. (2013). Relaciones entre estilos de amor y violencia en adolescentes. *Psicología desde el Caribe*, 30(2), 211-235. Consultado em <https://tinyurl.com/ya5prcyj>
- Murray, C. E. & Kardatzke, K. N. (2007). Dating violence among college students: Key issues for college counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89. Consultado em <https://tinyurl.com/yaju2cty>
- Murray, C. E., Wester, K. L. & Paladino, D. A. (2008). Dating Violence and Self-Injury Among Undergraduate College Students: Attitudes and Experiences. *Journal of College Counseling*, 11(1), 42-57. Consultado em <https://tinyurl.com/ycujtww9>
- Narváez, B. L. R., Parra, C. E. A., Alonso, M. A. B. & Madera, A. P. (2017). Actitudes hacia el amor en relaciones románticas de jóvenes universitarios. *Praxis & Saber*, 8(16), 155-178. Consultado em <https://tinyurl.com/y7hhyrt>
- Nascimento, F. S. (2009). *Namoro e violência: Um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife). Consultado em <https://tinyurl.com/ycvfdeyd>
- Neto, F. (1992). *Solidão, embaraço e amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.
- Neto, F. (2001). Love styles of three generations of women. *Marriage & Family Review*, 33(4), 19-30. Consultado em <https://tinyurl.com/ybwcsq8e>
- Neto, F. (2007). Love styles: A cross-cultural study of British, Indian, and Portuguese college students. *Journal of comparative family studies*, 239-254. Consultado em <https://tinyurl.com/y9qn7ijs>
- Oleiro, J. C. S. (2011). *A intimidade nos jovens adultos em contexto de relação amorosa: A influência do sexo e da idade* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/ya9o4gem>
- Oliveira, C. S. (2013). *Concepções dos Estudantes Universitários acerca das Relações Amorosas na sua faixa etária* (Dissertação de mestrado, Universidade de Évora, Évora). Consultado em <https://tinyurl.com/y972v7nk>

- Oliveira, J. A. (2011). *Violência no Namoro. Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias* (Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã). Consultado em <https://tinyurl.com/y7cjovas>
- Organização Mundial da Saúde. (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência* (B&C Revisão de Textos, Trad.). Autor. (Obra original publicada em 2010). Consultado em <https://tinyurl.com/y84h7b7d>
- Otero, L. M. R. & Martínez, L. T. (2016). Violencia en pareja, amor romántico y trabajo social. Voces desde futuros trabajadores sociales mexicanos. *Trabajo social hoy*, 79, 99-130. Consultado em <https://tinyurl.com/y7xvxq9g>
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107. Consultado em <https://tinyurl.com/y9hjouzz>
- Patrício, J. A. (2014). Violência contra as mulheres: Processos e contextos de vitimização. *Forum Sociológico, Série II*, 25, 33-43. Consultado em <http://sociologico.revues.org/902>
- Pérez, V. A. F., Fiol, E. B., Guzmán, C. N., Palmer, M. C. R. & Buades, E. G. (2008). El concepto de amor en España. *Psicothema*, 20(4), 589-595. Consultado em <https://tinyurl.com/y7xzifqe>
- Pinto, M. C. (2009). *Intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Consultado em <https://tinyurl.com/y7cd654k>
- Price, E. L., Byers, E. S., Sears, H. A., Whelan, J. & Saint-Pierre M. (2000). Dating violence amongst New Brunswick adolescents: A summary of two studies. *Research Paper Series*, 2(1), 81-88. Consultado em <https://tinyurl.com/y7f7mgn7>
- Price, E. L., Byers, E. S. & The Dating Violence Research Team (1999). The Attitudes Towards Dating Violence Scales: Development and Initial Validation. *Journal of Family Violence*, 14(4), 351-375. Consultado em <https://tinyurl.com/ycmadtyg~>
- Quaresma, C. (2012). *Violência doméstica: Da participação da ocorrência à investigação criminal*. Lisboa: Cadernos da Administração Interna, Coleção Direitos Humanos e Cidadania. Consultado em <https://tinyurl.com/yavn6gtg>

- Repullo, C. R. (2009). *Abre los ojos: El amor no es ciego*. Instituto Andaluz de la Mujer, Consejería para la Igualdad y el Bienestar.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 100/2010 de 17 de dezembro. Diário da República nº 243/10 - I Série. Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa. Consultado em <https://tinyurl.com/y7v9dtoz>
- Rey-Anacona, C. A. (2015). Variables asociadas a los malos tratos en el noviazgo en adolescentes y adultos jóvenes. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(1), 159-171. Consultado em <https://tinyurl.com/y83zcnap>
- Ribeiro, P. A. F. M. (2013). *A dimensão juspsicológica da violência no namoro: Um estudo* (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/yc993s9t>
- Rodríguez-Santero, J., Muñoz, M. A. G. C. & Gálvez, A. P. M. (2017). Los estilos de amor en estudiantes universitarios. Diferencias en función del sexo-género. *Revista Internacional de Sociología*, 75(3), 1-13. Consultado em <https://tinyurl.com/ya9zlc2>
- Ruitiña, C. V. (2012). *Factores de riesgo a nivel macrosistémico para la violencia de género: El papel de los mitos del amor en las relaciones de noviazgo* (Dissertação de mestrado, Universidade de Oviedo, Oviedo). Consultado em <https://tinyurl.com/yamx4bnt>
- Saavedra, R. M. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis* (Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga). Consultado em <https://tinyurl.com/yd5sc6s7>
- Saavedra, R., Machado, C. & Martins, C. (2017). Escala de Atitudes acerca da violência no namoro. In M. Gonçalves, C. Machado & M. R. Simões (Coords.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (Vol. II). Almedina.
- Saavedra, R., Martins, C. & Machado, C. (2013). Relacionamentos íntimos juvenis: Programa para a prevenção da violência. *Psicologia*, 27(1), 115-132. Consultado em <https://tinyurl.com/y8erpa38>
- Santos, C. M. V. (2009). *Amor, paixão e atracção: Compreensão e delimitação de conceitos* (Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/y9xffrej>

- Santos, E. O. (2015). *Intervenção social na violência no namoro: Estratégias de prevenção* (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa). Consultado em <https://tinyurl.com/ybepcqud>
- Santos, J. C. S. M. (2013). *Violência no namoro: Conceções e perceções dos jovens em função do género* (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra). Consultado em <https://tinyurl.com/y89fgyoq>
- Sarwer, D. B., Kalichman, S. C., Johnson, J. R., Early, J. & Ali, S. A. (1993). Sexual Aggression and Love Styles: An Exploratory Study. *Archives of Sexual Behavior*, 22(3), 265-275. Consultado em <https://tinyurl.com/ybzagpsn>
- Schwartz, J. P., Griffin, L. D., Russell, M. M. & Frontaura-Duck, S. (2006). Prevention of Dating Violence on College Campuses: An Innovative Program. *Journal of College Counseling*, 9(1), 90-96. Consultado em <https://tinyurl.com/ybx8tlxu>
- Serrão, H. C. M. R. (2015). *Deus, o Meu Amor e o Meu Eu. Estudo Correlacional entre Espiritualidade, Tipos de Amor e Representação do Self* (Dissertação de mestrado, Universidade de Évora, Évora). Consultado em <https://tinyurl.com/y98n3xyn>
- Sistema de Segurança Interna. (2010). *Relatório Anual de Segurança Interna 2009*. Consultado em <http://tinyurl.com/zmn9rtn>
- Sistema de Segurança Interna. (2012). *Relatório Anual de Segurança Interna 2011*. Consultado em <http://tinyurl.com/zpztuxy>
- Sistema de Segurança Interna. (2014). *Relatório Anual de Segurança Interna 2013*. Consultado em <http://tinyurl.com/jovwysg>
- Sistema de Segurança Interna. (2017). *Relatório Anual de Segurança Interna 2016*. Consultado em <https://tinyurl.com/ybk5qc5w>
- Sistema de Segurança Interna. (2018). *Relatório Anual de Segurança Interna 2017*. Consultado em <https://tinyurl.com/ydz3c28b>
- Smeha, L. N. & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: teoria e prática*, 15(2), 33-45. Consultado em <https://tinyurl.com/y8wzfinq>

- Smith, R. & Klases, A. (2016). Predictors of Love Attitudes: The contribution of cultural orientation, gender attachment style, relationship length and age in participants from the UK and Hong Kong. *Interpersona*, 10(1), 90-108. Consultado em <https://tinyurl.com/y8l67t3p>
- Sprague, H. E. & Kinney, J. M. (1997). The effects of interparental divorce and conflict on college students' romantic relationships. *Journal of Divorce & Remarriage*, 27(1-2), 85-104. Consultado em <https://tinyurl.com/y8cavm6a>
- Sprecher, S. & Toro-Morn, M. (2002). A study of men and women from different sides of earth to determine if men are from Mars and women are from Venus in their beliefs about love and romantic relationships. *Sex Roles*, 46(5-6), 131-147. Consultado em <https://tinyurl.com/y7wk857k>
- Sternberg, R. J. (2006). A duplex theory of love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 184-199). London: Yale University Press.
- Teixeira, A. I. G. S. (2015). *Violência Física no Namoro em Jovens Universitários* (Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real). Consultado em <https://tinyurl.com/yavjntvk>
- Thompson, E. H., Jr. (1991). The maleness of violence in dating relationships: An appraisal of stereotypes. *Sex Roles*, 24(5-6), 261-278. Consultado em <https://tinyurl.com/y82r7tec>
- Tolstoy, L. (2004). *Anna Karenina* (L. Maude & A. Maude, Trad.). New York: Dover Publications, Inc.
- Torres, A. (1987). Amores e Desamores: Para uma análise sociológica das relações afectivas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 3, 21-33. Consultado em <https://tinyurl.com/y9dj3eol>
- Varas, A. M. (2016). *Relaciones de pareja adolescentes: Estilos de amor y tácticas violentas en la resolución de conflictos* (Dissertação de licenciatura, Universidade de Salamanca, Salamanca). Consultado em <https://tinyurl.com/ybj89pl6>
- Vedes, A., Hilpert, P., Nussbeck, F. W., Randall, A. K., Bodenmann, G. & Lind, W. R. (2016). Love styles, coping, and relationship satisfaction: A dyadic approach. *Personal Relationships*, 23(1), 84-97. Consultado em <https://tinyurl.com/y86zqhss>

- Vieira, A. M. S. (2013). *Representações sociais da violência entre parceiros íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: O género fará a diferença?* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra). Consultado em <https://tinyurl.com/y7eyahg2>
- Wall, K., Cunha, V. & Atalaia, S. (2013). Família. In J. Cardoso, P. Magalhães & J. M. Pais (Orgs.), *Portugal social de A a Z - Temas em aberto* (pp. 70-78). Paço de Arcos: Impresa Publishing / Expresso.
- Waller, N. G. & Shaver, P. R. (1994). The importance of nongenetic influences on romantic love styles: A twin-family study. *Psychological Science*, 5(5), 268-274. Consultado em <https://tinyurl.com/ybx2tpgg>
- Worobey, J. (2001). Associations between temperament and love attitudes in a college sample. *Personality and Individual Differences*, 31(3), 461-469. Consultado em <https://tinyurl.com/yd8qf3zq>

ANEXOS

Anexo A. Diferenças entre o sexo feminino e masculino nas atitudes em relação ao amor segundo a literatura

Tabela A1

Diferenças entre o sexo feminino e masculino nas atitudes em relação ao amor segundo a literatura

			Origem do estudo	Eros	Ludus	Storge	Mania	Ágape	Pragma
Estudos internacionais	População geral	Pérez et al. (2008)	Espanha						
		Jonason & Kavanagh (2010)	Vários países						
		Smith & Klases (2016)	Londres e Hong Kong						
		García et al. (2016)	Chile						
	Estudantes do ensino superior	Worobey (2001)	EUA						
		Sprecher & Toro-Morn (2002)	EUA e China						
		Hetsroni (2012)	Israel						
		Narváez et al. (2017)	Colômbia						
		Rodríguez-Santero et al. (2017)	Espanha						
		Marzec & Lukasik (2017)	Polónia						
Estudos portugueses	Etnia cigana	Júlio (2011)		Não existem diferenças significativas					
		Morais (2015)		Não existem diferenças significativas					
	População geral	Serrão (2015)							
		Guedes (2011)							
	Estudantes do ensino superior	Neto (1992)							
		Neto (2007)							

Nota. Sexo feminino  Sexo masculino 

Anexo B. Diferenças entre o sexo feminino e masculino no que diz respeito à perpetração e vitimação de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura

Tabela B1

Diferenças entre o sexo feminino e masculino no que diz respeito à perpetração e vitimação de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura

			Origem do estudo	Violência psicológica		Violência física		Violência sexual	
				P	V	P	V	P	V
Estudos internacionais	Estudantes do ensino superior	Thompson (1991)	EUA	Não existem diferenças significativas					
		Dardis et al. (2013)	EUA	■		■			
		Karakurt et al. (2013)	EUA	Não existem diferenças significativas					
		Kaukinen et al. (2015)	EUA	Não existem diferenças significativas					
		Delgado (2016)	Colômbia	Não existem diferenças significativas					
		Otero & Martinez (2016)	México	Não existem diferenças significativas					
Estudos portugueses	Jovens e estudantes do ensino superior	Paiva & Figueiredo (2004)				■	■		
		Machado et al. (2010)		■		■		■	
		Antunes & Machado (2012)		Não existem diferenças significativas					
		Vieira (2013)		■					
		Teixeira (2015)		Não existem diferenças significativas					
		Antunes (2016)						■	
		Gama et al. (2017)		■					

Nota. Sexo feminino ■ Sexo masculino ■ P = Perpetração V = Vitimação

Anexo C. Prevalência dos distintos tipos de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura

Tabela C1

Prevalência dos distintos tipos de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura

			Origem do estudo	Perpetração				Vitimação			
				Violência Psicológica	Violência Verbal	Violência Física	Violência Sexual	Violência Psicológica	Violência Verbal	Violência Física	Violência Sexual
Estudos internacionais	Estudantes do ensino superior	Otero & Martinez (2016)	México	1º	2º	4º	3º	1º	2º	4º	3º
		Paiva & Figueiredo (2004)		1º		3º	2º	1º		3º	2º
Estudos portugueses	Jovens e estudantes do ensino superior	Antunes & Machado (2012)		2º		1º	3º	1º		2º	3º
		Vieira (2013)		1º		2º	3º				
		Manuel (2014)		1º		3º	2º	1º		3º	2º
		Antunes (2016)		1º		2º	3º	1º		2º	3º
		Gama et al. (2017)			1º	3º	2º		1º	3º	2º

Nota. Os símbolos 1º, 2º, 3º e 4º indicam a ordem pela qual os tipos de violência entre parceiros íntimos surgem mencionados na literatura segundo a sua prevalência.

Anexo D. Prevalência de atitudes legitimadoras face aos distintos tipos de violência no namoro segundo a literatura

Tabela D1

Prevalência de atitudes legitimadoras dos distintos tipos de violência no namoro segundo a literatura

			Origem do estudo	VPM	VFM	VSM	VPF	VFF	VSF
Estudos internacionais	Jovens	Price et al. (1999)	Canadá						
		González (2007)	Espanha						
	Estudantes do ensino superior	Rey-Anacona (2015)	Colômbia						
		Hines & Reed (2015)	EUA						
Estudos portugueses	Jovens	Saavedra (2010)							
		Ribeiro (2013)							
		Gonçalves (2013)							
	Estudantes do ensino superior	Monteiro (2015)							
		Antunes (2016)							


Nota. Tipo de violência mais tolerado  Tipo de violência menos tolerado 

Anexo E. Diferenças entre o sexo feminino e masculino nas atitudes legitimadoras de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura

Tabela E1

Diferenças entre o sexo feminino e masculino nas atitudes legitimadoras de violência entre parceiros íntimos segundo a literatura

			Origem do estudo	Sexo feminino	Sexo masculino
Estudos internacionais	Jovens	Price et al. (1999)	Canadá		
		González (2007)	Espanha		
	Estudantes do ensino superior	Thompson (1991)	EUA		
		Carlson (1999)	EUA		
		Rey-Anacona (2015)	Colômbia		
		Hines & Reed (2015)	EUA		
		Crittenden et al. (2017)	EUA		
Estudos portugueses	Estudantes do ensino superior	Vieira (2013)			
		Antunes (2016)			
	Estudantes do ensino secundário e superior	Machado et al. (2010)			

Nota. Mais atitudes legitimadoras de violência entre parceiros íntimos 

Anexo F. Variáveis associadas à maior ou menor presença de atitudes legitimadoras face à violência entre parceiros íntimos segundo a literatura

Tabela F1

Variáveis associadas à maior ou menor presença de atitudes legitimadoras face à violência entre parceiros íntimos segundo a literatura

		Origem do estudo	Características dos respondentes						Fatores situacionais				
			Baixo nível de formação	Baixo estatuto social	Ter experienciado uma relação amorosa	Maior idade	Pertencer a uma minoria racial ou étnica	Elevados níveis de religiosidade	Atitudes tradicionais acerca dos papéis de género	Tratar-se de violência severa	A vítima ser do sexo feminino ou homossexual	O perpetrador ser do sexo masculino	As consequências do ato serem prejudiciais
Jovens	Price et al. (1999)	Canadá											
	González (2007)	Espanha											
Estudantes do ensino superior	Carlson (1999)	EUA											
	Hines & Reed (2015)	EUA											
	Crittenden et al. (2017)	EUA											
Estudantes do ensino secundário e superior	Machado et al. (2010)	Portugal											

Nota. Mais atitudes legitimadoras  Menos atitudes legitimadoras 

Anexo G. Guia de entrevista

- Guia de orientação para a entrevista focalizada -

Introdução:

- Apresentação da entrevistadora/mediadora;
- Apresentação dos objetivos da investigação;

- Em dezembro foram aplicados 210 questionários ao 1ºano das licenciaturas em:
 - Educação Básica (LEB);
 - Artes Visuais e Tecnologias (LAVT);
 - Animação Sociocultural (LASC);
 - Mediação Artística e Cultural (LMAC);
 - Música na Comunidade (LMC);

E convidei-vos a virem aqui hoje porque me parece muito importante conhecer a vossa opinião acerca de alguns dos resultados que surgiram e também criar um espaço para que possam discutir as vossas ideias acerca dos mesmos.

As vossas respostas são totalmente anónimas e confidenciais, ou seja o vosso nome não surgirá exposto em nenhuma parte da dissertação e as informações recolhidas serão apenas utilizadas na investigação em questão.

Antes de começarmos a nossa conversa, vou apenas fazer alguns pedidos:

- Primeiro quero que saibam que a sessão será gravada, para que eu possa analisar o que foi produzido mais facilmente. Se alguém se sentir pouco à vontade faça o favor de dizer e é claro pode sair se quiser – a vossa participação é voluntária.
- Vamos tentar falar um de cada vez, é importante que todos tenham oportunidade de falar e não se preocupem com o que eu ou outros membros do grupo pensam, estamos aqui para trocar ideias de uma maneira que nos seja agradável.

- Se tiverem alguma dúvida acerca das questões éticas ou outras questões relacionadas com este estudo eu vou dar-vos o meu *e-mail* no final e estão à vontade para me escrever quando quiserem.

Antes de iniciarmos penso que será útil conhecermo-nos, por isso podemos começar por nos apresentarmos. Começamos por mim e damos a volta à mesa, dizendo o nome e algo que gostemos muito de fazer na vida.

APRESENTAÇÃO

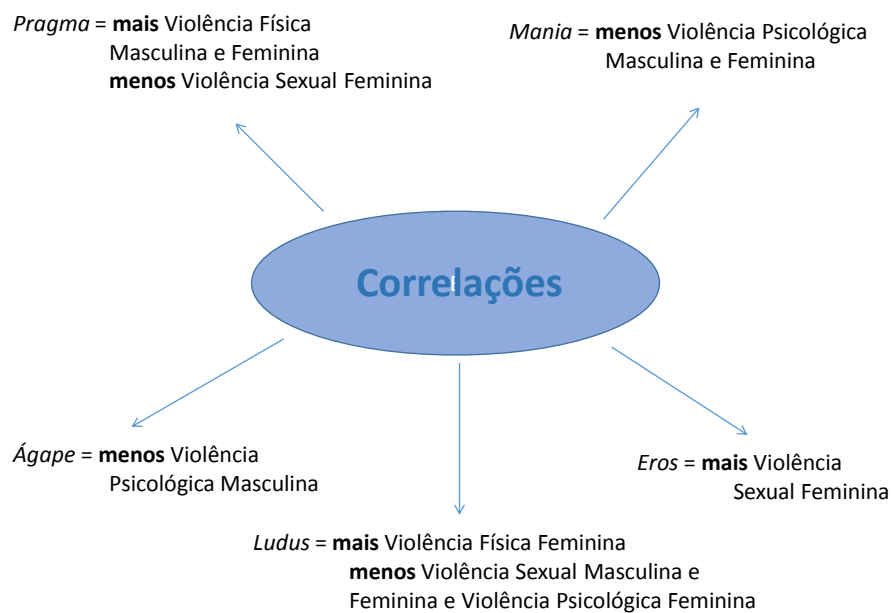
- Tipos de violência:
 - Física;
 - Sexual;
 - Psicológica e/ou emocional;

Antes de prosseguirmos gostava só de perguntar-vos se conhecem estas três formas de violência? Percebem bem o que cada uma significa?

- Estilos de amor:
 - *Eros* - Representante do amor romântico e da paixão;
 - *Ludus* - Representa o amor como um jogo;
 - *Storge* - Referente ao amor baseado na amizade e na afeição;
 - *Pragma* - Relativo ao amor prático e racional;
 - *Mania* - Representa o amor inseguro, ansioso, possessivo e dependente;
 - *Ágape* - Diz respeito ao amor altruísta e desinteressado – Os Rapazes identificam-se mais com este estilo do que as raparigas;
- Os/as participantes legitimam pouco o uso de violência nas relações de namoro.
- Os/as participantes legitimam mais a violência física praticada por raparigas e a violência psicológica praticada tanto por raparigas como por rapazes.

- Os rapazes legitimam mais a violência psicológica praticada por raparigas e a violência sexual praticada por ambos os sexos.
- Os/as estudantes da LAVT legitimam mais:
 - a violência psicológica praticada por rapazes do que os/as estudantes da LEB, da LMAC e da LASC;
 - a violência sexual, tanto praticada por rapazes como por raparigas, do que os/as estudantes da LEB;
 - a violência psicológica praticada por raparigas, comparativamente aos/às estudantes da LASC;
- Os/as participantes que referem estar a pensar numa pessoa com a qual tiveram um relacionamento, são os/as que mais legitimam a violência sexual praticada por ambos os sexos.
- Aqueles/as que afirmam estar a pensar no/a seu/sua namorado/a atual são os/as que legitimam menos a violência sexual praticada por ambos os sexos, no entanto, são os/as que mais legitimam a violência física praticada por raparigas.
- Os/as participantes heterossexuais são aqueles/as que se identificam menos com o estilo de amor altruísta (*Ágape*).
- Os/as participantes solteiros/as são aqueles/as que se identificam mais com o estilo de amor altruísta (*Ágape*).
- Os/as participantes que se definem como crentes e praticantes são os/as que revelam ter menos atitudes legitimadoras de violência física perpetrada por rapazes, sendo que os/as que se definem como nem crentes nem praticantes são os/as que revelam ter mais.

- Os/as participantes cujas relações duraram mais tempo ou duram há mais tempo identificam-se menos com o estilo de amor prático e pragmático (*Pragma*).
- Quem legitima um tipo de violência perpetrado por rapazes também legitima o mesmo tipo de violência perpetrado por raparigas, seja psicológica, sexual ou física.
- Quem legitima a violência psicológica também têm tendência a legitimar a violência sexual. No entanto, verifica-se que quem legitima mais a violência física perpetrada por raparigas também legitima menos a violência sexual perpetrada por raparigas.



- O estilo de amor amistoso e companheiro (*Storge*) não influencia a legitimação de violência no namoro.

Questões base da entrevista focalizada:

- Querem dizer algo acerca destes resultados?

- Qual a vossa opinião?
- O que pensam acerca destes resultados?


Questões finais:

- São surpreendentes estes resultados para vocês?
- Porque é que acham que pessoas que frequentam o ensino superior têm este tipo de atitudes?
- Na vossa opinião e com aquilo que vão experienciando e vivenciando, acham importante falar sobre os conceitos de amor nos projetos de prevenção da violência no namoro?
- Alguma vez falaram sobre estas temáticas nas aulas?
- Faz sentido para vocês fazer algo na instituição de ensino superior que frequentam neste âmbito? O que propõem que seja feito?

O que acharam da experiência? Sentiram-se à vontade?

Alguém tem algo mais que queira dizer/acrescentar?

Muito obrigado a todos e a todas pela disponibilidade manifestada!



**Finalização
da
entrevista**

Anexo H. Instrumento de recolha de dados (Questionário)

- Questionário sobre o amor e a violência no namoro -

Pretende-se com este questionário fazer um estudo sobre as atitudes em relação ao amor e ao namoro. Pedimos que respondas com sinceridade a todas as questões. As tuas respostas são anónimas e confidenciais. Obrigada pela colaboração!

A - Caracterização sociodemográfica

Sexo ____ Idade ____ Curso _____ Ano ____
Nacionalidade _____ Orientação sexual _____ Estado civil _____
Religião _____ crente praticante crente não praticante nem crente nem praticante
Qual a escolaridade do teu pai? Ensino Básico Ensino Secundário Ensino Superior Outro _____
Qual a profissão do teu pai? _____
Qual a escolaridade da tua mãe? Ensino Básico Ensino Secundário Ensino Superior Outro _____
Qual a profissão da tua mãe? _____

B - Avalia cada afirmação, colocando um X na opção que melhor traduza o teu modo de pensar.

1. Assinala com um X a opção que melhor se aplica à tua situação.

Namoro ou já namorei.

Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro.

Nunca namorei.

2. Se já estiveste envolvido/a numa relação de namoro, por favor, responde à seguinte questão:

Com que idade começaste a namorar? _____

3. Nas páginas que se seguem são feitas algumas questões sobre os teus relacionamentos atuais ou sobre relações que tenhas tido. Por favor assinala a pessoa em que estás a pensar quando respondes a estas questões:

Estou a pensar na pessoa que é o/a meu/minha namorado/a atualmente.

Estou a pensar num/a ex-namorado/a do último ano.

Estou a pensar num/a ex-namorado/a há mais de um ano.

Estou a pensar numa pessoa com quem tive um relacionamento.

4. Esta relação dura ou durou quanto tempo? _____

5. Em algum relacionamento da tua vida viveste uma situação de violência no namoro? Sim Não

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações que refletem diferentes atitudes em relação ao amor e a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um X na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas: **Concordo totalmente; Concordo; Não concordo nem discordo; Discordo; Discordo Totalmente.**

	CONCORDO TOTALMENTE	CONCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	DISCORDO	DISCORDO TOTALMENTE
1. Eu e o/a meu/minha namorado/a ficámos atraídos/as um/a pelo/a outro/a assim que nos conhecemos.					
2. Eu e o/a meu/minha namorado/a temos a "química" física ideal.					
3. O nosso relacionamento físico é muito intenso e satisfatório.					
4. Sinto que o/a meu/minha namorado/a e eu fomos feitos/as um/a para o/a outro/a.					
5. O/a meu/minha namorado/a e eu envolvemo-nos emocionalmente com muita rapidez.					
6. O/a meu/minha namorado/a e eu compreendemo-nos de facto.					
7. O/a meu/minha namorado/a corresponde ao meu ideal de beleza física.					
8. Tento manter o/a meu/minha namorado/a numa certa incerteza em relação ao meu comprometimento com ele/a.					
9. Eu acredito que aquilo que o/a meu/minha namorado/a não sabe de mim não o/a magoará.					
10. Por vezes tive que evitar que dois/duas namorados/as meus/minhas soubessem da existência um/a do/a outro/a.					
11. Recomponho-me de casos amorosos muito fácil e rapidamente.					
12. O/a meu/minha namorado/a ficaria aborrecido/a se soubesse de algumas coisas que eu fiz com outras pessoas.					
13. Quando o/a meu/minha namorado/a fica demasiado dependente de mim, tento voltar um pouco atrás.					
14. Gosto de jogar o "jogo do amor" com diferentes companheiros/as.					
15. É difícil dizer exatamente onde acaba a amizade e começa o amor.					
16. O amor genuíno requer que as pessoas se conheçam e se gostem primeiro durante algum tempo.					
17. Espero ser sempre amigo/a de quem amo.					
18. O melhor tipo de amor cresce a partir de uma amizade longa.					
19. A nossa amizade transformou-se gradualmente em amor ao longo do tempo.					
20. O amor é uma amizade muito profunda, não uma emoção misteriosa ou mística.					
21. As minhas relações amorosas mais satisfatórias desenvolveram-se a partir de boas amizades.					
22. Tenho em consideração o que a pessoa tenciona ser na vida antes de me comprometer com ela.					
23. Tento planear a minha vida cuidadosamente antes de escolher um/a namorado/a.					
24. É melhor amar alguém de um meio semelhante ao nosso.					
25. Um aspeto principal a considerar na escolha de um/a namorado/a é o modo como a minha família o/a vê.					
26. Um importante fator na escolha de um/a companheiro/a é se ele/a será ou não um/a bom/boa pai/mãe.					
27. Uma consideração na escolha de um/a companheiro/a é o modo como ele/a interferirá na minha carreira.					
28. Antes de me envolver muito com uma pessoa, tento saber se existe compatibilidade hereditária no caso de irmos a ter filhos.					
29. Quando as coisas não estão bem entre mim e o/a meu/minha namorado/a o meu estômago fica perturbado.					
30. Quando os meus casos de amor acabam, eu fico tão deprimido/a que até já pensei em suicídio.					
31. Por vezes fico tão excitado/a por estar enamorado/a que não consigo dormir.					
32. Quando o/a meu/minha namorado/a não me presta atenção, sinto-me doente.					
33. Quando estou enamorado/a, tenho problemas em concentrar-me noutra coisa qualquer.					
34. Não consigo relaxar-me se suspeito que o/a meu/minha namorado/a está com outra pessoa.					
35. Se o/a meu/minha namorado/a não me liga durante algum tempo, por vezes faço coisas estúpidas para tentar atrair novamente a sua atenção.					
36. Tento sempre ajudar o/a meu/minha namorado/a em situações de dificuldade.					

	CT	C	NC ND	D	DT
37. Prefiro sofrer a deixar o/a meu/minha namorado/a sofrer.					
38. Só posso ser feliz pondo a felicidade do/a meu/minha namorado/a antes da minha.					
39. Geralmente estou disposto/a a sacrificar os meus desejos para que o/a meu/minha namorado/a alcance os seus.					
40. Qualquer que seja aquilo que eu possuo, o/a meu/minha namorado/a pode-o utilizar como desejar.					
41. Quando o/a meu/minha namorado/a se zanga comigo, eu continuo a amá-lo/a completa e incondicionalmente.					
42. Eu suportaria todas as coisas pelo bem-estar do/a meu/minha namorado/a					

1. Um rapaz não deve insultar a/o namorada/o.					
2. Um rapaz não deve dizer à/ao namorada/o o que fazer.					
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao/à namorado/a para sair com os amigos.					
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os/as namorados/as.					
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a/o namorada/o.					
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as/os namoradas/os.					
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao/à namorado/a.					
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o/a namorado/a lhe diz para fazer.					
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a/o namorada/o faz.					
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a/o namorada/o.					
11. É normal um rapaz gritar com a/o namorada/o quando está furioso.					
12. Um rapaz pode dizer mal da/o namorada/o.					
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a/o namorada/o.					
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o/a namorado/a.					
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o/a namorado/a quer.					
16. Uma rapariga deve acabar o namoro se o/a namorado/a lhe bater.					
17. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos/as namorados/as.					
18. Não é correcto um rapaz bater na/o namorada/o.					
19. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na/o namorada/o.					
20. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a/o namorada/o.					
21. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na/o namorada/o quando ela/ele o irrita.					
22. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à/ao namorada/o.					
23. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na/o namorada/o.					
24. As raparigas que traem os/as namorados/as merecem ser esbofeteadas.					
25. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na/o namorada/o.					
26. Normalmente um rapaz não bate na/o namorada/o a não ser que esta/este mereça.					
27. Um rapaz pode bater na/o namorada/o se ela/ele merecer.					
28. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a/o namorada/o para ter relações sexuais com ele.					
29. Os rapazes não são donos do corpo das/os namoradas/os.					
30. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.					
31. Os rapazes nunca devem embriagar as/os namoradas/os para conseguirem ter relações sexuais com elas/eles.					
32. Um rapaz não deve tocar na/o namorada/o a não ser que ela/ele queira.					
33. Um rapaz pode forçar a/o namorada/o a beijá-lo.					
34. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as/os namoradas/os para as/os excitarem.					
35. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o/a namorado/a.					

	CT	C	NC ND	D	DT
36. Uma rapariga que entra no quarto de um/uma rapaz/rapariga está a concordar ter relações sexuais com ele/ela.					
37. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.					
38. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.					
39. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a/o namorada/o para ter relações sexuais.					
40. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o/a namorado/a.					
41. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o/a namorado/a.					
42. As raparigas têm o direito de dizer aos/às namorados/as como se devem vestir.					
43. Um rapaz deve fazer sempre o que a/o namorada/o lhe diz para fazer.					
44. Se uma rapariga berrar e gritar com o/a namorado/a, não o/a magoa a sério.					
45. As raparigas têm o direito de dizer aos/às namorados/as o que fazer.					
46. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a/o namorada/o quer.					
47. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os/as namorados/as.					
48. Um rapaz deve pedir sempre autorização à/ao namorada/o para sair com os amigos.					
49. Uma rapariga pode dizer mal do/a namorado/a.					
50. É normal uma rapariga gritar com o/a namorado/a quando fica furiosa.					
51. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os/as namorados/as para eles/elas as ouvirem.					
52. Uma rapariga não deve controlar o que o/a namorado/a veste.					
53. Uma rapariga pode bater no/a namorado/a se ele/ela merecer.					
54. Não tem mal se uma rapariga empurrar o/a namorado/a.					
55. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos/as namorados/as.					
56. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da/o namorada/o.					
57. Por vezes, uma rapariga tem de bater no/a namorado/a para ele/ela a respeitar.					
58. Normalmente uma rapariga só bate no/a namorado/a quando ele/ela merece.					
59. Uma rapariga não deve bater no/a namorado/a, independentemente do que ele/ela tenha feito.					
60. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da/o namorada/o.					
61. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do/a namorado/a.					
62. Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao/à namorado/a.					
63. Algumas raparigas têm que bater nos/as namorados/as para serem ouvidas.					
64. Um rapaz deve terminar o namoro com uma/um rapariga/rapaz se esta/este o esbofetear.					
65. Uma rapariga não deve tocar no/a namorado/a a não ser que ele/ela queira.					
66. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.					
67. Um rapaz deve terminar o namoro com a/o namorada/o se ela/ele o obrigar a ter relações sexuais.					
68. Uma rapariga só deve tocar o/a namorado/a nos sítios onde ele/ela quer.					
69. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga/rapaz está a concordar em ter relações sexuais.					
70. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o/a namorado/a a beijá-la.					
71. As raparigas nunca devem embriagar os/as namorados/as para conseguirem ter relações sexuais com eles/elas.					
72. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.					
73. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o/a namorado/a a ter relações sexuais.					
74. As raparigas nunca devem mentir aos/às namorados/as para eles/elas terem relações sexuais com elas.					
75. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a/o namorada/o.					
76. Uma rapariga pode dizer a um rapaz /rapariga que gosta dele/dela só para conseguir ter relações sexuais com ele/ela.					